



CASA, BAIRRO E TRANSIÇÃO

Viver e Habitar no bairro da Madragoa

Ana Maria Rito Fulgêncio Carvalho
(Licenciada em Estudos Arquitectónicos)

Mestrado integrado em Arquitetura, Especialização em Arquitetura de Interiores e Reabilitação do Edificado Projeto final para a obtenção do grau de mestre em Arquitetura

Documento provisório

Orientação científica:
Professora Doutora Maria Manuela Mendes
Professor Doutor Nuno Miguel Gomes Arenga da Cruz Reis

Lisboa, julho de 2019

Título | CASA, BAIRRO E TRANSIÇÃO
Subtítulo | Viver e Habitar no bairro da Madragoa

Autora | Ana Maria Rito Fulgêncio Carvalho
Orientação | Professora Doutora Maria Manuela Mendes
Professor Doutor Nuno Miguel Gomes Arenga da Cruz Reis

Palavras-chave: casa | bairro | transição | rua | limites

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	vii
RESUMO	ix
ABSTRACT	xi
ÍNDICE DE FIGURAS	xiii
01. INTRODUÇÃO	1
02. A LISBOA DO TEJO	7
02.1 breve contextualização	9
02.2 a cidade manuelina	12
03. MADRAGOA	21
03.1 a encosta de Santos à Lapa	22
03.2 uma certa ideia de cidade	43
03.3 escala, morfologia e definição de tipos	51
03.4 leitura do Plano	58
04. CASA, BAIRRO E TRANSIÇÃO	63
04.1 a vida entre edifícios, relações entre a casa e a rua	64
04.2 a rua	71
04.3 o pátio	83
04.4 vãos, soleiras, passagens e limites	88
05. A PROPOSTA	95
05.1 nota introdutória	97
05.2 estratégia de intervenção	99
06. CONSIDERAÇÕES FINAIS	118
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	121
ANEXOS	12
levantamento	127
peças desenhadas	135

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, aos meus pais, irmão e avós, que me acompanharam e apoiaram incondicionalmente ao longo da minha vida.

Aos amigos, que também são família, pela amizade, força, companheirismo e sentido de humor tão necessários ao longo de todo o percurso. Nada seria o mesmo sem vocês.

Aos habitantes da Madragoa, que tão bem me receberam, pelas conversas, honestidade e orgulho no seu bairro e na sua história.

Por fim, aos meus orientadores que aceitaram acompanhar-me neste percurso e que de forma incansável me apoiaram, na dúvida e na certeza, pelas conversas e partilha de conhecimento.

A todos, o mais sincero obrigada.

RESUMO

Lisboa é uma cidade de bairros. Os mais típicos e populares, os bairros históricos, têm o privilégio de representar a história, cultura e génese da cidade. Este tipo de edificado revela-se uma presença expressiva na malha urbana de Lisboa e lá encontramos um modo de vida específico, sustentado pela densidade de ligações humanas e por fortes relações de interconhecimento e vizinhança, cuja alusão a cidade-aldeia carrega uma certa nostalgia.

Contudo, a alteração da estrutura familiar e as recentes pressões sobre a habitação, turismo e quotidianos conduziram este tipo de edificado e modos de vida dos seus habitantes para uma situação de vertigem.

Casa, Bairro e Transição pretende refletir sobre a reabilitação e requalificação das tipologias habitacionais do bairro histórico da Madragoa, cuja precariedade votou o bairro e o seu património edificado, até aos anos recentes, a um certo abandono e negligência, e ainda sobre as relações e apropriações que os seus habitantes estabelecem e protagonizam nos espaços coletivos.

Acreditamos que a valorização deste tipo de edificado e a reflexão sobre os valores patrimoniais, materiais e representativos da identidade podem garantir a reintegração funcional e a diversidade sociocultural nestes tecidos, promovendo não só a valorização deste património, mas também como a sustentabilidade cultural, social e económica do lugar, reconhecendo outros modos de habitar e viver na cidade.

Palavras-chave: casa | bairro | transição | rua | Madragoa

ABSTRACT

Lisbon is a city of neighborhoods. The most typical and popular have the privilege of representing the history, culture and genesis of the city. This type of buildings are an expressive presence in the urban network of Lisbon. In there we can find a specific way of life, sustained by the density of human connections and by strong relations of inter-knowledge and neighborhood, whose allusion to the village-town carry a certain nostalgia.

However, changes in the family structure and recent pressures on housing, tourism and everyday life have led this type of buildings and livelihoods of its inhabitants to a vertigo situation.

Casa, Bairro e Transição intends to reflect on the rehabilitation and requalification of the housing typologies of Madragoa historic neighborhood, whose precarious housing conditions have vindicated the neighborhood and its built heritage, until recent years, to a certain abandonment and negligence, and also about the relations and appropriations that its inhabitants establish and carry out in collective spaces. We believe that the valuation of this type of building and the reflection on heritage, material and identity values can guarantee the functional reintegration and socio-cultural diversity in these urban areas, promoting not only its heritage but also the cultural, social and economical sustainability of Madragoa, recognizing other ways of inhabiting and living within the city.

Key-words: house | neighborhood | transition | street | Madragoa

ÍNDICE DE FIGURAS

001 ortofotomapa do bairro da Madragoa. elaborado pela autora.	4
002 ortofotomapa do quarteirão a intervir no bairro. elaborado pela autora	5
003 ortofotomapa da cidade de Lisboa, imagem da autora produzida através do Google Earth pro	8
004 planta que mostra os braços do Tejo que ocupavam o sítio onde agora é a Baixa de Lisboa. Autor desconhecido, fonte: https://fotos.web.sapo.io/	10
005 Lisboa e a sua relação com o estuário do Tejo. Plan du Port de Lisbonne, 1764, autor desconhecido, BND, disponível em: http://purl.pt/1525	11
006 Olissipo, 1541-1622, Georg Braun, BND, disponível em: http://purl.pt/3384	11
007 Vista sobre a cidade de Lisboa no século XVI, autor e data desconhecidos, fonte: Centro de Cartografia da FAUL	13
008 <i>Planta da cidade de Lisboa, na margem do rio Tejo: desde o Bairro Alto até Santo Amaro</i> , 1590, Walter Rossa, fonte: Biblioteca Nacional do Brasil: Acervo digital, disponível em: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_cartografia/cart1044544/cart1044544.html	15
009 reconstrução de Lisboa manuelina, onde se vê a relação da cidade de raiz islâmica, no interior da muralha e as expansões manuelinas extra muralhas. elaborado pela autora com base nas cartografias históricas, 2019	17
010 Localização do bairro da Madragoa na cidade de Lisboa, elaborado pela autora (2018), a partir do Google Earth pro	19
011 varinas à beira do mar, autor Artur Pastor, fonte: AML	20
012 cortejo régio a passar pela Igreja de Santos em meados do século XIX. autor Tony de Bergue.(1836), fonte: AML	23
013 Largo e convento da Esperança no século XIX, autor Roque Gameiro, fonte: AML	26
014 gravura do Convento da Esperança (década de 50), autor Eduardo Portugal, fonte: AML	26
015 Rua da esperança, autor e data desconhecidos, fonte: AML	27
016 Varinas no jardim Nuno Álvares em Santos, autor Joshua Benoiel (1912) , fonte: AML	27

017 varinas à espera do peixe (1912), autor Joshua Benoliel, fonte: AML	28
018 varinas nas Janelas Verdes, data desconhecida, fotografia de Eduardo Portugal, fonte:AML	28
019 Trabalhos no Tejo na década de 60, autor Artur Pastor, fonte: AML	29
020 Planta topographica da cidade de Lisboa, (século XIX), autor Carlos Mardel (1948). Fonte: Centro de Cartografia da FAUL.	31
021 trabalhos na construção naval em Lisboa, autor Artur Pastor (década de 40) fonte: AML	33
023 Varinas junto às embarcações, no aterro da Boavista (1914) autor desconhecido, fonte: AML	35
022 vista sobre a zona de Santos (1906), autor desconhecido, fonte: AML	35
024 linha do americano no aterro da Bela Vista, autor José Chaves Cruz (1880), AML	36
025 manifestação de varinas e vendedoras ambulantes pelo direito à venda do peixe em Santos, autor Joshua Benoliel (1912) , fonte: AML	36
026 Panorâmica de Santos e sua envolvente (1900), autor Judah Benoliel, fonte: AML	39
027 esquema da evolução da linha de costa em Santos. Análise da autora (2018) com base nas cartografias históricas.	41
028 pesca no rio Tejo Lisboa, década de 60, autor Artur Pastor, fonte: AML	42
029 variação do número de AL registados na freguesia da Estrela entre 2010 e 2018. análise da autora, fonte: CML, <i>Estudo Urbanístico do Turismo em Lisboa</i> .	45
030 variação da população em Santos-o-Velho entre os anos de 1960 e 2011. análise da autora a partir dos censos. fonte: INE	46
031 crianças e varinas na Travessa do Pasteleiro na década de 50, autor Eduardo Portugal, fonte: AML	47
032 crianças a brincar na rua da Esperança, junto ao Convento das Bernardas, autor Amadeu Ferrari, data desconhecida, fonte: AML	48

033 crianças, varinas e vendedoras ambulantes na Rua das Madres, ao fundo a Travessa do Pasteleiro, década de 50, autor Eduardo Portugal, fonte: AML	49
034 Madragoa na década de 50, de notar as roupas estendidas e as plantas que decoram as varandas. Na rua um senhor faz uma pausa na ronda. autor Eduardo Portugal, fonte: AML	50
035 Esquema da orientação das travessas, a amarelo, nas malhas urbanas do Bairro Alto, Bica e Madragoa in <i>Cadernos de Morfologia Urbana: Os Elementos Urbanos</i> (2015), p. 111	53
036 Rua da Esperança, autor Eduardo Portugal, data desconhecida, fonte: AML	56
037 varanda e fachada azulejar na Rua da Esperança, autor e data desconhecidos, fonte: AML	57
038 janela decorada na altura dos Santos populares, década de 60, autor desconhecido fonte: AML	57
039 moradores reunidos na Rua da Madres, década de 50, autor Eduardo Portugal, fonte: AML	57
040 grupo de crianças pousam para a fotografia na Travessa do Pasteleiro, Arnaldo Madureira (1961), fonte: AML	57
041 Ortofotomapa e planta de localização e limites do PPRUM, autor CML, fonte: PPRUM	60
042 Planta de usos do edificado na Madragoa, autor CML, fonte PPRUM	60
043 Estado de conservação do edificado na área abrangente pelo plano, autor CML, fonte PPRUM	61
044 Património Edificado, Azulejar e arqueológico. Autor CML, fonte PPRUM	61
045 Intervenção de Aldo Van Eyck num logradouro na Holanda na década de 50, convertendo-o como espaço de recreio e lazer, autor desconhecido, fonte: http://socks-studio.com/img/blog/van-eyck-playgrounds-03.jpg	67
046 Intervenção de Aldo Van Eyck num espaço obsoleto da cidade, autor desconhecido, fonte: https://undiaunaarquitectura.wordpress.com/2015/04/20/jakoba-mulder-1900-1988/mulder06/	67

047 Girl talk, Salfourd. crianças sentadas à soleira da porta, autor John Chillingworth (1951), fonte: http://www.johnchillingworth.co.uk/ic06.htm	68
048 conversas à porta no lar de idosos De Drie Hoven de Herman Hertzberger, fonte: HERTZBERGER, Herman (1999), <i>Lições de Arquitectura</i> , p. 35	69
049 apropriação do espaço da rua na Madragoa, Rua da Madres, fotografia da autora (2018)	70
050 Diagrama da rua <i>domesticada</i> , in MONTEYS, Xavier, <i>Rehabitar en nueve episodios</i> .	72
051 Apropriação da rua como espaço de descanso na Baixa de Lisboa, autor Eduardo Gageiro, data desconhecida, fonte: AML	73
052 mercearia em Lisboa na década de 50, autor Artur Pastor, fonte: AML	74
053 pavimento na Acrópole, Atenas, projeto de Dimitris Pikionis (1957), autor desconhecido, fonte: https://i.pinimg.com/564x/e2/94/4d/e2944d5bc571bb8fd6550c6991eab5c3.jpg	77
054 detalhe da textura e variação do pavimento na Acrópole, Atenas, projeto de Dimitris Pikionis (1957), autor desconhecido, fonte: https://66.media.tumblr.com/tumblr_mc2gzgiM7T1r4whgbo3_250.jpg	78
055 detalhe no desenho do pavimento no Kolumba Museum de Peter Zumthor, Alemanha, autor desconhecido, fonte: https://farm3.static.flickr.com/2213/2226755671_c85e92fcf2.jpg	79
056 Percurso pedonal na Baixa Chiado, do Arquiteto Falcão de Campos (2013). fonte: https://www.archdaily.com/593697/pedestrian-assisted-path-from-baixa-to-castelo-de-sao-jorge-falcao-de-campos	80
057 detalhe da materialização do pavimento do percurso pedonal da estação de metro Baixa Chiado ao elevador do Castelo, projeto de Falcão de Campos (2013), autor Falcão de Campos, fonte: https://www.archdaily.com/593697/pedestrian-assisted-path-from-baixa-to-castelo-de-sao-jorge-falcao-de-campos	81
058 planta do percurso pedonal na Baixa Chiado, Falcão de Campos (2013). Nesta planta é possível perceber a intenção de não intervir nas ruas de maior hierarquia da Baixa, deixando a interseção entre estas em vazio. fonte: https://www.archdaily.com/593697/pedestrian-assisted-path-from-baixa-to-castelo-de-sao-jorge-falcao-de-campos	81
059 Pátio do Carrasco na década de 40, Lisboa, autor Artur Pastor, fonte: AML	82

060 Pátio B do Arquiteto Siza Vieira na Baixa Chiado, autor e data desconhecida in <i>Atalhos Urbanos – O exemplo do Chiado: cinco estudos de caso</i> , FIGUEIREDO, Rui, Tese de Mestrado, p. 34	84
061 Pátio A, Chiado, Siza Vieira, in <i>Atalhos Urbanos – O exemplo do Chiado: cinco estudos de caso</i> , FIGUEIREDO, Rui, Tese de Mestrado, p. 34	84
062 a apropriação do espaço do pátio no Convento das Bernardas, do arquiteto Eduardo Souto de Moura (2012), autor Juan Lagares, fonte: https://juancalagares.com/project/rehabilitacion-del-convento-das-bernardas/	85
063 Relação entre a casa e o pátio no projeto de Harald Schönegger + Inmaculada González (2014), Sevilla, autor Fernando Alda, fonte: http://www.fernandoalda.com/es/trabajos/arquitectura/900/rehabilitacion-de-una-vivienda-en-el-casco-historico-de-sevilla	86
064 Os bancos e degraus como elementos de transição e de marcação dos diferentes domínios do espaço no Convento das Bernardas (2012), Algarve, do arquiteto Eduardo Souto de Moura, autor Juan Lagares, fonte: https://juancalagares.com/project/rehabilitacion-del-convento-das-bernardas/	89
065 Passagem e enfiamento no Convento das Bernardas (2012), Algarve, do arquiteto Eduardo Souto de Moura, autor Juan Lagares, fonte: https://juancalagares.com/project/rehabilitacion-del-convento-das-bernardas/	89
066 Demonstração de um percurso e da visão serial na cidade, autor Gordon Cullen, fonte: Cullen, Gordon (1971), <i>Paisagem Urbana</i> , p. 19	91
067 Relação entre a casa e a rua e a passagem para o pátio no projeto de Harald Schönegger + Inmaculada González (2014), Sevilla, autor Fernando Alda, fonte: http://www.fernandoalda.com/es/trabajos/arquitectura/900/rehabilitacion-de-una-vivienda-en-el-casco-historico-de-sevilla	92
068 Relação entre a casa, a rua e a passagem para o pátio no projeto de Harald Schönegger + Inmaculada González (2014), Sevilla, autor Fernando Alda, fonte: http://www.fernandoalda.com/es/trabajos/arquitectura/900/rehabilitacion-de-una-vivienda-en-el-casco-historico-de-sevilla	93
069 A relação e passagem entre as cotas do pátio B e a rua do Carmo no projeto de Siza Vieira na Baixa Chiado, autor desconhecido, fonte: <i>Atalhos Urbanos – O exemplo do Chiado: cinco estudos de caso</i> , FIGUEIREDO, Rui, Tese de Mestrado, p. 37	94
070 diagrama da estratégia geral de intervenção (2019), elaborado pela autora	101

071 esquiço sobre os atravessamentos no logradouro, desenho da autora.	102
072 detalhes sobre o desenho do pavimento, desenho da autora.	103
073 atravessamentos e logradouro, desenho da autora.	105
074 esboço da passagem para o interior, desenho da autora.	106
075 exploração da casa-atelier e desenvolvimento da habitação para o logradouro na Rua das Madres 11-15. desenho da autora.	108
076 esquiço sobre o acesso de escadas, desenho da autora.	109
077 desenho sobre uma tipologia t2 e estudos de fachada na Rua das Madres 17-17a, desenho da autora.	110
078 relação entre a cota da Rua das Madres e o logradouro e da exploração da casa-atelier, desenho da autora.	111
079 esquiço sobre a loja e tipologia estúdio, desenho da autora.	112
080 exploração da casa-atelier, desenho da autora.	113
081 estudo sobre o edifício na Rua das Madres 23-27, desenho da autora.	114
082 exploração da habitação, desenho da autora.	115
083 estudo sobre a atmosfera da sala e cozinha, desenho da autora.	116
084 estudo sobre a casa estúdio e o saguão no edifício da passagem, desenho da autora.	117

*“Eu fui. Mas o que fui já não me lembra:
Mil camadas de pó disfarçam, véus,
Estes quarenta rostos desiguais.
Tão Marcados de tempo e macaréus.*

*Eu sou. Mas o que sou tão pouco é:
Rã fugida de charco, que saltou,
E no salto que deu, quando podia,
O ar dum outro mundo a rebentou.*

*Falta ver, se é que falta, o que serei:
Um rosto recomposto antes do fim,
Um canto de batráquio, mesmo rouco,
Uma vida que corra assim-assim.”*

- José Saramago, Passado, presente, futuro in Poemas

Possíveis, p. 36

01. INTRODUÇÃO

O que significa projetar hoje num bairro histórico de Lisboa?

Nos últimos anos, a realidade dos bairros históricos e tradicionais de Lisboa foi cada vez mais de desenquadramento em relação ao resto da cidade. Embora a sua localização seja privilegiada no contexto da cidade, a situação atual de quem aqui vive é inquietante. O envelhecimento acentuado da população residente, o esvaziamento, a perda de vitalidade e a dificuldade em atrair e fixar nova população foi até recentemente uma tendência visível nestes lugares. As causas do problema são várias e complexas. Desde o desajuste das condições habitacionais, que não se adequam às necessidades atuais, a razões associadas a lógicas de turismo e especulação imobiliária, inflacionando valores de renda em habitações pouco qualificadas.

Nestes bairros, entre outras questões, importa sobretudo compreender as tipologias habitacionais plurifamiliares que formam estes conjuntos, que carregam o peso da história e tipicidade lisboeta, revelando que se torna cada vez mais urgente de forma a delinear estratégias de atuação capazes de reverter as tendências atuais e valorizar a cultura e identidade popular do lugar. Com origem quinhentista, o bairro da Madragoa surge como uma oportunidade para refletir o papel da arquitetura na mediação entre as transformações da sociedade e a tradição do lugar e das pessoas.

O presente trabalho tem como objetivo principal compreender tanto a raiz das habitações correntes no bairro da Madragoa, bem como relacionar questões formais que influenciam a apropriação e sentimento do Homem perante o espaço que habita. Embora o enfoque do trabalho seja a habitação, sugere-se um olhar mais abrangente e atento ao lugar em que as habitações em análise se inscrevem. Através da reflexão sobre um lugar onde se privilegia um modo de vida popular, pretende-se aferir quais as características, formais, construtivas e identitárias que qualificam este modo de habitar a cidade, de forma a elaborar estratégias de intervenção nas habitações, adequando-as às necessidades de habitação na contemporaneidade. Partindo, ainda, da premissa que reabilitar um bairro histórico pode gerar uma maior inclusão social e territorial, contribuindo para a afirmação dos valores patrimoniais, materiais e identitários e garantindo a reintegração funcional e a diversidade sociocultural e arquitetónica nestes tecidos.

Afinal, qual o papel da arquitetura na requalificação destes lugares?

Perante a realidade que se vive no centro histórico de Lisboa, onde, apesar dos esforços recentes, ainda não se conseguiu reverter o agravamento da gentrificação e a deterioração do património habitacional, emerge a oportunidade de olhar para o núcleo do bairro da Madragoa, provavelmente o menos estudado dos bairros populares lisboetas, e perceber qual o contributo que uma proposta arquitetónica pode dar para a solução dos problemas enunciados. Para tal, formularam-se duas questões de investigação que se centram na importância e pertinência em abordar o tema da habitação num bairro histórico de Lisboa, a saber:

Q 01. De que modo é possível adaptar e valorizar tipologias de habitação popular, concentradas no centro histórico de Lisboa, às necessidades de habitação contemporâneas?

Q 02. De que forma é que a reabilitação e intervenção urbana no património pode ajudar a reavivar a identidade e memória de um lugar e a valorizar o modo de vida característico destes lugares?

H 01. Embora o património habitacional popular nestes locais tenha características diversas e específicas, ao repensar os limites da casa e a forma como esta se liga aos elementos urbanos que a circunscrevem, é possível adequar estas tipologias às necessidades de habitação contemporâneas, dotá-las de qualidades espaciais mais atrativas e melhorar as condições dos moradores atuais e futuros.

H 02. A intervenção nos bairros populares e nas suas tipologias habitacionais melhora as suas condições de habitabilidade, assegurando a igualdade de oportunidades dos cidadãos no acesso à habitação e à cidade. Ao mesmo tempo, potencia a qualificação e integração de áreas urbanas vulneráveis, promovendo uma maior inclusão social e coesão territorial. Contribuí ainda para a afirmação dos valores patrimoniais, materiais e representativos de identidade destes garantindo a reintegração funcional e a diversidade sociocultural nestes tecidos. Ao refletir sobre a casa, o bairro, a rua, e os espaços de transição, capazes de pertencer ao domínio público e privado, é possível promover não só a valorização deste património, bem como a sustentabilidade cultural, social e económica destes espaços urbanos, oferecendo um novo modo de habitar e viver a cidade e pensar a casa.

A presente investigação resulta de um processo que se divide em duas partes que se desenvolveram em simultâneo. A primeira, de enquadramento teórico, na qual se procura aprofundar o conhecimento sobre o lugar, na sua multiplicidade de escalas e complexidade de relações, para compreender melhor os modos de habitar no bairro e na cidade, sendo necessário complementar as perspetivas teóricas com métodos de investigação que implicam um contato direto e *in situ*

com o lugar de intervenção, para compreender as suas valências e carências, bem como a relação dos moradores com o lugar e forma que estes vivem o espaço. Numa segunda abordagem, de teor prático, aprofundou-se o conhecimento sobre a história e contexto do lugar através da análise e comparação de documentação cartográfica e levantamento, que permitiu, além de caracterizar a evolução das tipologias habitacionais, perceber quais os elementos arquitetónicos de valor, quais os elementos a reabilitar e quais são passíveis de ser removidos. Consegue-se ainda compreender quais os elementos da forma que influenciam o comportamento dos moradores e caracterizam o modo como habitam estes espaços. Após a análise da informação recolhida e processada, desenvolve-se, então, a proposta de reabilitação e requalificação do lugar.

O documento organiza-se em cinco capítulos que seguem uma lógica de aproximação ao tema e lugar. No capítulo 02. A LISBOA DO TEJO, faz-se uma contextualização sobre o território, história e expansão de Lisboa que deram origem à cidade manuelina e primeiras expansões extra muralhas.

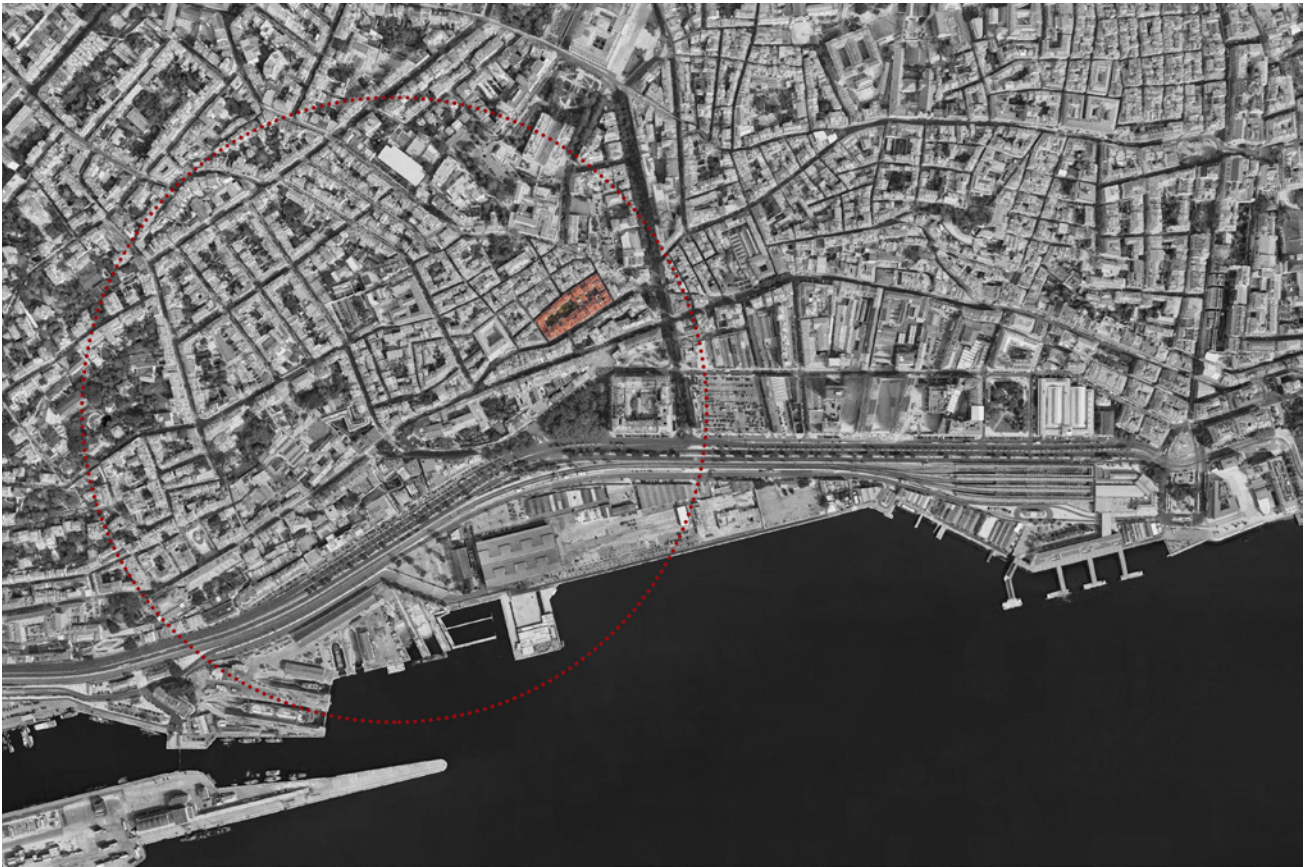
De seguida, no capítulo 03. MADRAGOA conhecemos a história e génese do bairro, para melhor compreender as suas características formais e identitárias. Terminamos este capítulo com a reflexão sobre a sua condição atual e futura do bairro, através da leitura e interpretação do Plano de Pormenor previsto para o bairro.

No capítulo 0. CASA, BAIRRO E TRANSIÇÃO, são explorados temas de referência para as lógicas de ação e posicionamento arquitetónico adotado, que se consideram importantes para a ativação dos laços tradicionais e relações pessoais. Neste capítulo abordamos o modo como os moradores do bairro se apropriam e vivem o espaço e falamos ainda dos conceitos de relação e transição entre os espaços domésticos e coletivos, numa abordagem mais conceptual, a partir da visão de diversos autores e de exemplos da sua tradução na arquitetura e por conseguinte, na cidade e desenho do espaço. Este capítulo sugere a abordagem em duas escalas, a da casa, como o espaço privado, a do bairro, como espaço público, cuja sobreposição se traduz no domínio da transição que fazem a mediação entre a rua e o edifício.

Por fim, em 05. PROPOSTA, descrevemos a intervenção e intenções do projeto, desde a sua expressão urbana à forma arquitetónica, tentando demonstrar a pertinência dos temas explorados anteriormente na solução final.



001 | ortofotomapa do bairro da Madragoa. elaborado pela autora.

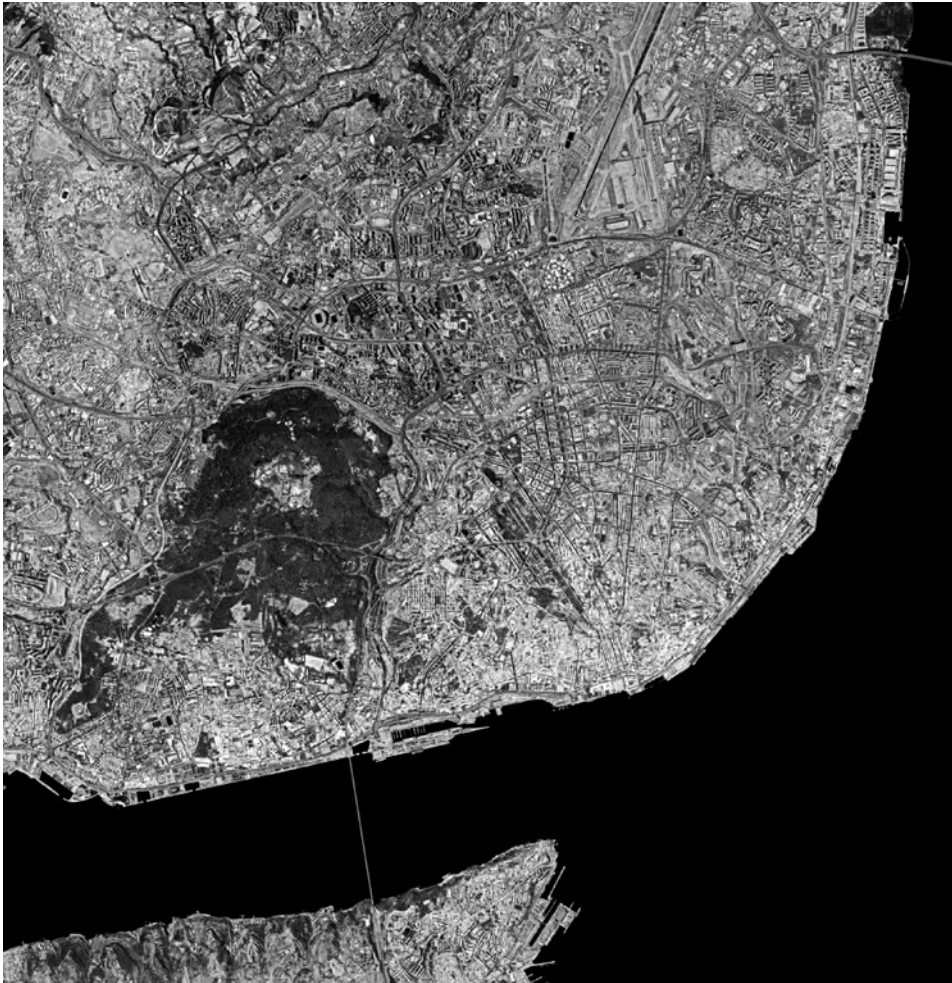


002 | ortofotomapa do quarteirão a intervir no bairro, elaborado pela autora

02. A LISBOA DO TEJO

“(...) quem ali fosse repoisadamente espairecer a alma na contemplação do Tejo, este nosso Tejo azul nacarado, esta bahia sem rival; (...) podia dizer, com entranhado gosto, que presenciava um dos espectaculos mais pitorescos, mais variados, e mais attractivos, de todo o mundo.”¹

¹ CASTILHO, Júlio, *A Ribeira de Lisboa*, Livro I, capítulo I, p. 3



003 | ortofotomapa da cidade de Lisboa, imagem da autora produzida através do Google Earth pro

breve contextualização

Lisboa, cidade atlântica localizada no limite ocidental da Europa, nasce numa paisagem acidentada de colinas e encostas pousadas no Tejo. Deste rio que também é mar, fez o destino um dos maiores portos naturais do mundo, cuja baía sem rival, oferecia condições de ocupação singulares, onde o clima de exceção e a abundância da fauna e flora tornam evidente o motivo que levou à fixação de população nas sete colinas. Aos vestígios da idade do Ferro, sobrepõem-se os da ocupação Fenícia, Romana e do domínio muçulmano. Foi na Colina do Castelo, a mais alta de Lisboa, que se fixou o berço da cidade, outrora ladeado por um cais natural confluyente dos dois ribeiros das encostas vizinhas². O rio representava então uma fonte inesgotável que dotou a cidade de uma posição geográfica muito favorável para a navegação fluvial e o comércio mercantil.

Em 1147, durante a expansão do reino de Portugal, D. Afonso Henriques toma a cidade aos mouros. No final do século XIII Lisboa concentrava o poder económico e político, pela sua posição privilegiada e porto fluvial e marítimo, ascendendo a capital. Afirmada cidade portuária, a zona ribeirinha transforma-se numa azáfama de gentes e trocas comerciais. Assim, o rápido crescimento da população lisboeta obriga a extensão dos limites da antiga cerca, sendo edificada, em 1375, a Cerca Fernandina (ou Cerca Nova). A nova cintura funcionou como limite urbano de ocupação até ao século XV, quando os feitos das conquistas marítimas dos Descobrimientos, as trocas comerciais com o Oriente, a miragem do ouro e das especiarias e uma nova explosão demográfica forçou uma nova expansão dos limites da cidade. É junto às margens do estuário do Tejo que a população ligada às atividades do mar se vai fixando. A norte da cidade, os burgueses, fidalgos e mercadores procuram terras desafogadas e campestres, com melhores exposições solares e comunicações mais amplas, para erguerem palácios, conventos e igrejas. Desde então Lisboa foi transpondo os limites muralhados para ocidente, em estrita relação com o Tejo, que ainda hoje testemunha as nossas vidas.

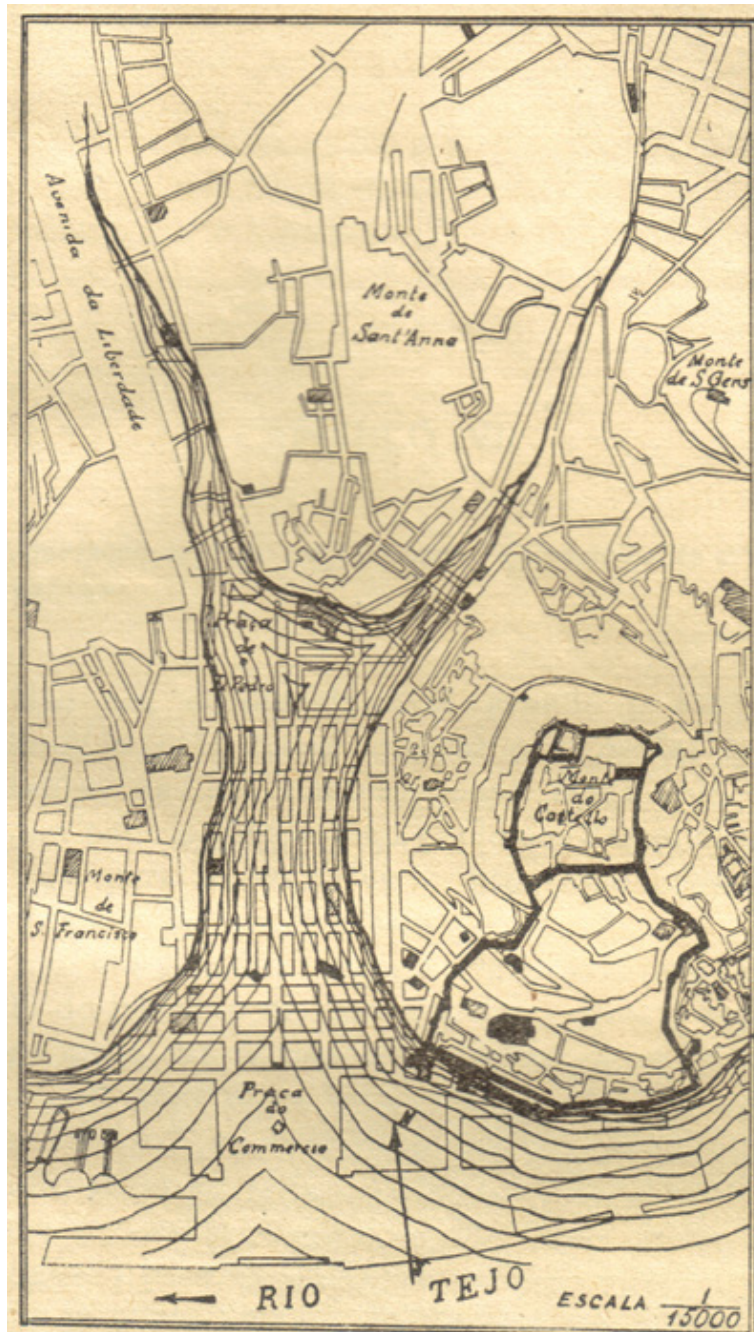
*“Por toda a longa orla meridional d’esta Cidade, uma das mais marinheiras da Península, expande-se em cheio a actividade naval incançavel do Lisboeta. Do mar, não desgosta, em geral, o Portuguez; mas o Lisboeta quer-lhe muito.”*³

*“Lisboa nos finais do séc. XV e princípios do século XVI vive uma espécie de euforia económica e social. Às margens do Tejo chegam todos os dias caravelas e embarcações das mais variadas procedências. Na miragem do ouro da mina e das especiarias. Lisboa enche-se de gente das mais diversas paragens.”*⁴

² Este cais localizava-se na zona da Baixa e resultava da confluência dos dois ribeiros que desciam pelas Avenidas da Liberdade e Almirante Reis.

³ CASTILHO, Júlio, *A Ribeira de Lisboa*. Livro I, capítulo I, p. 5

⁴ Carita, Hélder, *Bairro Alto: Tipologias e Modos Arquitectónicos*, p. 103



Planta que mostra o local, exacto ou aproximado de alguns edificios ou monumentos de Lisboa anteriores à conquista cristã no ano de 1147, o traçado das muralhas moiriscas, e a situação aproximada do esteiro do Tejo que penetrava por onde é agora a Cidade Baixa, e que desapareceu por completo até aos fins do século XIII

004 | planta que mostra os braços do Tejo que ocupavam o sítio onde agora é a Baixa de Lisboa. Autor desconhecido, fonte: <https://fotos.web.sapo.io/>



005 | (em cima) Lisboa e a sua relação com o estuário do Tejo. Plan du Port de Lisbonne, 1764, autor desconhecido, BND, disponível em: <http://purl.pt/1525>

006 | (em baixo) Olissipo, 1541-1622, Georg Braun, BND, disponível em: <http://purl.pt/3384>

a cidade manuelina

Na época dos Descobrimentos caravelas, galeões, urcas e catraias chegavam e partiam diariamente do Tejo, na miragem do novo mundo, à descoberta de novas terras e novas estrelas. No decorrer do século XVI, o centro da cidade deslocou-se do Paço da Alcáçova para as margens do Tejo, que passa a ser o símbolo de poder e prosperidade da capital. Mas a entrada e saída de barcadas diversas, a chegada do ouro e do marfim e de diversas gentes significava também a chegada de doenças, pragas, e pestes, que depressa proliferavam no emaranhado de ruas tortuosas e estreitas que caracterizavam a capital medieval de forte raiz islâmica.

O acentuado crescimento demográfico de Lisboa, capital de um novo império e sede de uma coroa cada vez mais enriquecida pelas atividades marítimas, revelava-se incompatível com a realidade da cidade medieval, onde urgiam problemas de saneamento e segurança. A incapacidade de esta dar resposta às transformações socioeconómicas que se viviam, em conjunto com os efeitos da crise quatrocentista, levaram D. Manuel assinar um conjunto de cartas régias (1499 e 1502) que assinalavam *a expressão duma nova atitude perante a cidade*⁵. As cartas régias reúnem um conjunto de medidas que traduziam normas de um novo modelo urbano-arquitetónico, que se opunha à cidade medieval e apostava no enobrecimento, reformulação e expansão da cidade de Lisboa.

*“Tentando atenuar os efeitos do crescimento demográfico, D. Manuel começa por ordenar (...) que se deribem os olivais de muros adentro, fossem de quem fossem, Igreja, Mosteiro, morgados ou grandes senhores e se processasse o seu loteamento para construção de casas.”*⁶

Lisboa iniciava o assim seu crescimento para ocidente, no início do século XVI. O modelo manuelino veio dotar a arquitetura da cidade de uma imagem muito própria, ordenada segundo o ideal de ruas largas e desafogadas. Colocados os interesses da cidade acima de qualquer outro, derrubaram-se os campos e olivais do interior das cercas conventuais, entre as terras que se estendiam de Santa Catarina à Esperança. Os primeiros bairros da cidade moderna, de traçado ainda apertado, seguiam uma malha tendencialmente ortogonal e regular ordenada segundo o sistema hierárquico *rua-travessa*⁷. As novas construções adotaram um novo sistema construtivo em alvenaria de pedra e tijolo que permitia que o desenho das fachadas respeitasse um certo nível de métrica e proporção, o que veio imprimir na cidade uma nova imagem de arquitetura popular. Falamos, claro, das *“expansões construídas no exterior da muralha de D. Fernando: Vila Nova de Andrade (Bairro Alto), Santa Catarina, Santa Marta e Esperança (Madragea).”*⁸

⁵ Carita, Hélder, *Bairro Alto: Tipologias e Modos Arquitectónicos*, p. 16.

⁶ Carita, Hélder, *Bairro Alto: Tipologias e Modos Arquitectónicos*, p. 18.

⁷ O modelo rua-travessa é identificado por Hélder Carita como um modelo urbano recorrente em Lisboa a partir do século XIV. Este modelo consiste na organização hierárquica das vias principais – ruas –, paralelas às curvas de nível e vias secundárias – travessas –, perpendiculares a estas. Mais tarde o modelo urbano evoluiu para uma malha ortogonal regular, composta por ruas, de orientação dominante, com as quais são concorrentes as travessas, com menor comprimento e largura.

⁸ PEREIRA, Nuno Teotónio, BUARQUE, Irene, *Prédios e Vilas de Lisboa*, p. 14.







008 | Plano de loteamento da frente ribeirinha de Lisboa, onde são visíveis os traçados do Bairro Alto, Bica e Madragoa (da direita para a esquerda). *Planta da cidade de Lisboa, na margem do rio Tejo: desde o Bairro Alto até Santo Amaro*, 1590, Walter Rossa, fonte: Biblioteca Nacional do Brasil: Acervo digital, disponível em: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_cartografia/cart1044544/cart1044544.html





009 | reconstrução de Lisboa manuelina, onde se vê a relação da cidade de raiz islâmica, no interior da muralha e as expansões manuelinas extra muralhas. elaborado pela autora com base nas cartografias históricas, 2019





010 | Localização do bairro da Madragoa na cidade de Lisboa, elaborado pela autora (2018), a partir do Google Earth pro



011 | varinas à beira do mar, autor Artur Pastor, fonte: AML

03. MADRAGOA

*“Uma saudade do mar, tem
Seu monumento em Lisboa
Velho bairro popular
Sombrio e vulgar
Que é a Madragoa”*

- Fado da Madragoa, Amália Rodrigues

a encosta de Santos à Lapa

“Terá esta zona, assim como outras que compõem a região de Lisboa, sido sucessiva e densamente povoada, em termos relativos, a partir do paleolítico, não tanto pela sua ligação privilegiada ao Atlântico, mas sobretudo pela excelente exposição a Sul, num território muito fértil, com fauna e flora abundantes, da qual não se poderá dissociar o rio Tejo, com o seu riquíssimo mar da Palha.”⁹

A encosta de Santos, sítio da Madragoa, terá desde cedo atraído a fixação de povos pela fertilidade dos solos plantados à beira rio. Sabe-se ter sido povoada desde o século IV¹⁰, quando no lugar onde hoje se encontra a Igreja de Santos esteve um templo, em honra dos irmãos mártires supliciados durante a ocupação romana: Veríssimo, Máxima e Júlia.

Após a conquista de Lisboa aos mouros (1147), D. Afonso Henriques ordenou a elevação de uma ermida em Santos, no sítio primeiramente ocupado pelo templo paleocristão. A igreja de Santos assume então um papel polarizador na expansão e centralidade do bairro. Era naquele edifício religioso, *“um verdadeiro promontório sacro debruçado sobre o Tejo”¹¹*, que terminava o aglomerado da cidade e principiava o campo, como nos conta Damião de Góis: *“(...) da banda do Poente, isto é, para quem viesse de Belem, a cidade de Lisboa, começava a bem dizer, em Santos. Até ahi eram suburbios muito campestres”¹²*. A norte da igreja de Santos seguia paralelo ao rio o *caminho da Esperança*¹³, um trilho tortuoso por onde seguia o todo o trânsito, nobre e plebeu, em direção à zona ocidental de Lisboa.

Ao longo dos anos, o crescimento demográfico que se fez sentir na cidade levou Lisboa a transpor o limite das suas muralhas, primeiramente da cerca Moura e depois da cerca Fernandina. A instalação da residência real no Paço da Ribeira (início do século XVI) e a euforia dos Descobrimientos portugueses acentuou o desenvolvimento da cidade em relação ao rio. Nesta época, a paisagem de Santos destacava-se pela riqueza e beleza campestre daquelas terras banhadas pelo rio e a tão curta distância do centro da cidade. Tais qualidades não passaram despercebidas ao rei D. Manuel que cobiça a posição de destaque daquele edifício sacro e a sua grande proeminência face ao Tejo, o ordenando lá erguer o Paço Real de Santos.

9 CARVALHO, José Silva, *Madragoa: Sons e Arquiteturas*, pp. 14-16

10 Segundo o PPRUM teria existido uma lápide romana com inscrições funerárias nos jardins do Paço de Santos (século XVI), o que comprova a ocupação romana na zona. Encontra-se também, no Museu da Cidade, uma lápide funerária árabe encontrada na Rua das Madres.

11 CML, *PPRUM, Volume 1: Relatório Final*, p. 39

12 CASTILHO, Júlio cit. Damião de Góis, *A Ribeira de Lisboa*, Livro V, capítulo I, p. 576

13 CARVALHO, José Silva, *Madragoa: Sons e Arquiteturas*, p. 24. O caminho da Esperança, que ligava as portas de Santa Catarina a Belém, era uma Rua Direita e seguia pelas atuais Calçada do Combro, rua Poço dos Negros, rua da Esperança, de Santos-o-Velho e das Janelas Verdes.



012 | cortejo régio a passar pela Igreja de Santos em meados do século XIX. autor Tony de Bergue.(1836), fonte: AML
Note-se a proximidade entre a igreja de Santos e o rio.

“Uma larga escadaria fazia a ligação directa do rio a este grande conjunto constituído por uma fragmentada construção composta por diversas volumetrias, de onde sobressaía um imponente torreão junto de um comprido edifício de dois pisos, com uma galeria aberta em todo o seu comprimento a sul, para os jardins do Paço Real e para o Tejo.”¹⁴

O Paço Real de Santos despoletou o primeiro surto urbanístico na zona. Nos anos seguintes, ao longo da Rua Direita da Esperança novos conventos e casas senhoriais se fixaram. Em 1530, a norte do bairro, ergue-se o Convento da Esperança. No final do mesmo século o Palácio dos Duques de Aveiro, a sul do Convento da Esperança, com o qual delimitava um largo homónimo¹⁵. Foram estes os primeiros de muitos palácios e conventos que se vieram instalar na Madragoa: o Convento das Inglesinhas, em 1594, o Mosteiro das Albertas, em 1584 e o Convento dos Marianos, em 1606. À exceção da propriedade fidalga, as terras de Santos eram maioritariamente exploradas pelas ordens religiosas, sendo as atividades agrícolas e marítimas as de maior relevância.

“Ao fundo da sua praça tinha ultimamente o mosteiro da Esperança um ar aldeão, que era só por si uma delicia. (...) Para diante umas casas pequenas, dependencias do mosteiro (...) seguiam até á esquina da rua da Esperança para a do Poço dos negros. Baixas, irregulares, musgosas, completavam, com as suas sacadas, cheias de manjeriões e sardinheiras, aquelle fragmento de quadro provinciano.”¹⁶

No século XVI, por alvará régio, as ordens religiosas ergueram pequenas casas no interior das suas cercas, cujo eventual aforamento terá possibilitado a fixação de gentes fortemente enraizadas com as práticas agrícolas, piscatórias e marítimas, não se encontrasse o Tejo ali aos pés, dando origem ao pequeno, popular e fechado núcleo primitivo da Madragoa: o Mocambo¹⁷. O novo bairro do Mocambo apresentava uma malha ortogonal, organizada por ruas paralelas ao rio e por travessas perpendiculares a este, manifestando a vontade de uma estrutura urbana semelhante à do Bairro Alto. No entanto, a sua condição ribeirinha e subordinação a uma morfologia de terreno acidentada e pré-existências edificadas não permitiram que este fosse completamente regular.

“(...) uma hipótese (...) segundo a qual teria havido um plano urbanístico à semelhança do Bairro Alto, talvez ainda do século XVI, para o pequeno, popular e fechado bairro do Mocambo. De facto a malha urbana do núcleo aponta para uma ortogonalidade que se duvida ser espontânea.”¹⁸

14 Descrição do Paço Real de Santos in CARVALHO, José Silva, *Madragoa: Sons e Arquitecturas*, p.25

15 O Largo da Esperança era delimitado pelo convento da Esperança, a norte, e pelo Palácio dos Duques de Aveiro, a sul. Lá foi construído o Chafariz da Esperança, da autoria do arquiteto Carlos Mardel, em 1752, o único classificado na cidade.

16 CASTILHO, Júlio, *A Ribeira de Lisboa*, Livro IV, capítulo X, pp. 553-554

17 Mocambo, terá sido o primeiro nome do bairro da Madragoa. Júlio de Castilho atribui a origem do nome à presença de escravos negros no local. Isabel Castro Henriques e Pedro Pereira Leite explicam, no trabalho Lisboa, Cidade Africana — Percursos e Lugares de Memória da Presença Africana, Séculos XV-XXI, aquilo que acreditam ser um único na Europa; um bairro com um nome africano no centro da cidade. Em umbundo (um dialeto angolano) 'Mocambo' significa 'pequena aldeia ou lugar de refúgio'. A forte necessidade de dispersar população do centro da cidade, cuja malha não suportava o acentuado crescimento demográfico poderá justificar a origem deste caso singular.

18 CML, *Pelouro da Reabilitação Urbana dos Núcleos Históricos*, p. 108

Mas para além das religiosas dos conventos que ali existiam, dos pescadores marinhos e artesãos, também lá habitavam negros, livres ou forros, que trabalhavam na esfera doméstica das famílias portuguesas¹⁹, justificando assim a existência de um topónimo de ressonâncias tão africanas como é “Mocambo”²⁰. O crescente desenvolvimento da área levou à integração do bairro na nova freguesia de Santos-o-Velho, em 1556.

Durante o século XVII, novas ordens religiosas e casas senhoriais se instalaram no bairro: o Convento das Bernardas, em 1654, o Convento das Trinas do Mocambo, em 1657, o Palácio do Alvor, em 1690, e o Palácio Marqueses de Abrantes, no final do mesmo século, construído no lugar do antigo Paço de Santos que fora votado ao abandono após o desaparecimento de D. Sebastião.

Em 1755, num dia de Todos-os-Santos, Lisboa é abalada pelo terramoto. E como uma desgraça nunca vem só, Lisboa sentiu-a em tríade. Depois do sismo, foi engolida pelo rio e por fim lavrada pelo fogo. A destruição do centro da cidade levou a população a abandonar o núcleo fortificado e a fixar-se nos bairros periféricos às muralhas, onde a destruição foi menos sentida. Pouco afetado pelo terramoto, o bairro da Madragoa foi então alvo de um plano de expansão impulsionado pelas ordens religiosas nativas. Nos terrenos da Ordem das Trinas, a norte do Mocambo, nasceu o novo bairro oitocentista e aristocrático de Lisboa: a Lapa. Embora este novo bairro revele grande afinidade com o núcleo do Mocambo, a verticalidade e aligeiramento dos edifícios e os quarteirões de maiores dimensões, claramente inspirados pela traça pombalina, levou a que os novos arruamentos fossem ocupados pela classe aristocrática, enquanto no núcleo primitivo do bairro se concentraram novas camadas populares, constituídas principalmente por pescadores e varinas que procuravam melhores condições de vida na capital²¹. O Mocambo larga o seu topónimo de som africano e dá lugar a Madragoa²².

“Desenvolveu-se, pois, esse plano sobre as terras da cerca das Trinas, na sequência da matriz do velho Mocambo quinhentista. A ortogonalidade das vias em paralelas e perpendiculares ao rio mantém-se, mas agora com outro dimensionamento, mais arejado e salubre, com lotes de maiores dimensões.”²³

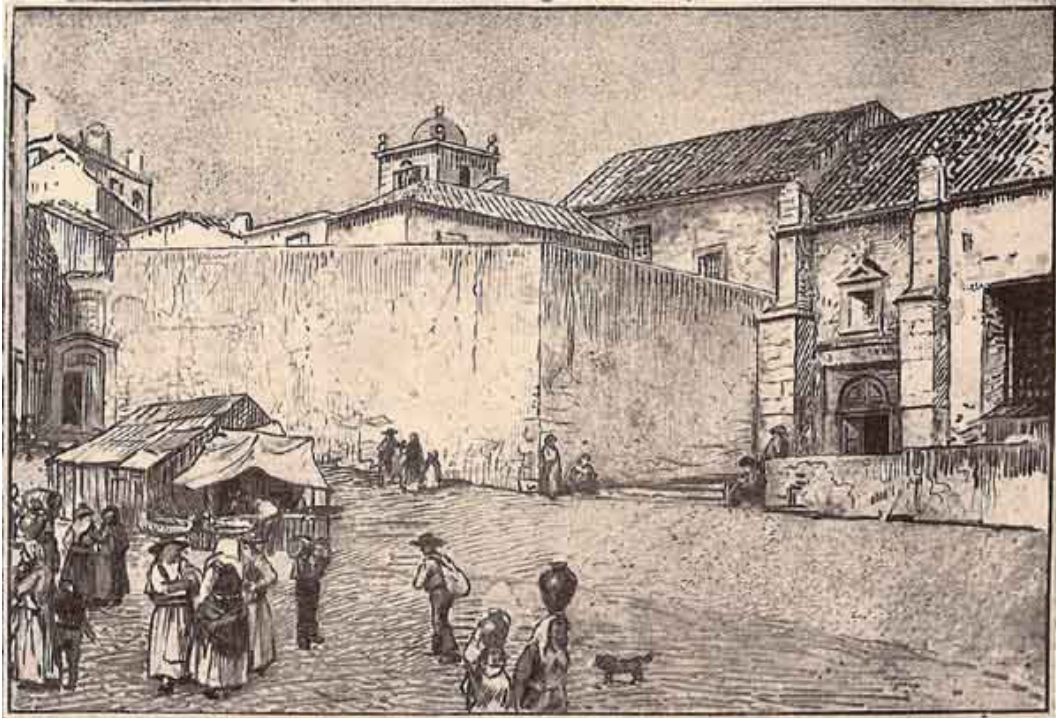
19 Henriques, Isabel & Leite, Pedro, Lisboa, *Cidade Africana — Percursos e Lugares de Memória da Presença Africana*, Séculos XV-XXI, p. 9

20 MIRANDA, A., in *Plano de Urbanização do Núcleo Histórico da Madragoa*, volume 5. Lisboa, CML, p.3

21 Esta nova camada popular provinha na sua maioria das regiões de Aveiro e Ovar e foi a que, no fundo, imprimiu mais características no bairro.

22 A denominação do bairro como Madragoa remonta apenas ao século XIX, até aqui o bairro chamava-se Mocambo, e tem no toponímico da antiga Rua da Madragoa, ou Mandragoa, atual Rua Vicente Borgia.

23 CARVALHO, José Silva, *Madragoa: Sons e Arquitecturas*, p 53



013 | (em cima) Largo e convento da Esperança no século XIX, autor Roque Gameiro, fonte: AML

014 | (em baixo) gravura do Convento da Esperança (década de 50), autor Eduardo Portugal, fonte: AML



015 | (em cima) Rua da esperança, autor e data desconhecidos, fonte: AML

016 | (em baixo) Varinas no jardim Nuno Álvares em Santos, autor Joshua Benoiel (1912) , fonte: AML



017 | (em cima) varinas à espera do peixe (1912), autor Joshua Benoliel, fonte: AML

018 | (em baixo) varinas nas Janelas Verdes, data desconhecida, fotografia de Eduardo Portugal, fonte:AML



019 | Trabalhos no Tejo na década de 60, autor Artur Pastor, fonte: AML

*Planta Topographica da Cidade de Lisboa, comprehendendo nasua extençãõ abeira Mar dasPonte d'Alcantra, até ao Convento
Agostinhos das calças na Rua de S. Sebastião da bndriira. Tudo de ban ho vermelho he egue se conserva antigo, o vermelho*



das Commendadeiras dos Santos, e sua largura, das Real Praça do Commercio ate ao Collegio das Religiozas
as ruas de noção as Igrejas: Branco amarelo, o Projecto do novo Plano, e amarelo mais vivo as Igrejas novas



020 | A amarelo as expansões pombalinas pós-terramoto e a vermelho os tecidos existentes. À esquerda é possível ver o impacto do plano de expansão da Lapa na Madragoa. Planta topographica da cidade de Lisboa, (século XIX), autor Carlos Mardel (1948). Fonte: Centro de Cartografia da FAUL.

Apesar das transformações nas envolventes do bairro, a transformação urbana mais evidente no núcleo consolidado do Mocambo foi a abertura da Rua Nova dos Condes, atual Calçada Marquês de Abrantes, dada a incapacidade de a Rua da Esperança comportar o intenso tráfego que lá se fazia sentir. Com a extinção das ordens religiosas, em 1834, conventos caíram no abandono, recebendo mais tarde novos usos²⁴. Cumulativamente, o bairro é alvo de intervenções urbanísticas que vincaram a vida urbana deste troço da cidade.

“Todos os prédios (...) da Esperança, (...) gosavam, o que hoje não teem, desafogada vista sobre o Tejo por cima do muro e arvoredos da quinta. (...) a distancia a que hoje correm as aguas é consideravel; esse intervallo é nada menos que o chamado Aterro da Boa-Vista.”²⁵

No século XIX, o tecido da Madragoa continuou a sofrer transformações urbanas que alteraram por completo o modo de vida neste lugar da cidade de Lisboa. No areal da praia de Santos, que até à época era palco do mais impressionante espetáculo das tercenas, atividades piscatórias e da construção naval, assistia-se à acumulação de detritos urbanos e lodos na frente do rio, causadores de grandes insalubridades e epidemias. Anos mais tarde, nasce o Aterro da Boavista²⁶. Este veio resolver os problemas de doença e higiene, mas matou a praia de Santos. Terminadas as obras, o espaço conquistado ao rio começou a assumir contornos modernos.

Em 1859 é rasgada a Calçada Ribeiro Santos de forma a estabelecer relação direta entre as Janelas Verdes e o Tejo. Sobre o rio nasceu uma nova avenida, a 24 de julho, de grande extensão e grandeza, decorada com esplendorosas fileiras de árvores e candeeiros e onde, mais tarde, se inaugurou a primeira linha do americano que ligava Santa Apolónia a Santos. Concorriam ali multidões a desfrutar de um fim de tarde no mais belo passeio público da época.

“Já Lisboa toda, desde 1867, se costumara com gosto ao desafogado terreiro marginal. (...) Já os incredulos viam no Aterro, ainda então em meio, o mais bello dos passeios publicos. Havia tardes, na primavera e no outomno, em que a sociedade concorria ali, áquelle salão enorme, a ver o Tejo (...) Desde a Rainha, a senhora D. Maria Pia(...), até á humilde varina, e á pobre rapariguinha operaria, encontrava-se ali toda a gente passeando em certas tardes; e Lisboa, atonita de si mesma, confraternizava em primeira mão com o mar, que representava e representa as nossas melhores e mais firmes tradições. Depois, annos depois, abriu-se a Avenida; e o Aterro....nem mais lembrou sequer.”²⁷

²⁴ Alguns destes conventos foram adaptados a novos usos como é o caso dos conventos das Bernardas – atual Museu da Marioneta – ou das Trinas do Mocambo – atual Instituto Hidrográfico.

²⁵ CASTILHO, Júlio, *A Ribeira de Lisboa*, Livro V, capítulo VIII, p. 631-632

²⁶ O aterro da Boavista já se idealizava desde o reinado de D. João V, para a construção de um novo porto e ordenamento da frente ribeirinha.

²⁷ CASTILHO, Júlio, *A Ribeira de Lisboa*, Livro VI, capítulo IX, p. 686



021 | trabalhos na construção naval em Lisboa, autor Artur Pastor (década de 40) fonte: AML



Handwritten signature or initials in the right margin of the top photograph.





023 | (em cima) Varinas junto às embarcações, no aterro da Boavista (1914) autor desconhecido, fonte: AML

022 | (em baixo) vista sobre a zona de Santos (1906), autor desconhecido, fonte: AML



024 | (em cima) linha do americano no aterro da Bela Vista, autor José Chaves Cruz (1880), AML

025 | (em baixo) manifestação de varinas e vendedoras ambulantes pelo direito à venda do peixe em Santos, autor Joshua Benoliel (1912), fonte: AML

Em 1889, perante a necessidade de unir o palácio de São Bento ao passeio esplendoroso que era a 24 de julho, é inaugurada a Avenida D. Carlos I. A abertura desta avenida destruiu uma série de ruas e vielas populares e insalubres que limitavam o lado sul do Largo da Esperança, demolindo ainda parte do seu convento. O vale de Santos, era então uma das mais privilegiadas zonas da cidade, o aterro, o aglomerado de casas e o trânsito extraordinário daquelas ruas, fez dele *“um dos bairros mais frequentados e populosos da Capital”*²⁸.

Contudo as crescentes necessidades de transporte e armazenamento, deram origem às novas docas do porto de Lisboa. Em 1895 constrói-se a linha ferroviária que ligava Santos a Alcântara, figurando por fim a barreira física entre o bairro e o seu rio. O Tejo que batia na muralha do antigo Paço de Santos, viu-se então afastado para bem longe, ficando ainda mais isolado das suas gentes.

A industrialização que se fez sentir nos anos seguintes alterou a quase exclusividade das atividades do mar de que viviam os moradores do bairro. Toda aquela frente ribeirinha é expropriada para novos usos ligados à indústria – cerâmicas, olarias, carpintarias, serralharias, armazéns, entre outros. As atividades portuárias, incapazes de competir com as indústrias manufatureiras extinguiram-se. Mais tarde, as transformações socioeconómicas que ocorreram no século XX, geraram uma crise no sector marítimo e fabril que resultou no encerramento de várias fábricas, influenciando diretamente a situação económica dos habitantes do bairro. O bairro da Madragoa, cuja situação social já se encontrava pouco favorecida, acaba por entrar num período marcado por uma certa decadência.

28 CASTILHO, Júlio, *A Ribeira de Lisboa*, Livro VI, capítulo IX, p. 604





026 | Panorâmica de Santos e sua envolvente (1900), autor Judah Benoliel, fonte: AML



antes de 1755



1785



1856



1891



1966



027 | esquema da evolução da linha de costa em Santos. De notar (a amarelo) as alterações urbanas que o bairro da Madragoa e esta zona ribeirinha foi sofrendo e os avanços desta zona da cidade sobre o rio. Análise da autora (2018) com base nas cartografias históricas.



028 | pesca no rio Tejo Lisboa, década de 60, autor Artur Pastor, fonte: AML

uma certa ideia de cidade

A Madragoa é hoje um lugar de nostalgia. O conjunto de ruas estreitas, paralelas ao rio, frescas como um fim de tarde de Verão, evocam um ambiente familiar e com uma identidade muito própria, cuja pequena escala, muito agradável e humana, nos transporta para a ideia de um tempo mais simples e um modo de vida mais caloroso. Ao longo das pequenas ruas vão surgindo janelas decoradas com rendas e flores, estendais carregados de roupa molhada, o som áspero das portas a abrir e a fechar enquanto ecoam saudações entre vizinhos, “Ó freguesa, como vai hoje?”, perante os olhares curiosos de quem lá vive. O sobrevoar das gaivotas relembra que outrora chegou ali o Tejo, cujo infortúnio do tempo e conquistas da cidade sobre o rio o levaram para mais longe. Do Mocambo, poucos vestígios restam e por isso é sobre a memória da varina e do pescador que ecoa a história de um bairro que tanto deve ao rio.

Ao longo do tempo, a Madragoa foi ocupada por membros do clero, burgueses e aristocratas que conviveram em simultâneo com uma população negra e ovarina que vinham para Lisboa para as fainas do mar. Os homens dedicavam-se à pesca e as mulheres vendiam o peixe pelas ruas da cidade ou trabalhavam nas descargas de carvão e de areia. *“O tempo encarregou-se de misturar gerações e estratos sociais diferentes”*²⁹, o que contribuiu para uma certa miscigenação social e para a alusão à imagem pitoresca de um bairro popular lisboeta.

Localizado na atual freguesia da Estrela³⁰, em Santos-O-Velho . O bairro está delimitado a norte pela Lapa e estende-se pela encosta a sul até ao Tejo. De um modo geral, podemos dizer que a Madragoa é encerrada por importantes vias de circulação: Avenida 24 de Julho, Avenida Dom Carlos I e Calçada da Estrela. Contudo, os limites do bairro revelam-se para os moradores como uma mera construção espacial mental, não se distinguindo por isso limites precisos e físicos no bairro. Assim, *“o sítio da Madragoa, sem limites precisos, compõe-se dum dédalo de ruas estreitas e sinuosas que, pelos usos e costumes – que também fazem lei – a tradição consignou serem... quatro ruas, três travessas e uma calçada, formando uma pequena quadrícula de prédios baixos – três ou quatro andares mal conservados, cujas fachadas se encontram sempre enfeitadas com flores, plantas e roupas estendidas a secar, e as ruas estreitas animadas por gente a conversar às portas e pelas crianças a brincar”*³¹.

29 CML, *Revista de Lisboa: especial bairros onde gostaríamos de viver*, Lisboa, nº 26, Março 2019, p.7

30 A freguesia da Estrela nasce da agregação das antigas freguesias da Lapa, Prazeres e Santos-o-Velho (freguesia que antes integrava o bairro) após a reorganização administrativa de Lisboa, em 2012.

31 *Inquérito Habitacional* (1941), p.70

Na Madragoa o que fortalece a identidade e qualidade do bairro são as pessoas. O interconhecimento local e as relações de vizinhança que se estabelecem entre os moradores sobrepõem-se aos fatores urbano-arquitetónicos ou patrimoniais do passado. A pertença e enraizamento dos habitantes surge através deste interconhecimento e entreajuda que protagonizam em conjunto, como se conseguiu perceber através de algumas conversas informais que estabelecemos com os residentes³². *“Era aqui na Madragoa onde havia mais varinas. As mulheres são um bocado peixeiras e falam muito alto, mas é tudo boa gente. Sempre dispostos a ajudar quem é cá do bairro.”* (moradora na Madragoa, 74 anos, nascida no bairro). As habitações de dimensões reduzidas empurraram as pessoas a viverem intensamente o espaço público, isto é, das ruas e dos espaços intermédios que estas desenham com as casas. Por isso, as relações que o espaço íntimo é capaz de estabelecer com os elementos urbanos, potenciam a apropriação e partilha dos espaços de diferentes domínios, transformando as noções: eu e tu ou meu e teu numa noção de nosso, o que fortalece as relações e o convívio social e promove o sentimento de pertença ao lugar.

*“Os habitantes do bairro não vivem dispersos, não se desconhecem entre si, não estão isolados uns dos outros. Pelo contrário. É fundamental, para a sua existência social e, muito em particular, para a formação e para a activação da sua identidade (...), a teia relacional densa que se tece entre eles, o quadro de interacção local, as formas culturais que ali criam e recriam, os processos sociais que protagonizam em conjunto.”*³³

Nos últimos anos o bairro da Madragoa enfrentou os mais variados desafios. As mudanças a que se assistiu na frente ribeirinha levaram o núcleo da Madragoa, cuja população vivia maioritariamente das fainas do mar, a procurar novas fontes de rendimento. Ao longo do século XX, a alteração da estrutura familiar tradicional e as fracas condições de habitabilidade das casas no bairro levaram as camadas de população jovem a fixar-se nos novos bairros da cidade de Lisboa, causando o envelhecimento da população local. A viver em casas de dimensões reduzidas já estavam acostumadas, e quando se viram privados do rio e da venda ambulante, começaram a abrir pequenas mercearias e estabelecimentos por todo o bairro. Contudo, as dificuldades que se têm sentido em reter camadas de população jovem, a abertura de supermercados e outros estabelecimentos comerciais e serviços de maior escala na periferia do bairro, e a massificação do turismo que se tem sentido na cidade de Lisboa levaram à saturação da população residente na Madragoa, provocando efeitos devastadores, como revela uma moradora ao salientar que *“mataram as montras”* (moradora, 64 anos, residente na Madragoa há 52).

³² De forma a compreender melhor as necessidades e aspirações dos habitantes na Madragoa, bem como as alterações e carências que se tem vindo a verificar no lugar estabelecemos contato com um grupo de seis moradores, cujas conversas e partilha de experiências se revelou fundamental e muito enriquecedor para o conhecimento e avaliação da Madragoa.

³³ FIRMINO DA COSTA, A. (1999), *Sociedade de Bairro*, p. 110

“Quando a sociedade muda, muda também a vida de bairro, a sua cultura identitária e o bairro em si. A identidade do bairro não é por isso imutável e vai sofrendo alterações ao longo dos tempos.”³⁴

A massificação do turismo e os seus impactos no quotidiano do bairro representam um novo desafio. Por toda a Lisboa se sentiram os seus efeitos, que levaram a uma intensificação do número de Alojamentos Locais (AL) por toda a cidade, promovendo a substituição de antigos moradores pelos locatários de curta duração. Também na Madragoa os pisos térreos, destinados ao comércio, se foram convertendo em alojamentos temporários, o que levou à alteração da estrutura sócio identitária do bairro e contribuiu para a sua desertificação. As ruas estão cada vez mais vazias e o interconhecimento local vai-se perdendo.

“(…) se por um lado ganhamos um centro histórico fisicamente reabilitado/renovado, por outro podemos perder a essência do lugar a par dos seus habitantes e comerciais tradicionais”³⁵.

2011	1	
2012	4	+3
2013	9	+5
2014	33	+24
2015	126	+93
2016	156	+30
2017	258	+102
2018	268	+10

Os AL no centro histórico representavam, no ano de 2018, mais de 25% dos fogos existentes nesta zona da cidade. Tal densidade traduziu-se na urgência de encontrar medidas que protejam a permanência dos idosos e moradores de longa duração nos bairros, os seus modos de vida específicos, privilegiando a microescala local, estimulando o uso do espaço público: o pequeno comércio, o café da esquina ou o atelier. Assim, a CML proibiu a renovação e o licenciamento de novas unidades de AL nas cinco freguesias do centro histórico de Lisboa³⁶, no ano de 2019, entre as quais se inclui o bairro da Madragoa.

Esta situação revelou grandes impactos nas vivências do bairro. Quem lá vive não quer sair, mas por entre desabaços ouvem-se confissões sobre como as pessoas e o movimento já não são os de antigamente. *“Agora só se vê pernoitar. Os novos que cá vivem andam num vai vem que acabam por só vir pernoitar também. (...) as minhas freguesias já cá não estão. Eram muito boa gente.”*(moradora e comerciante, 82 anos, residente na Madragoa há 63 anos). Apesar das adversidades, só os bairros históricos e populares como a Madragoa parecem ter o privilégio de representar Lisboa, protagonizando marchas, teatros e roteiros turísticos. Os seus nomes cantam-se de fado em fado *“como palavras mágicas capazes de acender imagens, sentimentos e emoções em torno de símbolos que representam uma cidade enaltecida”³⁷*. Talvez por isso a característica mais marcante é a força do sentimento de pertença, orgulho e o enraizamento de quem lá mora: o *bairrismo*.

029 | variação do número de AL registados na freguesia da Estrela entre 2010 e 2018. análise da autora, fonte: CML, *Estudo Urbanístico do Turismo em Lisboa*.

34 CML, *Revista de Lisboa: especial bairros onde gostaríamos de viver*, Lisboa, nº 26, Março 2019, p.6

35 Pavel, F. (2016), in *Revista Critical Cities*, p. 9

36 Esta medida afeta os bairros históricos de Alfama, Mouraria, Bairro Alto, Bica e Madragoa onde a percentagem de fogos destinados a AL ultrapassa os 25% in CML, *Estudo Urbanístico do Turismo em Lisboa* (2018), p. 6

37 CORDEIRO, Graça Índias, *Um lugar na cidade: Quotidiano, memória e representação no bairro da Bica*, p. 21

Bairrismo é um conceito que revela o uso, significado e percepção que os habitantes dão ao espaço. Os usos, costumes e a apropriação expressam-se através dos espaços primários de valor individual e privado, como a casa, e nos espaços secundários de apropriação coletiva, como ruas, portas e escadarias. Embora seja sobretudo nos espaços secundários que se estabelecem valores sociais e se afirmam as representações coletivas, de identidade e tradição: aspetos que sustentam as inter-relações estabelecidas: *casa x rua x bairro*³⁸.

Na Madragoa ainda se verifica um certo volume e espessura social, facilmente associável às fortes relações sociais que os moradores protagonizam à janela, nas ruas e nos cafés. Estas sociabilidades de proximidade são muito reveladoras e reconhecidas pelos próprios moradores: *“Dos antigos tudo se conhece e tudo se quer bem.”* (morador, 46 anos, nascido na Madragoa). Por este motivo, é da maior importância salvaguardar as memórias dos autóctones, assim como, as qualidades e valores que privilegiam este modo de habitar a cidade.

1960	13788	
1970	9708	-4080
1981	8461	-1247
1991	5534	-2927
2001	4013	-154
2011	4020	+7

030 | variação da população em Santos-o-Velho entre os anos de 1960 e 2011. análise da autora a partir dos censos. fonte: INE

38 MENEZES, Marlucchi (1996), *Espaço, cultura e recuperação do património urbano. Estudo de caso: O Bairro da Madragoa*, III Congresso Português de Sociologia, p. 3



031 | crianças e varinas na Travessa do Pasteleiro na década de 50, autor Eduardo Portugal, fonte: AML



032 | crianças a brincar na rua da Esperança, junto ao Convento das Bernardas, autor Amadeu Ferrari, data desconhecida, fonte: AML



033 | crianças, varinas e vendedoras ambulantes na Rua das Madres, ao fundo a Travessa do Pasteleiro, década de 50, autor Eduardo Portugal, fonte: AML



034 | Madragoa na década de 50, de notar as roupas estendidas e as plantas que decoram as varandas. Na rua um senhor faz uma pausa na ronda. autor Eduardo Portugal, fonte: AML

escala, morfologia e definição de tipos

Para compreender o bairro da Madragoa é importante conhecer a sua composição formal e características típicas dos edifícios de habitação corrente. A semelhança que a Madragoa tem com o Bairro Alto permitiu tecer analogias e comparações entre estes, quer à escala urbana, quer à do edificado, o que nos permite antever pistas para a descoberta das especificidades que distinguem este bairro dos demais. São também estas especificidades e analogias que nos dão a conhecer melhor a forma de habitar e de apropriação do espaço, as relações entre os modos e tecnologias construtivas e as características arquitetónicas da época quinhentista, desvendando ainda pistas sobre as tipo morfologias da habitação popular corrente e sobre as alterações que estas sofreram ao longo dos anos.

À semelhança de outros bairros com similaridades em termos geográficos e temporais, também o tecido urbano da Madragoa configura características do modelo manuelino: uma malha regular tendencialmente ortogonal e loteamento aproximadamente regular. Conformado aos limites pré-existentes e à topografia acentuada do lugar onde o tecido urbano, igualmente hierarquizado pelo modelo rua-travessa, embora curiosamente contrário ao que podemos encontrar na Bica e Bairro Alto. Na Madragoa as ruas assumem a direção dominante da pendente, traçando-se paralelamente ao rio, enquanto as travessas, vias secundárias de menor comprimento e largura, se traçam na direção perpendicular ao Tejo, cuja “(...) *exposição, a dimensão dos lotes, e a largura dos arruamentos determinam uma escala própria (...)*”³⁹. A mesma originalidade não se associa ao modo construtivo, onde os elementos visíveis como alvenarias, ligantes, vãos, cornijas, beirados, socos, pilastras e a policromia das fachadas se assemelham aos elementos do Bairro Alto, Bica e Conde Barão.

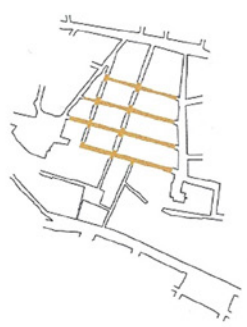
A configuração única deste modelo na Madragoa deve-se à variação que o relevo da encosta de Santos à Lapa imprime no traçado urbano do bairro, nitidamente conformado à alteração da pendente. Assim, o lado maior do quarteirão assume o seguimento da rua, com direção paralela ao rio, dando origem a quarteirões retangulares. Tendencialmente, construía-se, primeiro, as parcelas orientadas a sul e libertava-se o lado norte para o acesso aos logradouros. De forma a superar a vertente acentuada, os edifícios com orientação sul eram cravados no terreno, enterrando-se as traseiras do piso térreo, correspondentes à loja e abrindo, em comunicação direta, o primeiro piso para o logradouro.

Os loteamentos iniciais baseavam-se na medida agrária de aproximadamente um chão⁴⁰. Este tipo de loteamento, de relação 1:2 e característico do cadastro tardo-medieval justifica-se pela tecnologia construtiva da época. A pouca largura do lote resultava numa estrutura simplificada do edifício, que permitia que o barrotamento dos andares assentasse diretamente nas empenas laterais. Dada a disparidade das possibilidades financeiras dos proprietários, a ocupação dos lotes sofria pequenas variações que correspondiam, regra geral, à divisão de um lote em dois de menor dimensão, com relação de 1:1, ou à junção de dois lotes num só, de maiores dimensões.

É este tipo de loteamento que dá origem aos dois tipos originais de arquitetura habitacional corrente dos séculos XV e XVI que Hélder Carita classifica como 1^a

39 TOUSSAINT, Michel (dir.) – *Bairros Históricos. Lisboa*, in *Jornal dos Arquitectos*, nº151, p. 24.

40 Chão é a unidade de medida corrente utilizada na Idade Média e correspondia a cerca de 30x60 palmos (aproximadamente 6,75 m x 13,5 m) in CARITA, Hélder (1994), *Bairro Alto: Tipos e Modos Arquitectónicos*, p. 48



035 | Esquema da orientação das travessas, a amarelo, nas malhas urbanas do Bairro Alto, Bica e Madragoa (de cima para baixo) in *Cadernos de Morfologia Urbana: Os Elementos Urbanos* (2015), p. 111

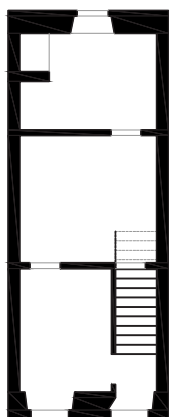
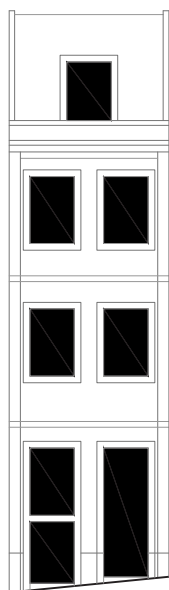
e 2ª tipologia do Bairro Alto⁴¹. O Bairro Alto além do primeiro e maior exemplar do modelo manuelino foi também o modelo mãe a partir do qual se edificaram os bairros cronologicamente afins, entre Santa Catarina e a Esperança. Por este motivo, é ainda possível reconhecer com frequência as características formais dos tipos classificados por Carita também no bairro da Madragoa.

O 1º tipo recorrente corresponde ao edifício estreito e comprido, entre os 6 e 7 metros de largura, com uma profundidade entre os 13 e os 15 metros e desenvolve-se em 3 ou 4 pisos. O acesso ao fogo do piso térreo era feito de forma independente, enquanto o acesso aos pisos superiores era feito através de escada de tiro, junto à empena, que distribui para os fogos, um por piso, organizando-se em três áreas distintas: a social, de descanso e serviço. O espaço social, colocado junto à fachada era o espaço privilegiado da casa – a sala comum ou sala de fora –, com boa ventilação e iluminação. Depois, eram colocados os quartos e por fim a cozinha, que comunicava com o logradouro. As paredes exteriores eram de alvenaria de pedra ou tijolo, com paredes autoportantes, e os pisos sobradados em madeira e paredes de tabique. Uma métrica de fachada que apresentava vãos com varanda de sacada e o prédio de duas águas com fachada de bico.

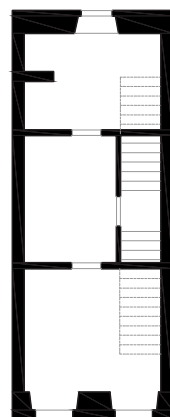
O 2º tipo recorrente teria uma origem rural e correspondia por norma à divisão do lote original de um chão em dois. Apresenta uma planta tendencialmente quadrada, com divisão dos espaços internos em cruz. Por norma, este edifício era constituído por dois pisos, um térreo e outro, uma cobertura de quatro águas e uma comunicação para um quintal, que frequentemente se viram reduzidos com a construção de anexos.

No tecido da Madragoa é possível distinguir duas fases de urbanização de relevância: uma primeira que corresponde ao núcleo primitivo do bairro (o Mocambo) de traça manuelina e origem pré-terramoto. E uma segunda correspondente ao plano de expansão pós-terramoto do século XIX (a Lapa) onde se assiste à densificação da malha e ao surgimento de edifícios mais altos e de composição mais erudita e racional. Contudo, os edifícios pré e pós-terramoto na Madragoa não são substancialmente diferentes na sua estrutura, dada a exigência de uma adaptação da traça pombalina aos tipos já existentes, que levou à densificação do edificado no bairro. Assim, a configuração original dos tipos correntes identificados foi sendo alterada desde o século XVIII, quer pela adição de pisos, quer pela introdução de instalações sanitárias, não existentes neste tipo de edificado, e subsequente aumento dos edifícios para o tardo, sobre o logradouro, agravando problemas de ventilação e salubridade do edificado.

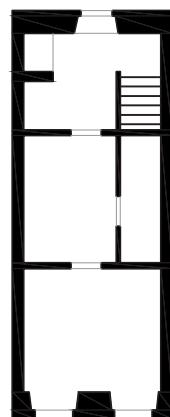
41 CARITA, Hélder (1994), *Bairro Alto: Tipos e Modos Arquitectónicos*, p. 107



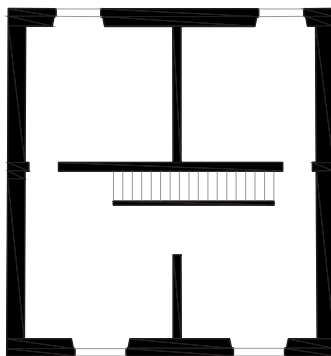
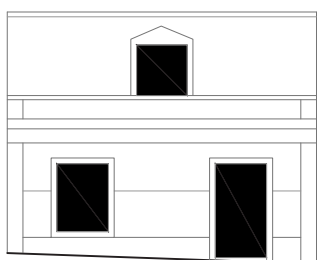
piso 0



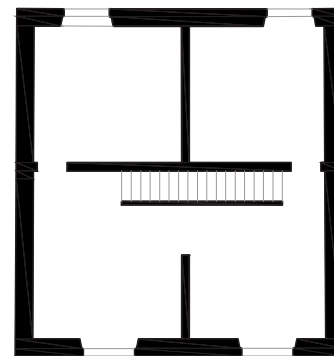
piso 1



piso 2



piso 0



piso 1

036 | (em cima) 1º tipo reconhecido por Carita presente na Madragoa na Rua das Madres 49. Elaborado pela autora.
 037 | (em baixo) 2º tipo reconhecido por Carita presente na Madragoa na Rua das Madres 35. Elaborado pela autora.



038 | Rua da Esperança, autor Eduardo Portugal, data desconhecida, fonte: AML



039 | (em cima, à esquerda) varanda e fachada azulejar na Rua da Esperança, autor e data desconhecidos, fonte: AML

040 | (em cima, à direita) janela decorada na altura dos Santos populares, década de 60, autor desconhecido fonte: AML

041 | (em baixo, à esquerda) moradores reunidos na Rua da Madres, década de 50, autor Eduardo Portugal, fonte: AML

042 | (em baixo, à direita) grupo de crianças pousam para a fotografia na Travessa do Pasteleiro, Arnaldo Madureira (1961), fonte: AML

leitura do Plano

Lugares como a Madragoa constituem um exemplo representativo dos bairros históricos de Lisboa, enquanto lugares marcados pela memória, autenticidade e pontos referenciais na história e simbologia da cidade. Contudo, por vezes, estes lugares carecem de uma profunda intervenção que potencie a sua reabilitação e reinserção urbana. Esta questão e desafio tem vindo a ser debatida pela Câmara Municipal de Lisboa (CML) e pelos habitantes do bairro desde 1992, procurando restabelecer qual o seu papel no futuro da cidade. Tal tem levado à discussão das seguintes questões: Como reabilitar? Para quem? Para que usos?

De maneira a responder da melhor forma a tais questões, em 1997, foi elaborado o Plano de Urbanização do Núcleo Histórico da Madragoa (PUNHM), no qual se conceberam uma série de estratégias de atuação e um conjunto de regras de uso e ocupação do solo e património edificado, com o objetivo de promover, valorizar e modernizar o tecido urbano e social e recuperar a imagem do bairro, que se votou ao esquecimento até aos anos 90. Embora se tenha verificado uma ligeira melhoria no património edificado do bairro e na gestão do espaço público, o que possibilitou estabilizar e, até certo ponto, reverter a tendência de perda populacional que se vinha a registar desde os decénios anteriores. Contudo, a contínua diminuição do número de elementos por agregado familiar, o envelhecimento da população residente, o elevado índice de fogos vagos que se continuou a constatar no bairro⁴² e a contínua degradação do património habitacional, mais significativa no núcleo mais antigo, provaram a baixa expressividade dos objetivos atingidos pelo PUNHM.

“(...) não se conseguiu ainda inverter o processo de degradação, pelo que se considera absolutamente necessária uma mudança de estratégia assente na ideia de captar investimento privado para criar valor e, dessa forma inverter o ciclo vicioso de decadência (...) e a gentrificação generalizada destes bairros.”⁴³

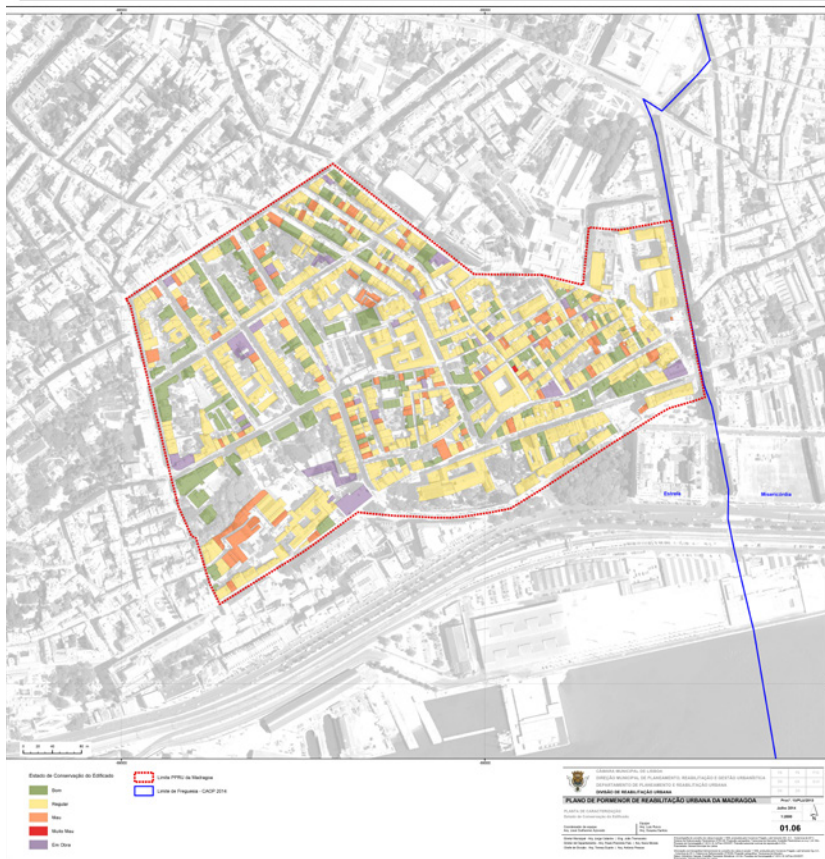
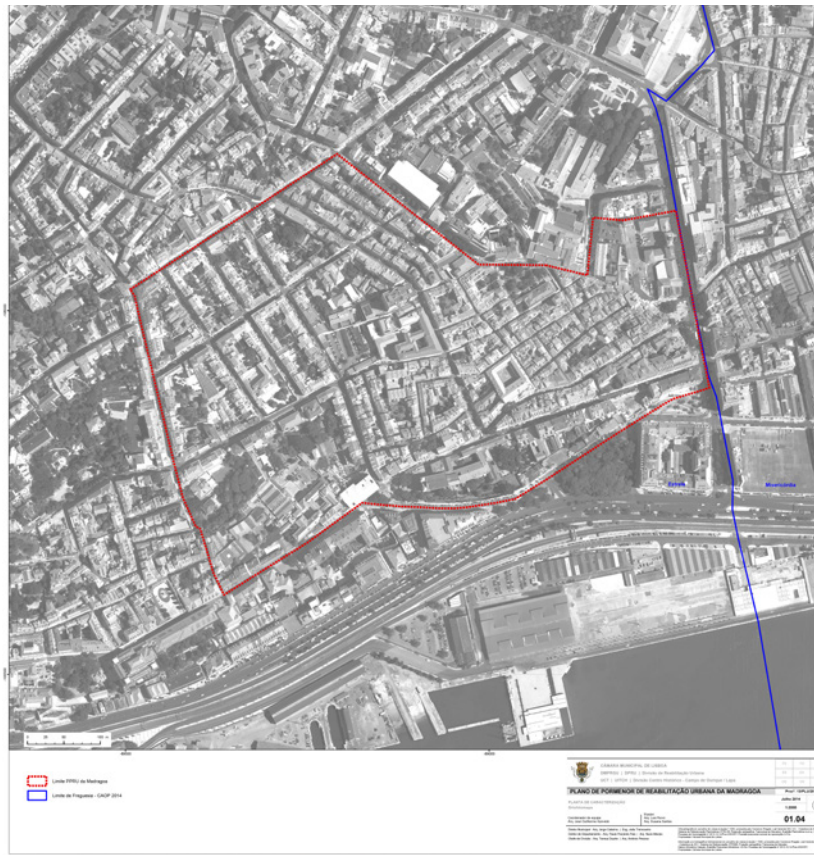
Atendendo a realidade, não revertida, que ainda se vive na Madragoa, a CML elaborou em 2015 o Plano de Pormenor de Reabilitação Urbana da Madragoa (PPRUM) que visa reforçar o principal objetivo do plano original: reabilitar e dotar o património edificado da Madragoa de condições de habitabilidade. Em síntese, o PPRUM delinea uma série de estratégias de ação de forma a assegurar a reabilitação e revitalização habitacional e urbana do bairro, bem como a afirmação dos seus valores patrimoniais, arquitetónicos, materiais e simbólicos de identidade e diferenciação, cujo objetivo primário é aumentar a coesão social e a competitividade urbana da Madragoa, através de novas soluções que garantam a todos o acesso a uma habitação condigna. Prevê-se ainda a requalificação do espaço público, melhorando as condições de acessibilidade e promovendo o aumento e manutenção das áreas permeáveis no bairro, o aumento do número de moradores e a qualificação de equipamentos e serviços.

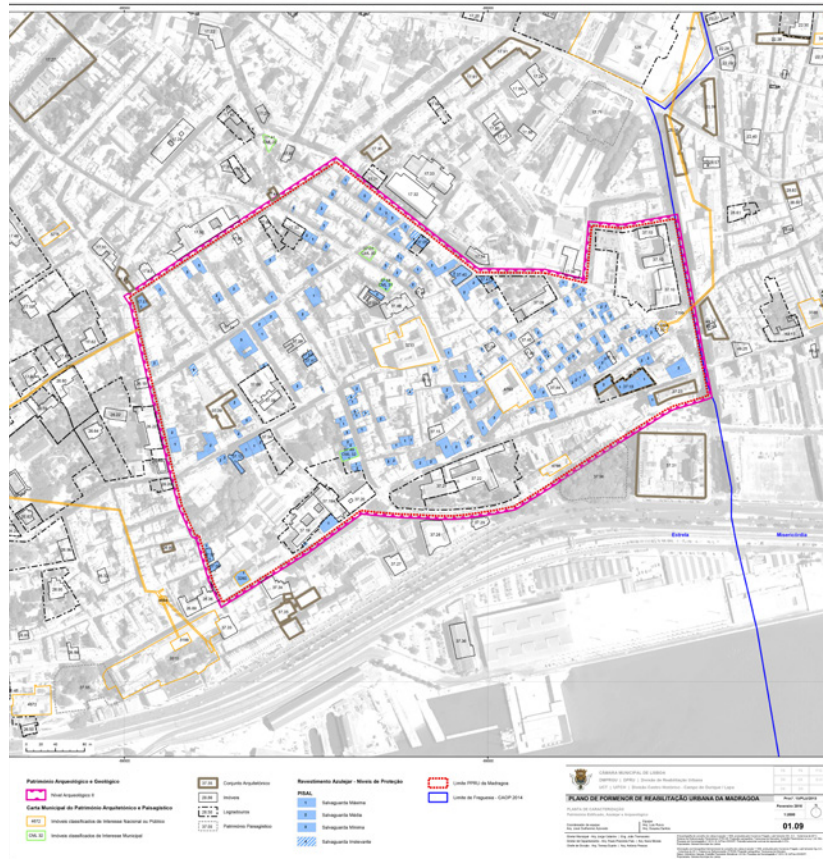
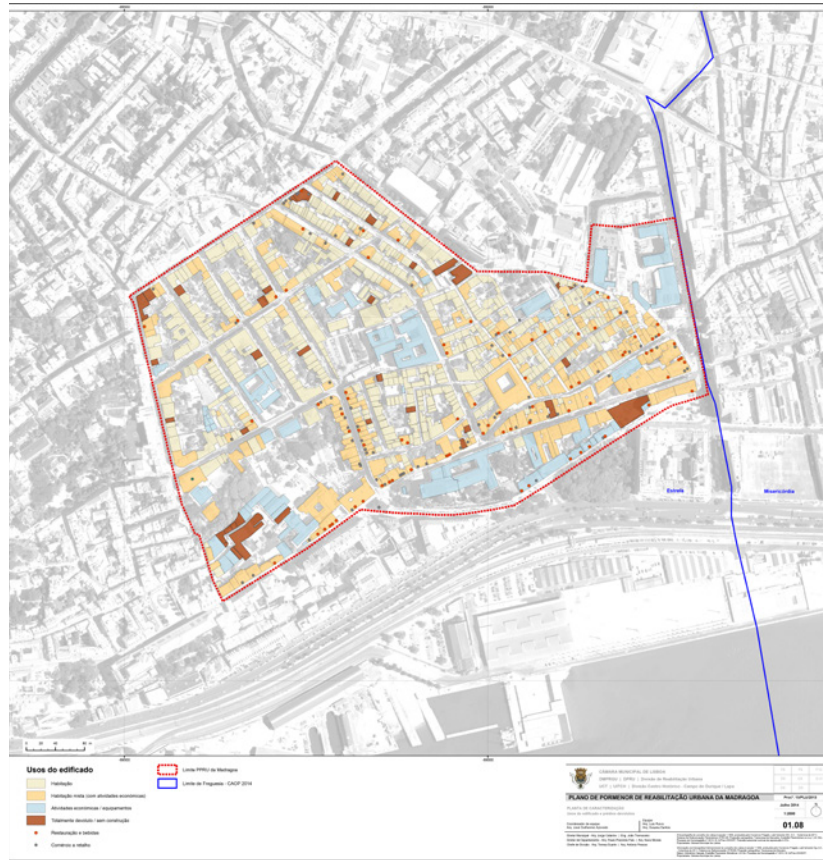
No que diz respeito ao património edificado e ao espaço público, o PPRUM privilegia a predominância do uso habitacional, apoiando ações de reabilitação do edificado e identifica os elementos e características de valor patrimonial, tais como o património azulejar em fachadas, definindo níveis de proteção e atuação no que diz respeito tanto ao nível de intervenção como às alturas das fachadas e volumetrias. Com o intuito de promover a economia e revitalizar o espaço público, foram ainda criados incentivos que facilitassem a abertura ou manutenção de novos espaços comerciais de referência ou de atividades de oficina e artesanato nos edifícios reabilitados.

De modo a promover a mobilidade urbana, é proposta a requalificação e o melhoramento dos passeios, pavimentos e mobiliário urbano do espaço público. O PPRUM prevê ainda a abertura de uma estação de metro no largo de Santos, junto ao chafariz da Esperança e a criação de um jardim no quarteirão do antigo convento da Esperança, onde funciona atualmente o quartel dos Bombeiros Sapadores, de forma a atenuar a ausência dos espaços públicos no bairro. Além dos apoios e incentivos do PPRUM para as carências urbano arquitetónicas e socioculturais que se fazem sentir na Madragoa, o plano expressa uma preocupação em manter a população residente no bairro, mesmo após ações de reabilitação, e em inverter o envelhecimento populacional a que se assiste, atraindo camadas de população mais jovem através da oferta de alojamentos para jovens e estudantes em início de vida.

O plano pretende assim dar resposta ao vasto leque de fragilidades que se fazem sentir na Madragoa, não apresentando muitas vezes, contudo, mais do que sugestões de atuação. A leitura e análise do PPRUM reforçou a pertinência da reflexão sobre o núcleo mais antigo da Madragoa: o Mocambo, que representa a área do plano que mais urge de resposta e onde se encontram os tipos arquitetónicos mais antigos do bairro. Embora o objetivo principal passe por dotar aquelas casas de condições de habitabilidade condignas e competitivas, as reflexões sobre as abordagens de intervenção colocam questões de cariz mais concetual como: O que é o bairro? O que acontece nele?; Como o podemos preservar?;

Lugares como a Madragoa, de cariz histórico e representativo da tipicidade lisboeta, contêm em si vivências e modos de vida únicos no contexto da cidade, ou seja, a vida popular e pitoresca na contemporaneidade. Tais questões levantam temas da arquitetura e da conceção do espaço que transcendem o objeto individual e revelam a necessidade de um olhar abrangente e unitário que procura preservar as características singulares deste bairro.





045 | (em cima) Estado de conservação do edificado na área abrangente pelo plano, autor CML, fonte PPRUM

046 | (em baixo) Património Edificado, Azulejar e arqueológico. Autor CML, fonte PPRUM

04. CASA, BAIRRO E TRANSIÇÃO

“Para avaliar uma cidade como espaço organizado, há apenas uma solução: percorrê-la, vivê-la, deambular pelas suas ruas, descer as suas encostas, subir aos seus pontos mais altos, habitar as suas casas, senti-la como organismo que não pára, que dia a dia se altera. Aqui um parque que começa a despontar, além um grupo de casas (...)”⁴⁴

Neste capítulo, propõe-se explorar o papel da Arquitetura na forma como o Homem habita o espaço e nas relações que estabelece com o mesmo e com os outros. Para tal, é importante refletir sobre as características e elementos que o compõem e que lhe conferem qualidades e especificidades únicas. Os espaços entre a casa e a rua – o vão, as escadas ou varandas –, e a forma dos elementos arquitetónicos estabelecem uma relação gradual entre o público e o privado, o interior e o exterior, o que promove a permanência e a apropriação e atenua a rigidez imposta pelo limite.

⁴⁴ TÁVORA, Fernando. (2013), *Minha Casa, Fascículo 1* – Seleção, Organização, (cord.) Manuel Mendes, p.56

a vida entre edifícios, relações entre a casa e a rua

O Homem tem ao longo da sua vida uma necessidade primordial de se relacionar com o espaço que habita, apropriando-se dele para satisfazer as suas necessidades primárias de segurança, acolhimento e sociabilidade. É à casa que associamos a ideia de espaço refúgio e de descanso, capaz de nos acolher e confortar nas várias ocasiões de vida. Por este motivo, Heidegger defende que “*habitar é um traço fundamental do ser*”⁴⁵, que transcende a casa enquanto espaço físico e se estende a todos os espaços apropriados pelo Homem onde se traduzem teias de experiências afetivas e sensoriais que definem o conceito de habitar. Deste modo, podemos entender que a casa é um conceito de valor simbólico que significa o acolhimento e a relação que o Homem estabelece com um espaço revelador de uma certa polaridade, na medida em contem em si valores opostos de *interior/ exterior* ou *isolamento/sociabilidade*, mas indissociáveis entre si.

Herman Hertzberger, na sua obra *Lições de Arquitectura (1999)*, aborda o tema da casa defendendo que esta deve dotar-se da capacidade de se estender e apropriar do exterior que a envolve, ao afirmar que “*(...) casas e ruas são complementares!*”⁴⁶. O autor refere-se aos espaços que transitam entre as esferas do domínio público e do privado, enquanto dois universos aparentemente opostos, como espaços de confronto a que chama intervalo ou in-between, “*um lugar dito próprio (...) onde dois mundos se sobrepõem em vez de estarem rigidamente demarcados*”⁴⁷, que considera “*(...) tão importante para o contato social quanto as paredes grossas para a privacidade.*”⁴⁸

Quando a casa se fecha sobre si mesma, limitando a relação com o espaço exterior, os lugares de permanência são meras passagens e as inter-relações que os habitantes estabelecem com o espaço e entre si, diluem-se. Por isso, a casa não se confina apenas aos limites das suas paredes, devendo dotar-se da capacidade de se estender e humanizar o exterior que a envolve, propondo uma complementaridade indissociável com a rua.

Também Aldo Van Eyck (1962) reflete sobre os conceitos de *intervalo* e *limite* quando reconhece a importância da formalização de espaços intermédios capazes de conciliar universos espaciais distintos na arquitetura, de forma a harmonizar as características de cada um, estabelecendo um terceiro universo com uma identidade própria. A tentativa de unificar o desenho de dois conceitos aparentemente contrários, o desafio dos seus limites, constitui um tema de projeto que sugere a definição da casa, da rua e do espaço envolvente como algo mais abrangente, capaz de reforçar o sentido de identidade e pertença, bem como enriquecer a relação entre moradores e potenciar a vida social e vivência no bairro.

45 HEIDEGGER, Martin, *Construir, Habitar, Pensar, O Homem e o Espaço*: Colóquio de Darmstadt de 5 de Agosto de 1951

46 HERTZBERGER, H. (1999), *Lições de Arquitectura*, Martins Fontes, São Paulo, p. 63

47 HERTZBERGER, H. (1999), *Lições de Arquitectura*, Martins Fontes, São Paulo, p. 65

48 HERTZBERGER, H. (1999), *Lições de Arquitectura*, Martins Fontes, São Paulo, p. 35

O espaço entre a rua e o edifício não deve, portanto, ser encarado como um espaço de limite, mas sim convidar à permanência e ao convívio, unificando o espaço como um todo através do diálogo entre os domínios público e privado, também este habitável e passível de fruição por parte dos utentes.

Lisboa pode caracterizar-se como uma cidade de bairros. Os mais antigos e centrais, conhecidos como bairros típicos ou históricos, distinguem-se pelos traços característicos da sua condição urbana como a proximidade ribeirinha ou topografia acidentada e por um *“complexo processo de construção cultural do popular urbano”*⁴⁹, cuja associação a certas atividades profissionais – varinas, pescadores, marinheiros, lavadeiras, entre outras – e a certas sonoridades, como o fado, bem como as fachadas popularmente *“(...) enfeitadas com flores, plantas e roupas estendidas a secar, e as ruas estreitas animadas por gente a conversar às portas e pelas crianças a brincar (...)”*⁵⁰ contribuem para a criação de um certo imaginário urbano e de um ideal de cidade popular, pitoresca e bairrista.

A pertença e enraizamento das pessoas, característica nestes locais, surge através das relações que o espaço íntimo é capaz de estabelecer com os elementos urbanos, suscitando no habitante o sentimento de comunidade. A apropriação dos elementos urbanos como extensão do espaço íntimo, dota-o de uma capacidade de transição.

No caso da Madragoa, a configuração apertada das ruas e travessas, a quase inexistência de espaços exterior como jardins, pátios ou praças e as características mais exíguas e reduzidas dos espaços domésticos levaram o bairro a ganhar vida nos espaços públicos e nos elementos arquitetónicos de transição. Na Madragoa a rua, o café da esquina, as portas e janelas e até as escadas ganham um carácter social na medida em que incentivam a vida entre edifícios que é, segundo Jan Gehl, *“(...) mais rica, mais estimulante e mais gratificante”*⁵¹.

49 CORDEIRO, Graça Índias, *Uma certa ideia de cidade: popular, bairrista, pitoresca*, p. 186

50 *Inquérito Habitacional:1941*, cit. Lima 1992)

51 GEHL, Jan (2017), *A Vida entre Edifícios*, p.22

Etimologicamente, *transição* (*transitio*, em latim) significa passagem de um lugar para o outro⁵². Contudo, “o espaço que separa – e liga – as formas é também forma”⁵³ e por isso os lugares de transição não constituem elementos isolados ou de mera passagem, mas sim espaços *in-between* onde se confrontam e coabitam universos dos domínios *público* e *privado*, *exterior* e *interior*, *dentro* e *fora*. Assim, os espaços de transição assumem o papel de elementos de articulação dos conjuntos que promovem a mediação de escalas, usos e apropriações entre a urbe, o edificado e o homem, desde o desenho da rua ao desenho dos elementos arquitetónicos, sendo “nas fronteiras entre ambos e na forma como as relaciona que deve intervir a perícia do arquitecto.”⁵⁴

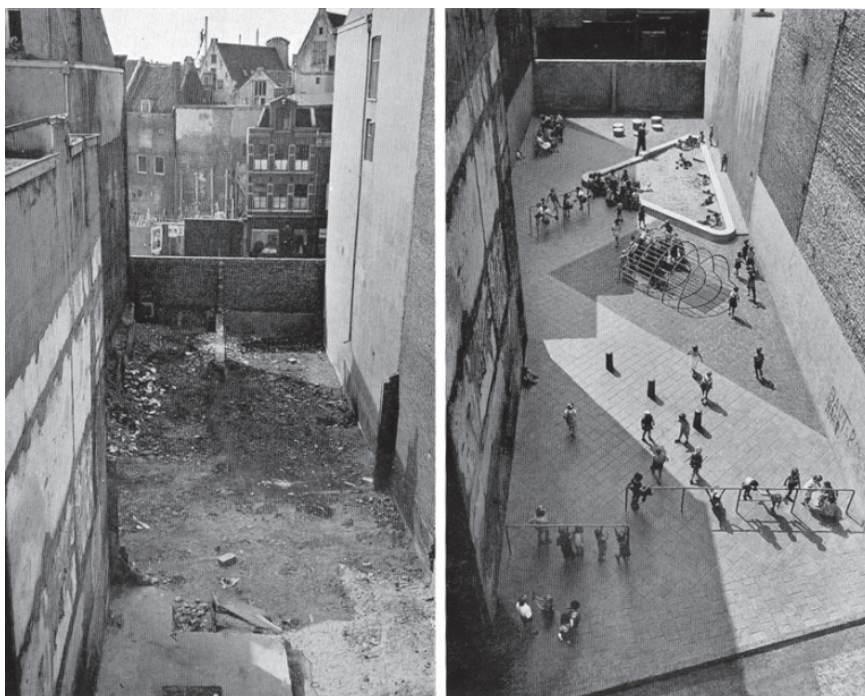
Os espaços entre a casa e a rua, a vida entre os edifícios, as entradas, as escadas, os desníveis, alpendres ou varandas e a forma dos elementos arquitetónicos conjugados promove a permanência e a apropriação mais intensa desta e, por conseguinte, o contacto entre os moradores, reforçando o conceito de *bairro* e o seu modo de vida.

É através da exploração desta dimensão da *casa* e da compreensão da importância formal dos espaços de transição na ativação de relações sociais e de vizinhança, que apesar de tudo ainda se reconhecem na Madragoa, que se lançam os temas e hipóteses de projeto, do traço e pensamento que procuram resolver as carências e problemáticas que no bairro se enunciam, pelos respetivos planos e moradores, e dotar o bairro de uma nova qualidade espacial, atenuando a rigidez que o *limite* impõe para reafirmando as relações de vizinhança e o modo de vida específico nesta ideia de cidade que se encontra na Madragoa.

52 Em dicionário online Priberam, disponível em: <https://dicionario.priberam.org/TRANSIÇÃO>

53 TÁVORA, Fernando (2015). *Da Organização do Espaço*. Porto: FAUP publicações, p.12.

54 CULLEN, Gordon (1971), *Paisagem Urbana*, Edições 70, Lisboa, 2017, p. 81



047 | Intervenção de Aldo Van Eyck num logradouro na Holanda na década de 50, convertendo-o como espaço de recreio e lazer, autor desconhecido, fonte: <http://socks-studio.com/img/blog/van-eyck-playgrounds-03.jpg>

048 | Intervenção de Aldo Van Eyck num espaço obsoleto da cidade, autor desconhecido, fonte: <https://undiaunaarquitectura.wordpress.com/2015/04/20/jakoba-mulder-1900-1988/mulder06/>



049 | Girl talk, Salfourd. crianças sentadas à soleira da porta, autor John Chillingworth (1951), fonte: <http://www.johnchillingworth.co.uk/ic06.htm>



050 | conversas à porta no lar de idosos De Drie Hoven de Herman Hertzberger, fonte: HERTZBERGER, Herman (1999), *Lições de Arquitectura*, p. 35



051 | apropriação do espaço da rua na Madragoa, Rua da Madres, fotografia da autora (2018)

a rua

“The Street is a room of agreement: a community room whose walls belong to donors, dedicated to the city for common use. The ceiling is the sky.”⁵⁵

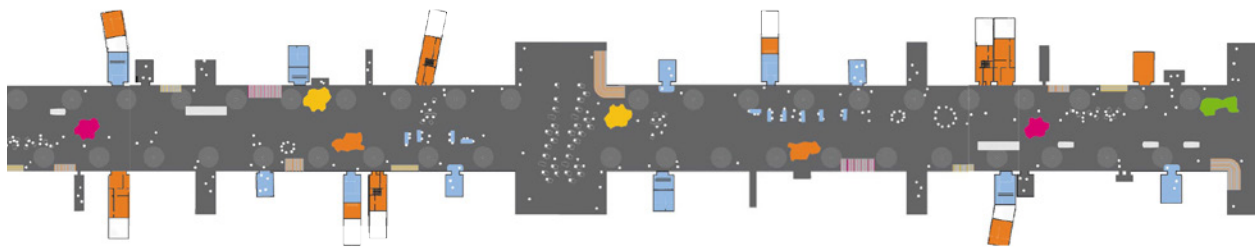
A rua é um elemento de permanência, um lugar de convívio por excelência ou, como afirma Louis Khan (1973) *uma sala comunitária*. Como elemento da estrutura urbana, a rua é uma marca tanto temporal como social por se duplicar em lugar e caminho e permitir albergar extensões do espaço privado. Como espaço onde se reúnem e fortalecem vivências entre a comunidade é palco de memórias coletivas e de apropriações e comportamentos induzidos pelo desenho dos elementos urbanos. Assim, a coesão e qualidade da rua é tão maior quanto maior for a sua flexibilidade de usos e capacidade de dialogar com o seu domínio oposto: *a casa*.

Motivado pelo diálogo entre a casa e a rua, Xavier Monteys introduz na sua obra *Rehabitar en nueve episodios (2012)* o conceito de *rua domesticada*: aquela que adota um sentido doméstico e social e na qual o utilizador se sente e utiliza como se estivesse em casa. Para facilitar este diálogo, Monteys relembra a importância do piso térreo e reafirma o seu potencial enquanto estratégia de revitalização deste elemento. Na aproximação do domínio público ao privado, a planta baixa surge como uma oportunidade através da sua abertura à rua, oferecendo continuidade e flexibilidade ao espaço. A relação de transparência da rua para um espaço privado de trabalho, atelier, artesanato ou comércio, confere-lhe permeabilidade e promove a sua apropriação. Por isso, a composição formal do piso térreo é fundamental para a invocação de uma ideia de domesticidade da rua. A capacidade desta se estender para o exterior é fundamental para a qualidade de vivência da rua e para o seu carácter quotidiano. A revitalização e qualificação da rua depende das atividades que esta é capaz de acolher e das pessoas que dela usufruem. Quando capaz de conter vários programas, a rua ganha uma identidade e vitalidade muito própria onde se potenciam relações sociais e convivem várias atividades, desde a esfera doméstica ao comércio, oficinas e ateliers.

A particularidade das ruas estreitas da Madragoa potencia a apropriação dos moradores sobre elas, que sobrepõem frequentemente a esfera doméstica das suas casas para o exterior, como é possível observar pelas frentes dos edifícios ajardinadas e pelas cadeiras que por vezes se estendem às portas e nas varandas. Neste bairro é possível observar o conceito de *living-street* que nos descreve Hertzberger *“The concept of living-street is based on the idea that its inhabitants have something in common, that they expect something of each other even if only because they are aware that they need each other.”⁵⁶*

⁵⁵ Khan, Louis I., (1973), *The Room, the Street and Human Agreement*, A+U

⁵⁶ HERTZBERGER, Herman. (1991), *Lessons for Students in Architecture*, p. 54



052 | Diagrama do entendimento do piso térreo como extensão da rua (em cima) e da variedade de usos e vivências que o espaço da rua permite quando contém diversos programas, a rua *domesticada* (em baixo), in MONTEYS, Xavier, *Rehabitar en nueve episodios*.



053 | Apropriação da rua como espaço de descanso na Baixa de Lisboa, autor Eduardo Gageiro, data desconhecida, fonte: AML



054 | Mercearia em Lisboa na década de 50, autor Artur Pastor, fonte: AML

Podemos depreender portanto que a qualidade do espaço e vivência da rua depende da concretização de uma certa familiaridade que pressupõe a integração das pessoas e das atividades que nela ocorrem geram a ideia de bairro e vizinhança, sendo *“(...) geralmente verdade que as pessoas e as actividades humanas atraem outras pessoas.”*⁵⁷

Também o desenho do pavimento tem a capacidade de diferenciar territórios, sistematizar percursos, desníveis, determinar usos, bem como, enfatizar enclaves, saliências e reentrâncias. Todos nós assimilamos as diferenças de texturas, escalas e materiais como a limitação e distinção de usos ou espaços. Estas diferenças conferem ao espaço qualidades de transição e acentuam a permeabilidade e impermeabilidade do espaço e do solo, cosendo os vários domínios da casa até à rua. O desenho dos pavimentos oferece uma certa flexibilidade nas apropriações e relações pessoais e coletivas.

*“(...) o pavimento poderia construir uma superfície de ligação por entre e à volta dos edifícios (...). Deverá ser considerada em sociedade com os edifícios e, pela natureza dos seus desníveis, escala, textura e qualidades gerais, produzir como efeitos a sociabilidade e a homogeneidade.”*⁵⁸

57 GEHL, Jan. (2017), *A Vida entre Edifícios*, p.23

58 CULLEN, Gordon. (1971) *Paisagem Urbana*, p. 130



055 | pavimento na Acrópole, Atenas, projeto de Dimitris Pikionis (1957), autor desconhecido, fonte: <https://i.pinimg.com/564x/e2/94/4d/e2944d5bc571bb8fd6550c6991eab5c3.jpg>



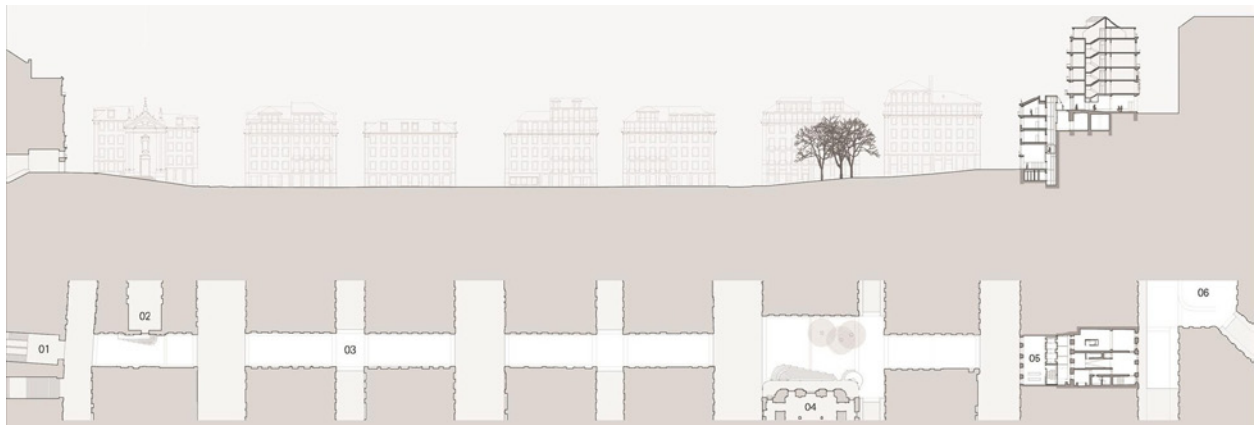
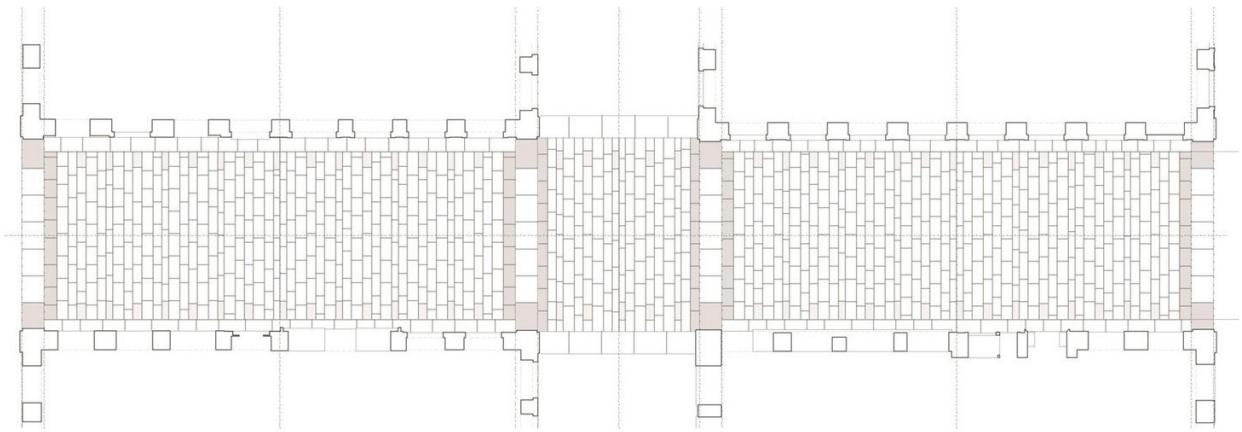
056 | detalhe da textura e variação do pavimento na Acrópole, Atenas, projeto de Dimitris Pikionis (1957), autor desconhecido, fonte: https://66.media.tumblr.com/tumblr_mc2gzgiM7T1r4whgbo3_250.jpg



057 | detalhe no desenho do pavimento no Kolumba Museum de Peter Zumthor, Alemanha, autor desconhecido, fonte: https://farm3.static.flickr.com/2213/2226755671_c85e92fcf2.jpg



058 | Percurso pedonal na Baixa Chiado, do Arquiteto Falcão de Campos (2013). Neste projeto o Arquiteto propõe um percurso pedonal na rua da Vitória, desenhando o acesso que vence a diferença de cotas expressiva entre a Baixa e o Castelo. Neste projeto o arquiteto retoma os materiais existentes ao longo dos percursos e reutiliza as pedras no redesenho do pavimento. As ruas que formam o percurso intersectam ruas de hierarquia superior no lugar, como a Rua Augusta e Rua da Prata, deixando em vazio a intervenção nestas, marcando deste modo em simultâneo a transição entre ruas e hierarquias.



059 | (em cima) detalhe da materialização do pavimento do percurso pedonal da estação de metro Baixa Chiado ao elevador do Castelo, projeto de Falcão de Campos (2013), autor Falcão de Campos, fonte: <https://www.archdaily.com/593697/pedestrian-assisted-path-from-baixa-to-castelo-de-sao-jorge-falcao-de-campos>

060 | (em baixo) planta do percurso pedonal na Baixa Chiado, Falcão de Campos (2013). Nesta planta é possível perceber a intenção de não intervir nas ruas de maior hierarquia da Baixa, deixando a interseção entre estas em vazio. fonte: <https://www.archdaily.com/593697/pedestrian-assisted-path-from-baixa-to-castelo-de-sao-jorge-falcao-de-campos>



061 | Pátio do Carrasco na década de 40, Lisboa, autor Artur Pastor, fonte: AML

o pátio

“O recinto é uma síntese da polaridade entre a circulação de pessoas (...) É a unidade base de uma certa morfologia urbana. Fora dele, o ruído e o ritmo apressado da comunicação impessoal; no interior, o sossego que o largo, a praça ou o pátio tem escala humana.”⁵⁹

O pátio representa um lugar comum de convívio, de escala mais humana e doméstica, onde predomina o sentido de intimidade, catalisador de relações de vizinhança. Como elemento da arquitetura é capaz de relacionar as várias tensões de domínio, usos e limites que designam formas de habitar muito diversas. O pátio apresenta um caráter de certa tranquilidade e sossego conferido pela proximidade à casa e a um espaço mais doméstico, embora partilhável.

Enquanto herança do império romano na cidade ocidental, os pátios surgem no tecido urbano como conjuntos heterogêneos das mais variadas escalas e formas, cujo objetivo inicial era resolver problemas de salubridade, iluminação e ventilação das habitações. Atualmente, o pátio é por excelência um espaço intimista de convívio que revela as vivências dos moradores. Tal é evidenciado no caso de alguns *Pátios de Lisboa*, cuja apropriação e vivência refletida no pátio de entrada, o lugar que une as pessoas, lhe confere uma atmosfera própria e uma imagem pitoresca.

Este elemento ao estabelecer uma transparência e relação com o exterior capaz de fortalecer a apropriação e laços, bem como diluir limites e domínios do espaço, qualifica a atmosfera e vivência do lugar. Assim, o pátio é capaz de articular as casas e a domesticidade com o exterior público de forma mais íntima, proporcionando o encontro e a partilha entre vizinhos, o que convida à sua humanização.

No plano de reconstrução do Chiado, o arquiteto Siza Vieira utiliza esta ideia de pátio, oferecendo o interior dos logradouros à cidade ao ativar o interior do quarteirão como um espaço partilhável e usufruível por todos. A particularidade do caso do Chiado tem a ver com a resolução dos desníveis entre as diferentes cotas para aceder aos pátios, estratégia necessária na topografia de Lisboa, que Siza Vieira se propõe resolver. As passagens que nos transportam para o interior ganham maior relevância pelo contato entre os arruamentos e cotas distintas, cujos acessos e distribuições configuram um sistema de becos e escadinhas que confluem no pátio central e comum, configurando-se como um espaço de proximidade e intimismo, que assegura a articulação entre cotas as relações *interior-exterior* dos vários elementos.

⁵⁹ CULLEN, Gordon (1971), *Paisagem Urbana*, p. 70



062 | (em cima) Pátio B do Arquiteto Siza Vieira na Baixa Chiado, autor e data desconhecida in *Atalhos Urbanos – O exemplo do Chiado: cinco estudos de caso*, FIGUEIREDO, Rui, Tese de Mestrado, p. 34

063 | (em baixo) Pátio A, Chiado, Siza Vieira, in *Atalhos Urbanos – O exemplo do Chiado: cinco estudos de caso*, FIGUEIREDO, Rui, Tese de Mestrado, p. 34



064 | a apropriação do espaço do pátio no Convento das Bernardas, do arquiteto Eduardo Souto de Moura (2012), autor Juan Lagares, fonte: <https://juancalagares.com/project/rehabilitacion-del-convento-das-bernardas/>



065 | Relação entre a casa e o pátio no projeto de Harald Schönegger + Inmaculada González (2014), Sevilla, autor Fernando Alda, fonte: <http://www.fernandoalda.com/es/trabajos/arquitectura/900/rehabilitacion-de-una-vivienda-en-el-casco-historico-de-sevilla>

vãos, soleiras, passagens e limites

Também os elementos como janelas e portas são referências para o desenvolvimento de sociabilidades no bairro, ativando a dupla função de espaço e passagem. O desenho destes elementos de transição entre o interior e o exterior tem um papel essencial no modo das pessoas se relacionam e interagem com o espaço que as rodeia, com o edifício e a rua. A caracterização destes elementos, sugere ainda diferentes níveis de abertura e transparência do espaço privado para o público, induzindo participações e ritmos na utilização do espaço, tensões de escala, vibração, ritmo e volumes.

O vão é o gesto mais elementar de abertura ao exterior e diálogo entre a índole pessoal e a coletiva, que filtra e oferece a exposição, o recolhimento, a luz e o ruído. Ao representar o espaço intermédio entre o dentro e o fora, o vão apresenta-se como mediador e ativador das diversas realidades, sendo capaz de reclamar uma identidade própria que contamina os espaços adjacentes e influencia o uso dos mesmos, podendo até exigir elementos próprios, como uma soleira ou uma varanda. O vão e os elementos adjacentes convidam à contemplação e permanência, através da leitura de um livro ou de uma conversa entre vizinhos.

Elementos como a varanda e a soleira, que irrompem na rua uma apropriação do espaço interior, desempenham funções de grande relevância para a qualidade da casa e do espaço habitat, marcando a diferenciação de espaços e permitindo o contacto entre vizinhos, mas ao mesmo tempo que resguardam os habitantes da sua exposição e vulnerabilidade.

O arquiteto Eduardo Souto de Moura, na reabilitação do Convento das Bernardas desenha os espaços exteriores da rua e pátio, zonas comuns e de aproximação social, recorrendo a alguns elementos como degraus, ou elementos vegetais que funcionam em conjunto com os vãos para trabalhar a transição entre o espaço da casa e o espaço comunitário. Assim, quando Souto Moura desenha um banco ou uma soleira junto às portas e janelas que dão acesso às habitações, o arquiteto consegue definir uma zona de transição intimista e apropriável pelos habitantes entre as casas e a rua, que constitui um lugar natural para sentar, ler, relaxar e onde se protagonizam as receções e despedidas entre amigos e vizinhos, funcionando como um espaço limite e mediador entre a esfera doméstica e pública.



066 | (em cima) Os bancos e degraus como elementos de transição e de marcação dos diferentes domínios do espaço no Convento das Bernardas (2012), Algarve, do arquiteto Eduardo Souto de Moura, autor Juan Lagares, fonte: <https://juanalagares.com/project/rehabilitacion-del-convento-das-bernardas/>

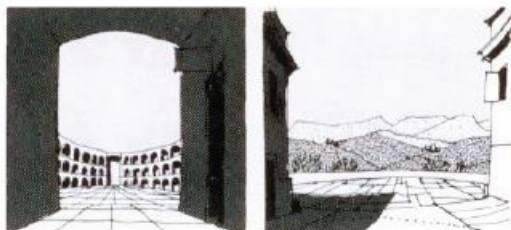
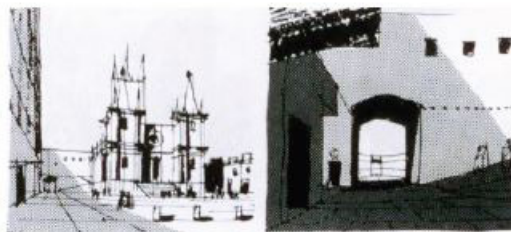
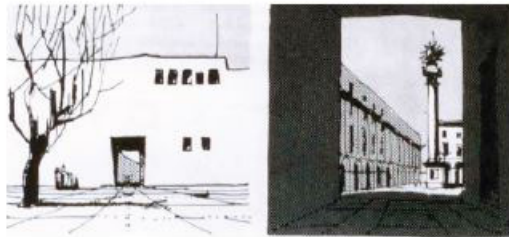
067 | (em baixo) Passagem e enfiamento no Convento das Bernardas (2012), Algarve, do arquiteto Eduardo Souto de Moura, autor Juan Lagares, fonte: <https://juanalagares.com/project/rehabilitacion-del-convento-das-bernardas/>

“(...) Imagine-se agora os edifícios colocados de maneira a permitir o acesso ao interior do conjunto; então o caminhante sentirá que esse espaço delimitado tem vida própria, que a sua existência é independente das construções que o originam e envolvem e pensará: «Estou aqui» ou «Estou a entrar aqui» (...) Suponha-se ainda, em relação ao mesmo grupo de edifícios, que um deles não se enquadra, pela sua função, no conjunto (...) se surgir diante do observador, por hipótese, um tempo, todos os outros aspectos relativos à sua dimensão, complexidade, cor e outros serão bem evidentes.”⁶⁰

As passagens para o interior são um ponto chave da permeabilidade e transparência de espaços e limites na cidade. O atravessamento dos edifícios confere ao espaço um sentimento de alternância e descoberta, que leva o cérebro humano a reagir às diferenças dos elementos de forma a compreender melhor o espaço que o envolve. Este sentido de descoberta e percepção é descrito por Cullen (1971) como *visão serial*⁶¹, aquela em que o Homem procura compreender o espaço envolvente e as suas variações, de escalas, funções, texturas, etc., para o habitar.

60 CULLEN, Gordon (1971), *Paisagem Urbana*, p.9

61 CULLEN, Gordon (1971), *Paisagem Urbana*, p.12



068 | Demonstração de um percurso e da visão serial na cidade, autor Gordon Cullen, fonte: Cullen, Gordon (1971), *Paisagem Urbana*, p. 19



069 | Relação entre a casa e a rua e a passagem para o pátio no projeto de Harald Schönegger + Inmaculada González (2014), Sevilla, autor Fernando Alda, fonte: <http://www.fernandoalda.com/es/trabajos/arquitectura/900/rehabilitacion-de-una-vivienda-en-el-casco-historico-de-sevilla>



070 | Relação entre a casa, a rua e a passagem para o pátio no projeto de Harald Schönegger + Inmaculada González (2014), Sevilla, autor Fernando Alda, fonte: <http://www.fernandoalda.com/es/trabajos/arquitectura/900/rehabilitacion-de-una-vivienda-en-el-casco-historico-de-sevilla>



071 | A relação e passagem entre as cotas do pátio B e a rua do Carmo no projeto de Siza Vieira na Baixa Chiado, autor desconhecido, fonte: *Atalhos Urbanos – O exemplo do Chiado: cinco estudos de caso*, FIGUEIREDO, Rui, Tese de Mestrado, p. 37

05. A PROPOSTA

nota introdutória

Ao longo do PFM evidenciamos a importância da casa, percebida como um lugar de intimidade e memórias e também das relações que esta estabelece com o espaço envolvente, capaz de dinamizar e qualificar uma certa ideia de cidade e modo de vida tão específico do bairro.

Partindo da ideia de que a proposta, mais do que um exercício de traço deveria servir as pessoas e reforçar a qualidade e bem-estar dos espaços vividos, consideramos que a forma de manter a memória e tradição na Madragoa assenta sobre as possibilidades que o espaço público oferece, na sua permeabilidade e fusão com a esfera doméstica, onde se estabelecem relações sociais e de vizinhança e se protagonizam rotinas e ações do quotidiano em conjunto. Do pavimento ao banco, às escadas, à porta e janela onde se conversa e coloca um vaso com flores, às tensões de escala, textura e linguagem, das passagens para o interior do logradouro onde a folhagem verde anuncia a presença de árvores e as crianças se recolhem para jantar, até à casa nos propomos a pensar a arquitetura e atmosfera. Nesse sentido, os temas abordados anteriormente – a casa, o bairro e as relações de transição –, constituem conceitos fundamentais na abordagem e aproximação ao projeto e à valorização dos laços espaciais e afetivos na Madragoa.

“Não sou muito atento ao fenómeno da arquitectura, prefiro falar-vos daquilo que afecta o quotidiano das pessoas. (...) o espaço entre os edifícios é o gerador da própria arquitectura.”⁶²

62 FIGUEIREDO, Vítor, publicado em: ARENGA, Nuno (2012). *Vítor Figueiredo: fragmentos de um discurso*, p. 66

estratégia de intervenção

A proposta que se apresenta neste PFM resulta de uma cuidada leitura do lugar, onde tiveram grande peso os resultados derivados da análise documental, da observação direta, *in situ* e as conversas informais com os moradores que evidenciaram carências e necessidades do lugar, nomeadamente, ao nível da acessibilidade dos espaços, da permeabilidade e da desadequação das habitações às exigências atuais de conforto e salubridade, que não estão de acordo com os padrões exigíveis na contemporaneidade.

Como vimos anteriormente, o PPRUM elaborado pela CML em 2015 salienta estas carências e prevê ações de intervenção que correspondam à reabilitação e revitalização do espaço habitacional, à qualificação e oferta dos espaços públicos, à retenção da população e atração de novos residentes.

Considerando estas premissas, escolheu-se como lugar de intervenção o quarteirão limitado pelas ruas da Esperança, das Madres e Travessas do Pasteleiro e das Isabéis. Este quarteirão constitui um dos núcleos primitivos do bairro da Madragoa, com origem pré terramoto, onde se verifica alguma degradação do edificado, e uma oportunidade única para trabalhar outros temas do espaço público e da manutenção de um modo de vida específico, tal como já foi abordado nos capítulos anteriores.

A grande dimensão do quarteirão levou à escolha da zona mais densificada, pela construção de anexos no logradouro que, além de não ter valor arquitetónico, causam constrangimentos na salubridade e qualidade das habitações próprias e circundantes, assim como do espaço em geral, como lugar para intervir. Também aqui se considerou encontrar tipos habitacionais representativos do edificado geral e abrangentes dos diversos casos possíveis de intervenção: o edifício devoluto, o edifício desenquadrado na traça urbana e o edifício de características medievais reconhecidas por Carita. Assim, embora não se apresente uma intervenção global no edificado do quarteirão e do bairro, estamos confiantes de que os edifícios escolhidos são capazes de exemplificar ou sugerir uma estratégia de intervenção nos restantes.

Consideramos o desenho do espaço público, ou o espaço que complementa as habitações da Madragoa como o espaço que articula as várias escalas tanto ao nível urbano como ao do edificado, capaz de sugerir e reaver a “vida de bairro” tão característica e uma ideia de domesticidade.



Assim, ao nível urbano propõe-se a repavimentação das ruas e travessas que circunscrevem o quarteirão, retomando a materialidade da calçada de basalto existente tanto na Avenida Dom Carlos I como junto ao Convento das Bernardas para desenhar uma continuidade urbana. Deste modo, retomamos o tema do pavimento e da alternância de materialidades e texturas para desenhar momentos de permanência e transição no espaço público. Na Rua da Esperança, a única que comporta trânsito rodoviário, de sentido único, recorreremos à rugosidade da calçada de basalto para limitar a velocidade do trânsito automóvel e sugere-se uma pedra mais nobre e confortável para o trânsito pedonal. A mesma linguagem da escala, textura e materialidade do pavimento é reavida nas ruas seguintes com a ambição de desenhar os diferentes momentos e caminhos através da estereotomia.

O logradouro de dimensões consideráveis e cariz excepcional no bairro suscitou a oportunidade de trabalhar este espaço de forma comunitária, oferecendo-o como espaço partilhável aos moradores. Para tal, após a demolição das construções anexas e precárias existentes, desenha-se um espaço qualificado e permeável que pode ser usufruído e acedido pelos habitantes através das várias cotas e ruas que circunscrevem o quarteirão. São propostos três acessos para o seu interior, um na Rua da Esperança, outro na Rua das Madres e um terceiro na Travessa das Isabéis, sendo ainda reativada a passagem já existente na Travessa do Pasteleiro, perfazendo um total de quatro acessos desencontrados que desembocam num pátio comum que enriquece a estrutura urbana e relaciona as diferentes cotas do lugar. Cada passagem desenha, no encontro com o limite interior do logradouro, uma praça de receção, que comunica com as seguintes. Assim, estas praças surgem na proposta como o lugar de encontro e reunião dos moradores, que marca e define a transição feita a partir da rua. Imaginamo-las ainda como lugares onde acontecem conversas e jogos de cartas, onde se estendem uns bancos e cadeiras à sombra das árvores e com as quais comunicam umas casas.



- linha limite de empena regulamentar (15 metros de empena)
- linha limite de empena que se admite, considerando as construções originais



- construções anexas sem valor arquitetónico a demolir e que causam constrangimentos na salubridade do edificado
- edifícios devolutos e a intervir

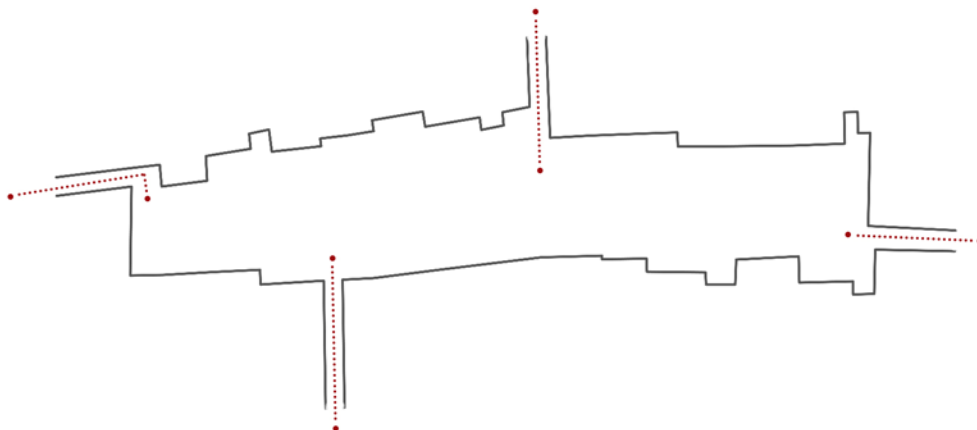
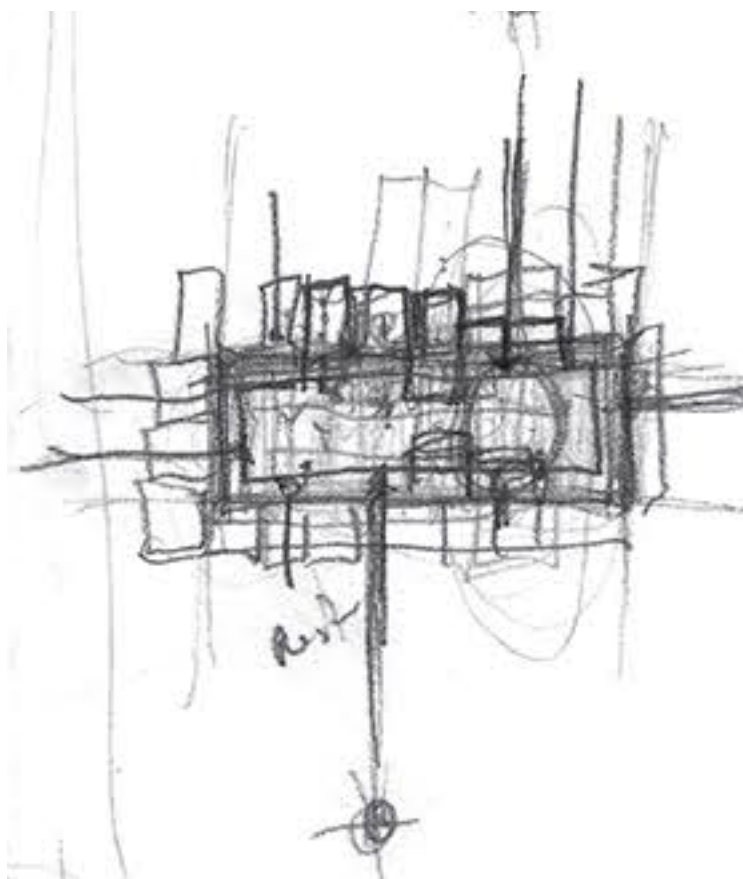
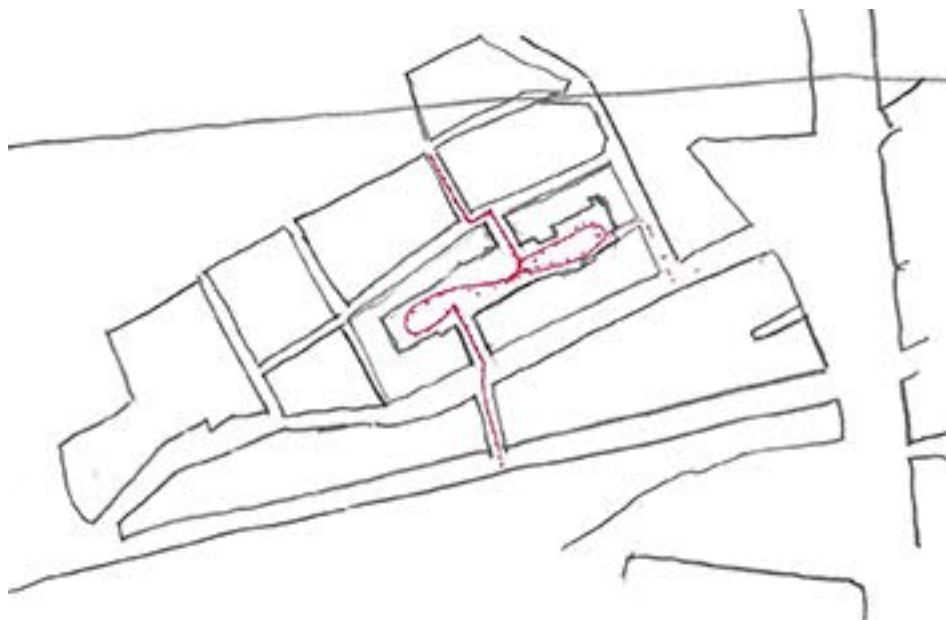
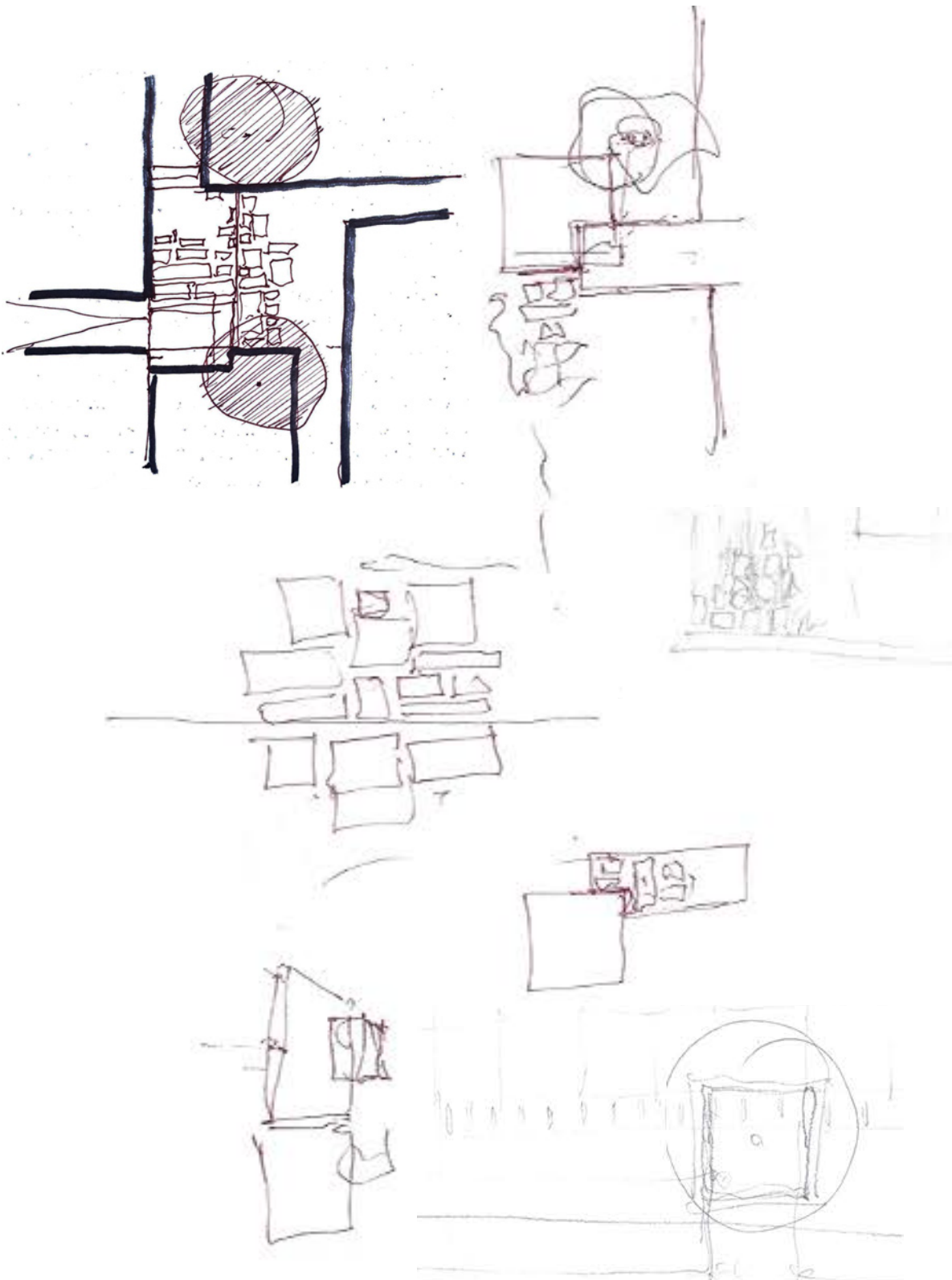


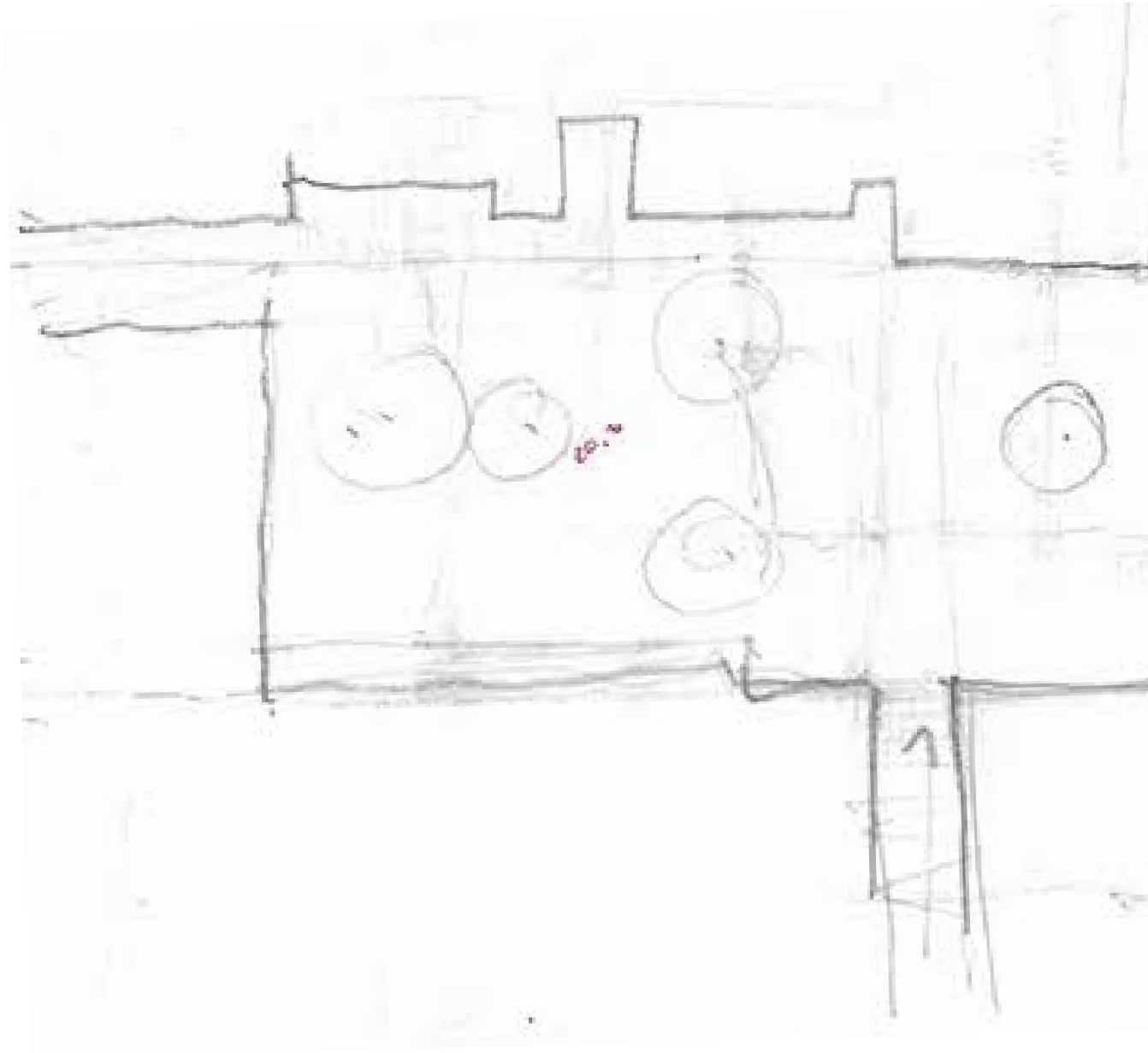
diagrama de atravessamentos para o interior do quarteirão

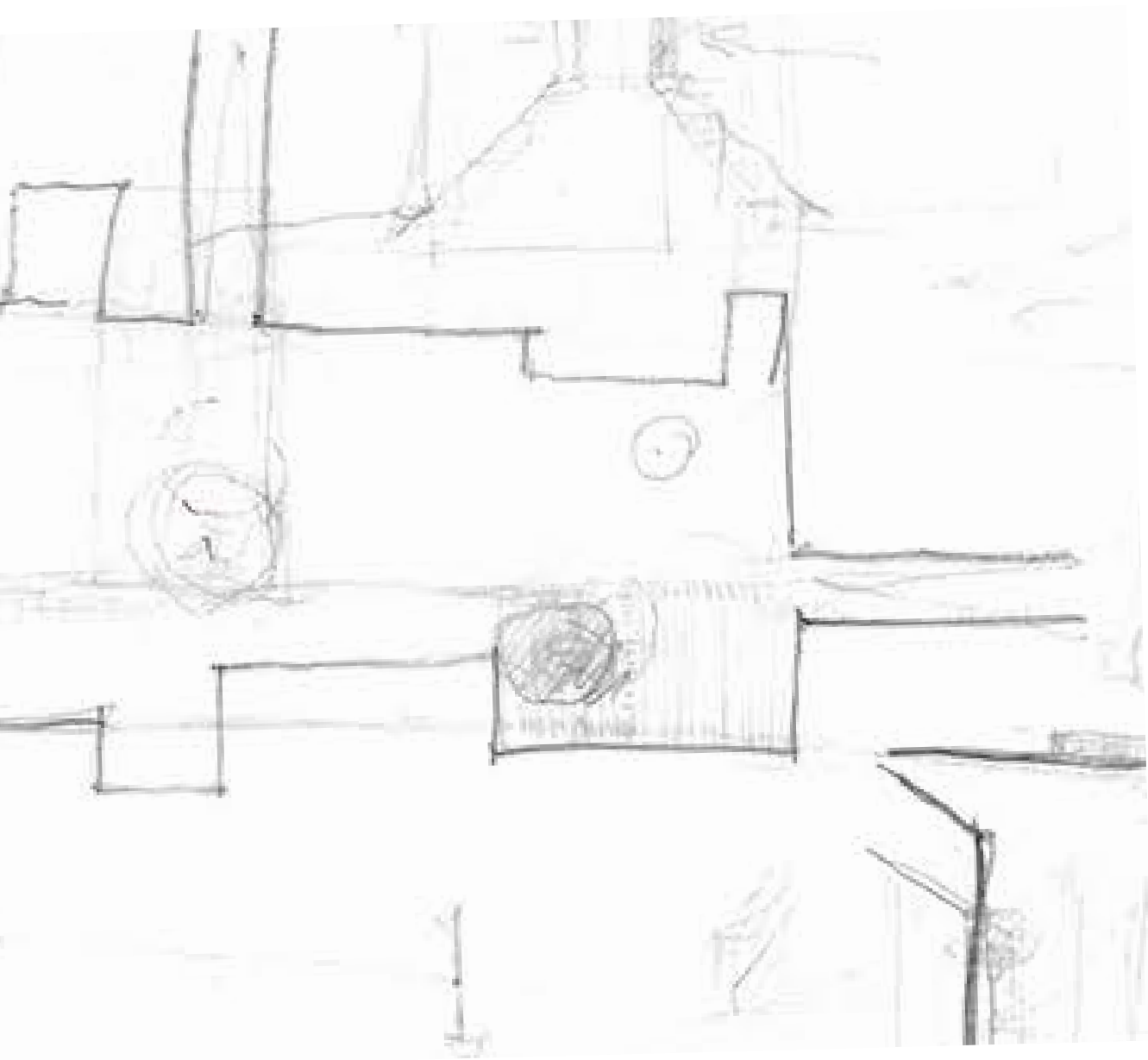


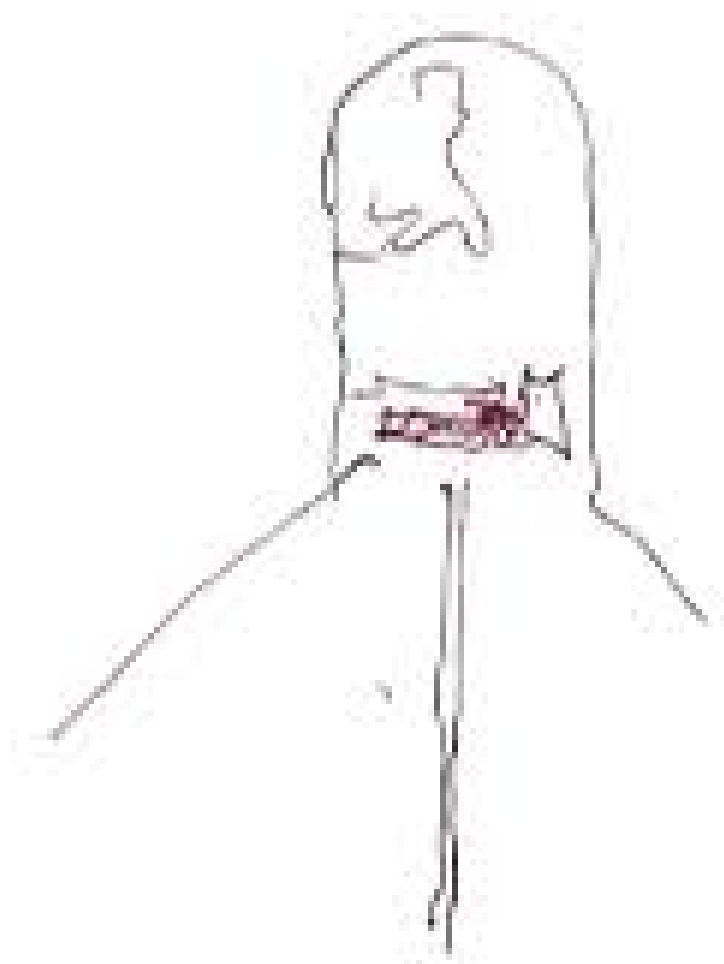
073 | esboço sobre os atravessamentos no logradouro, desenho da autora.



074 | detalhes sobre o desenho do pavimento, desenho da autora.







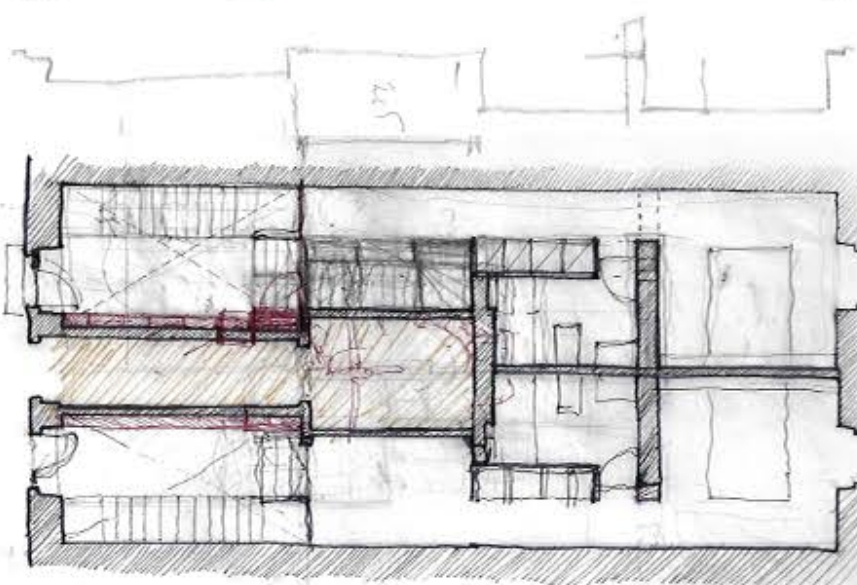
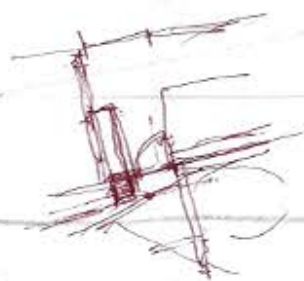
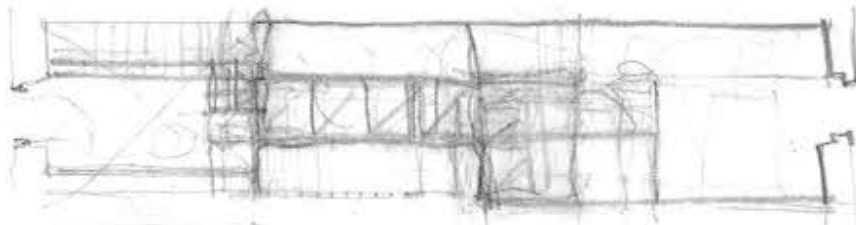
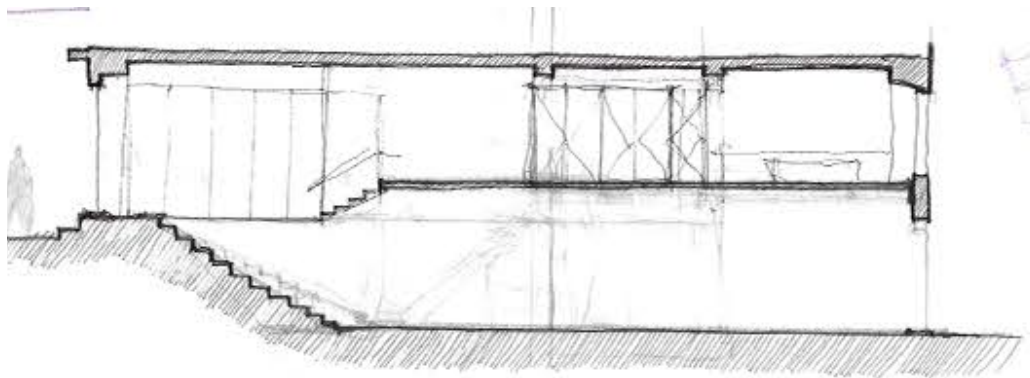
076 | esboço da passagem para o interior, desenho da autora.

A primeira premissa para a reabilitação das casas obedece à uma lógica de adequação destes tipos às exigências de habitabilidade da contemporaneidade. Depois, a de não sacrificar o número de fogos nas habitações, aumentando-o sempre que possível e, por fim, olhar para as dimensões reduzidas de alguns edifícios como oportunidades para dar resposta à necessidade de atrair população, explorando as várias ocupações que podem receber, desde pequenas casas para estudantes, criativos e jovens casais ou famílias.

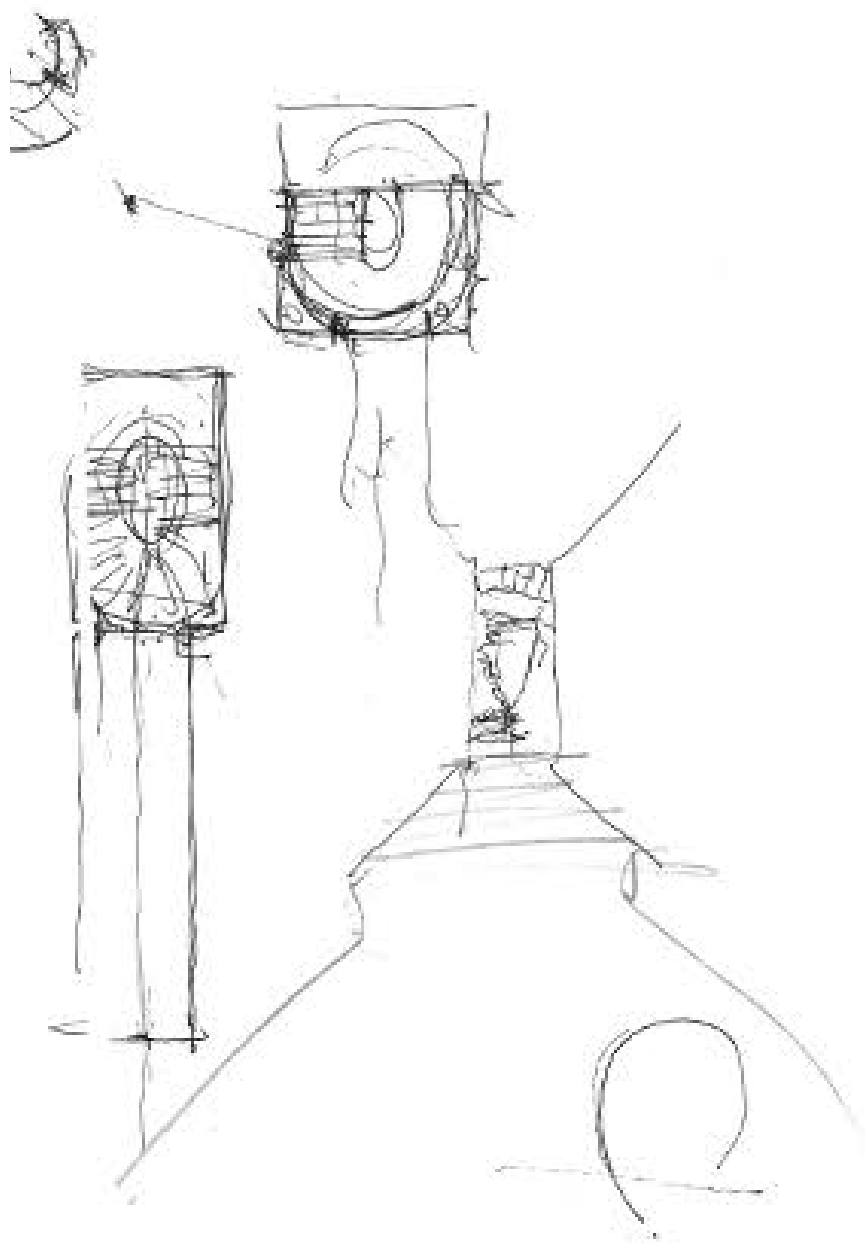
De forma a promover a transparência, diálogo e transposição das esferas pública e doméstica, e ainda reativar e qualificar a rua, os pisos térreos seguem uma tipologia de casa-atelier, destinada a receber artistas, artesões e jovens criativos em início da atividade profissional. Dada a diferença de cotas entre a rua e o logradouro, de sensivelmente um piso, trabalha-se o espaço de loja ou atelier em comunicação com a rua e desenvolve-se para o piso -1 a restante área de trabalho e habitação, em comunicação com o logradouro.

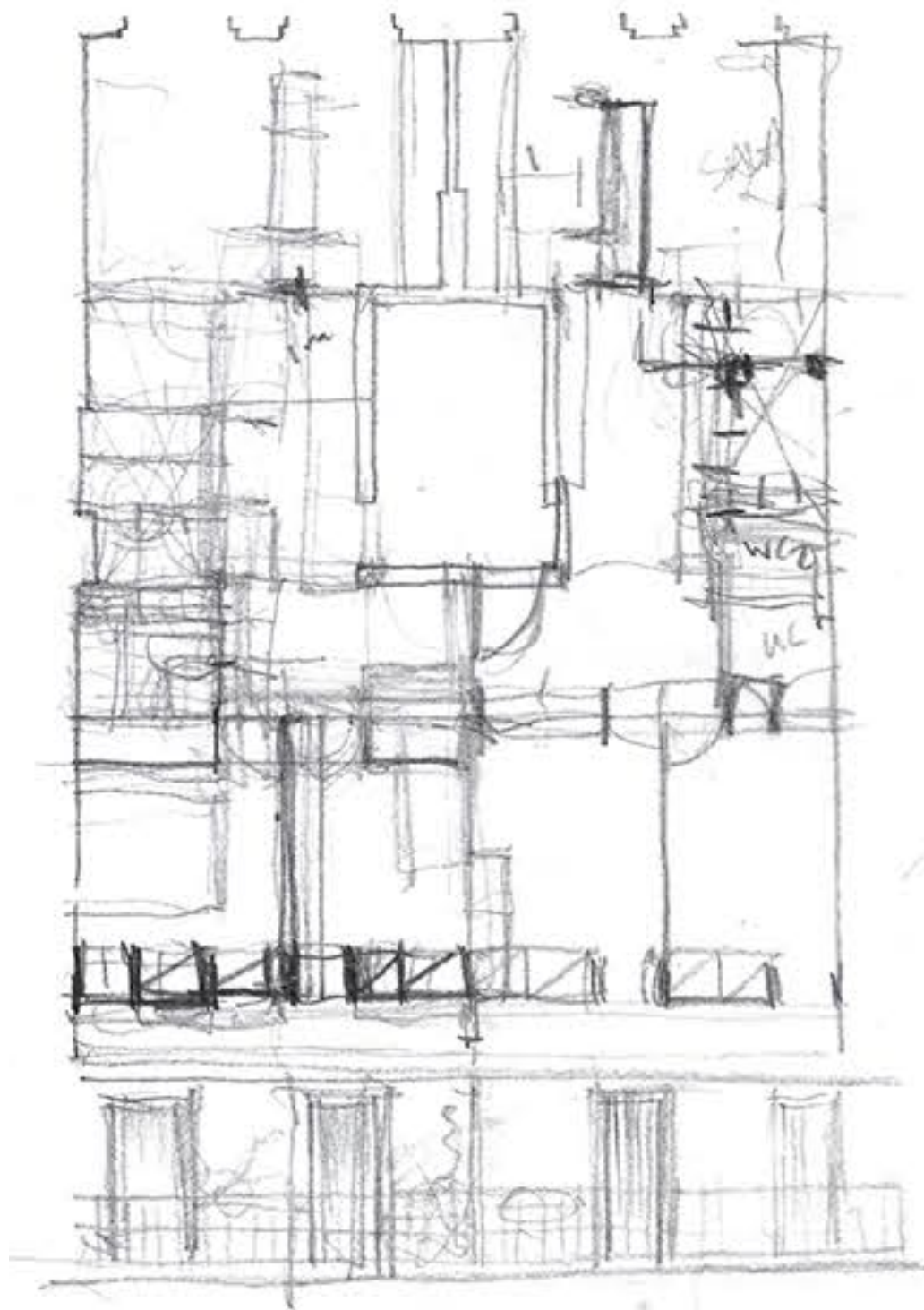
Para garantir a devida iluminação e ventilação dos espaços domésticos, muitas vezes sacrificados pela organização original dos três espaços sequenciais a partir da frente de rua – social, descanso e cozinha –, agrega-se o espaço de cozinha ao espaço social, colocando-se as instalações sanitárias no centro e virando os quartos para uma das frentes. No caso do quarteirão específico a que nos propomos intervir e atendendo ao programa e temas eleitos, optou-se por desenhar os espaços de sala e confeção na orientação sul, em comunicação com o logradouro, e com o rio nos pisos superiores, e os quartos a norte, comunicando para a rua.

As habitações desenhadas nos pisos seguintes respondem a tipologias que variam entre o T1 e o T3, promovendo assim uma flexibilidade espacial e de acolhimento de diversos agregados familiares.

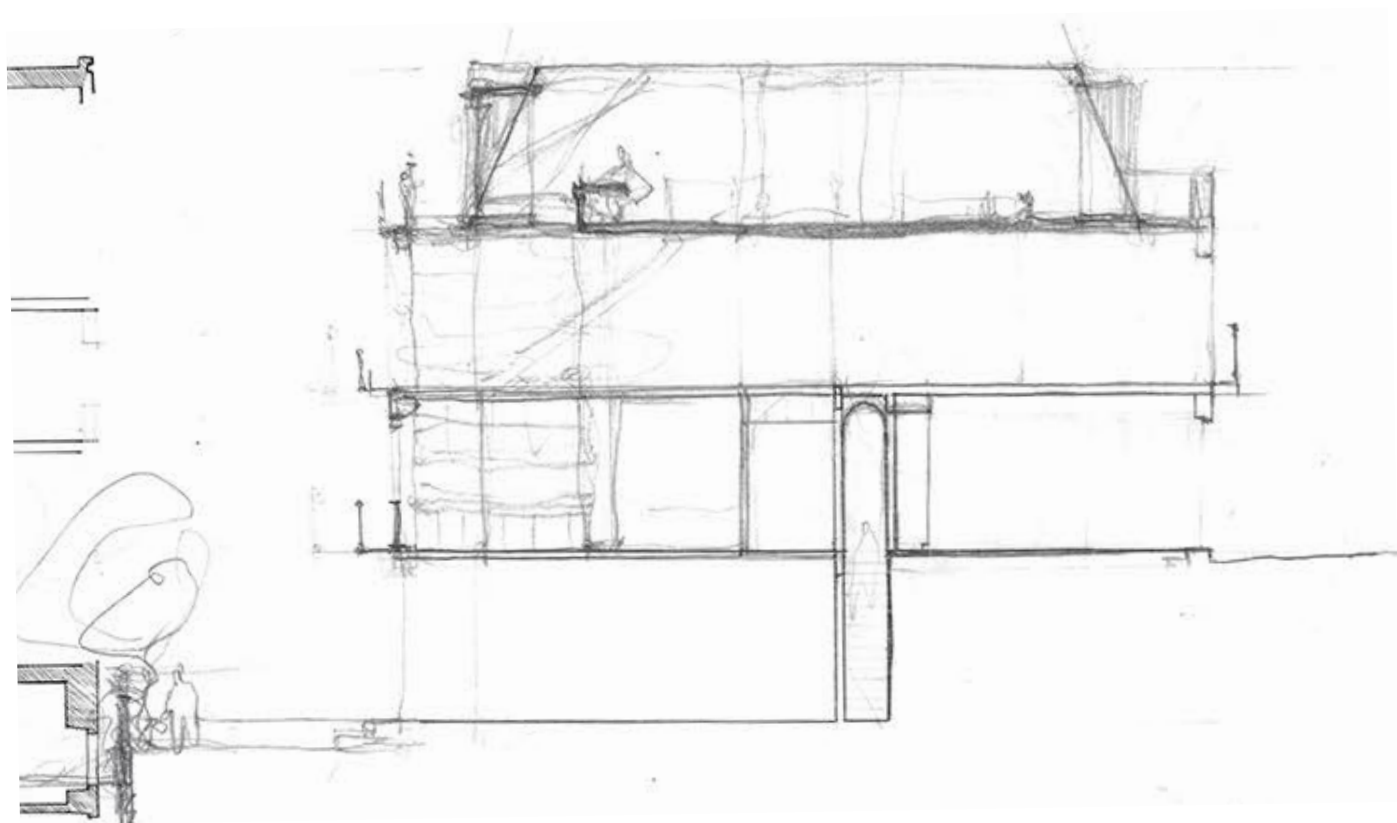


077 | exploração da casa-atelier e desenvolvimento da habitação para o logradouro na Rua das Madres 11-15. desenho da autora.

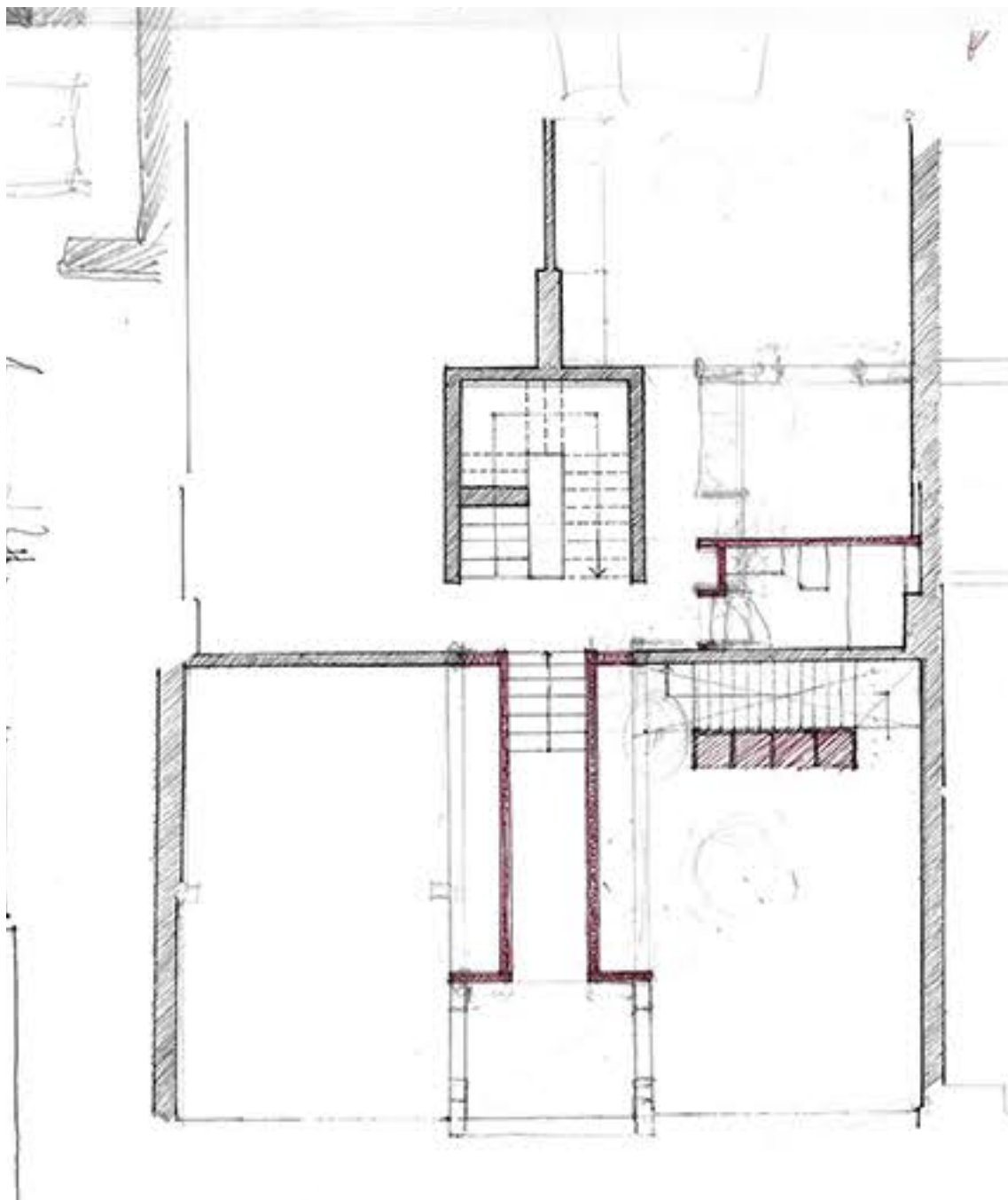




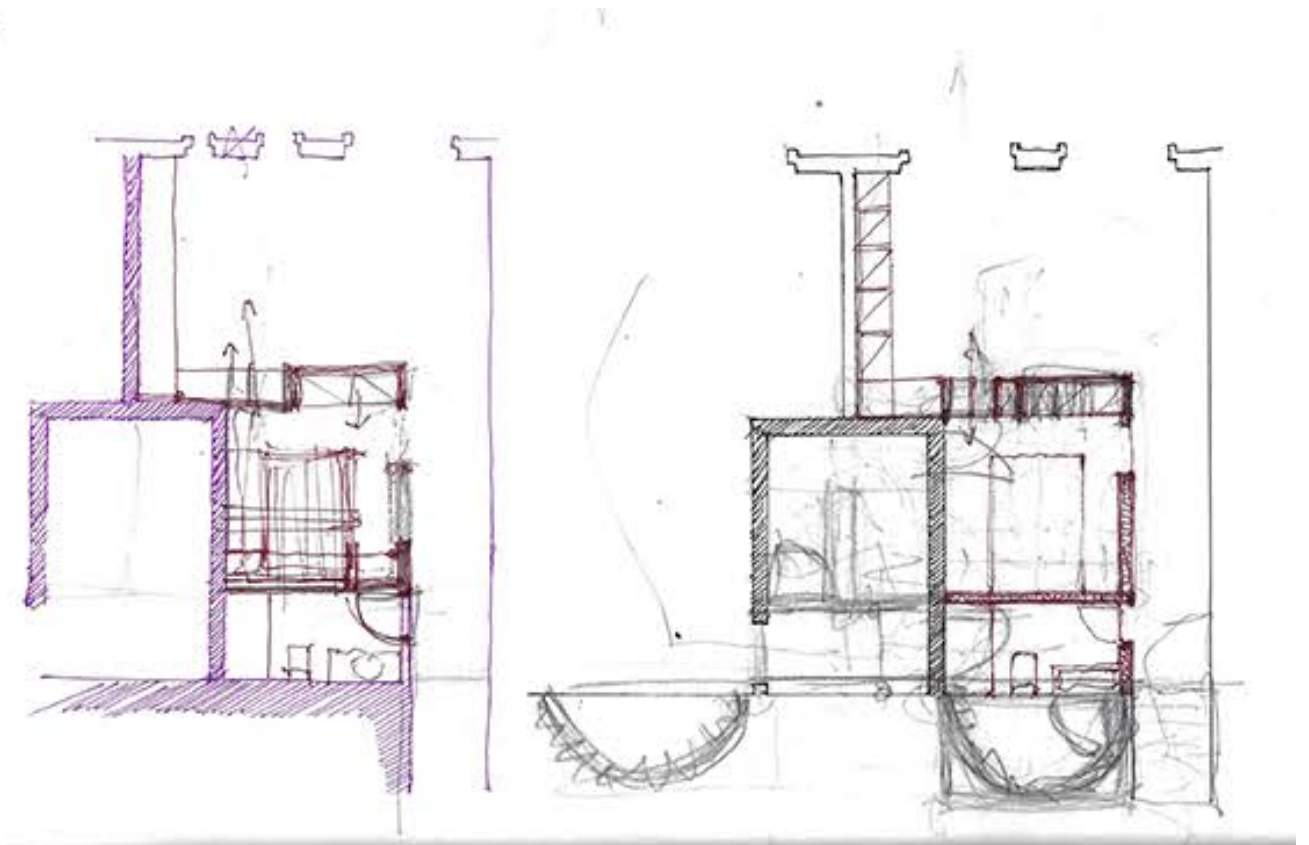
079 | desenho sobre uma tipologia t2 e estudos de fachada na Rua das Madres 17-17a, desenho da autora.

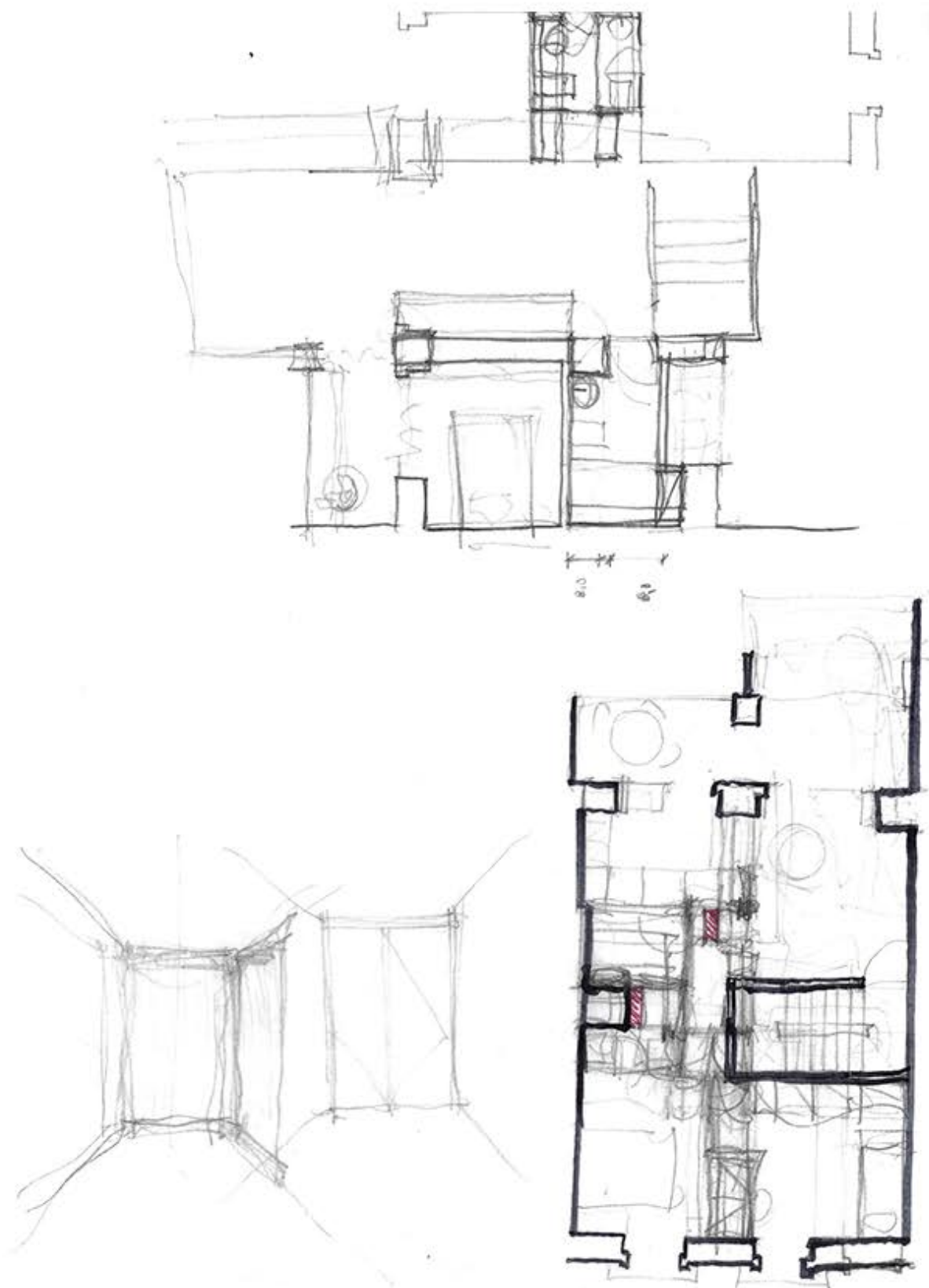


080 | relação entre a cota da Rua das Madres e o logradouro e da exploração da casa-atelier, desenho da autora.

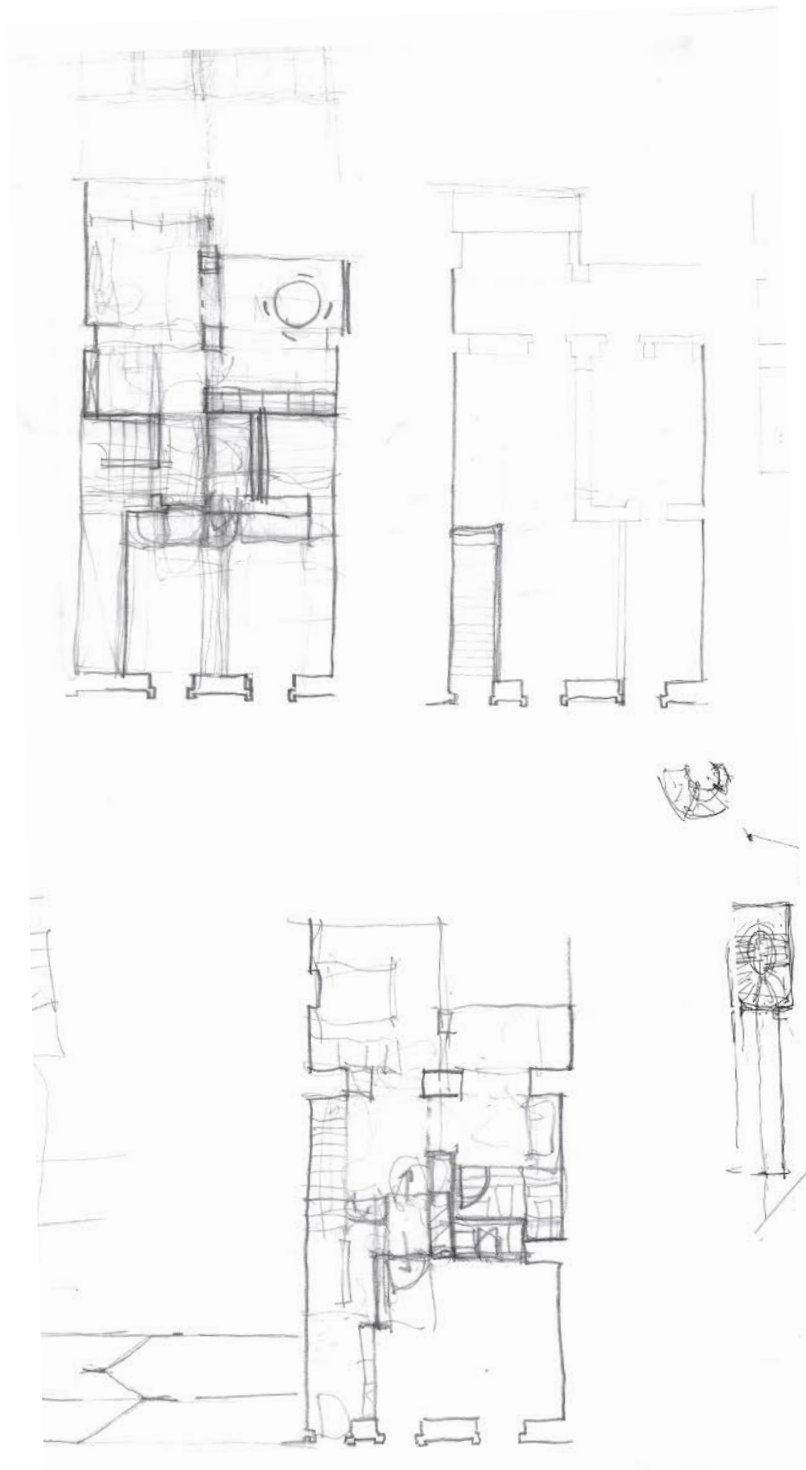


081 | esquiço sobre a loja e tipologia estúdio, desenho da autora.

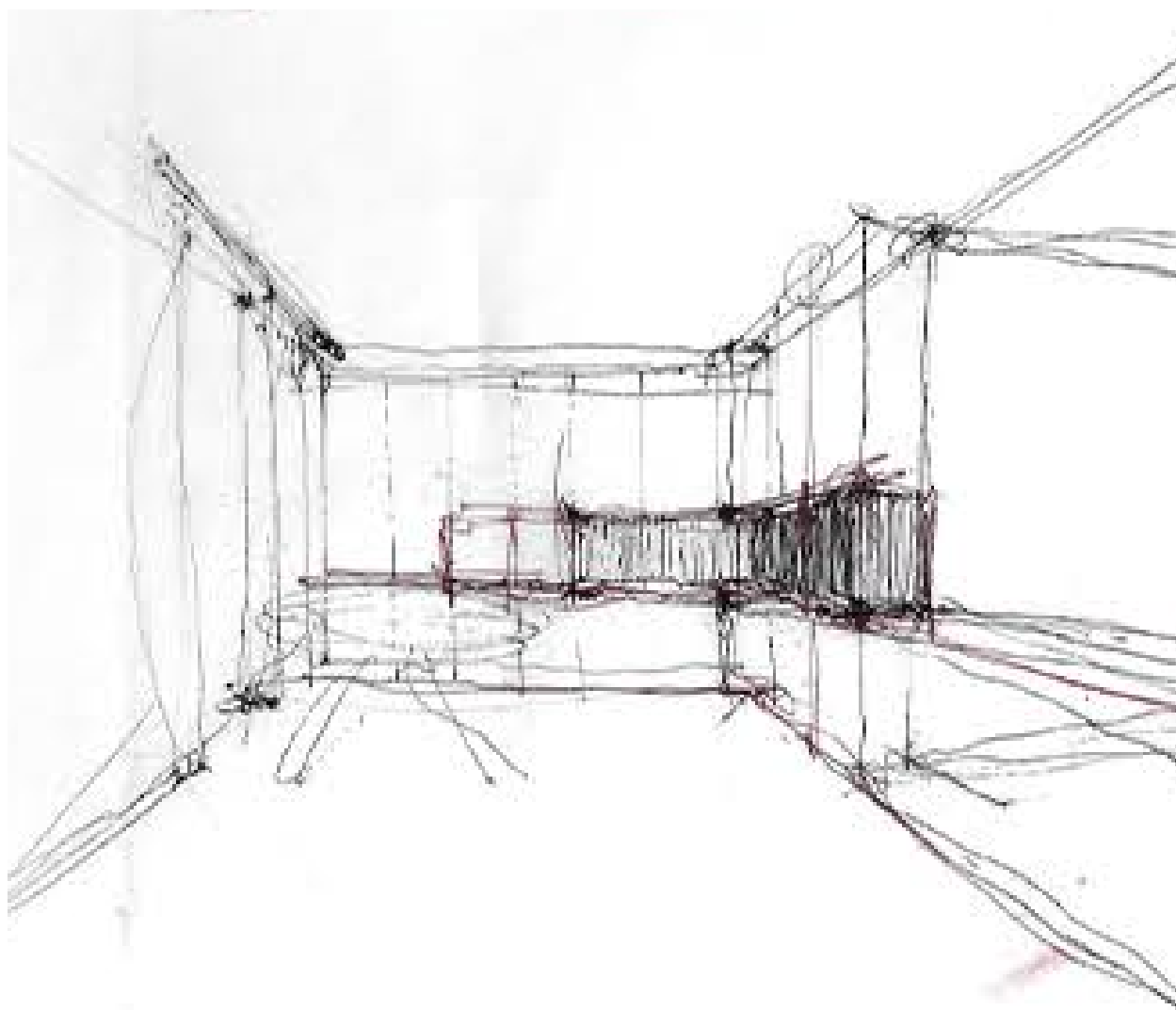




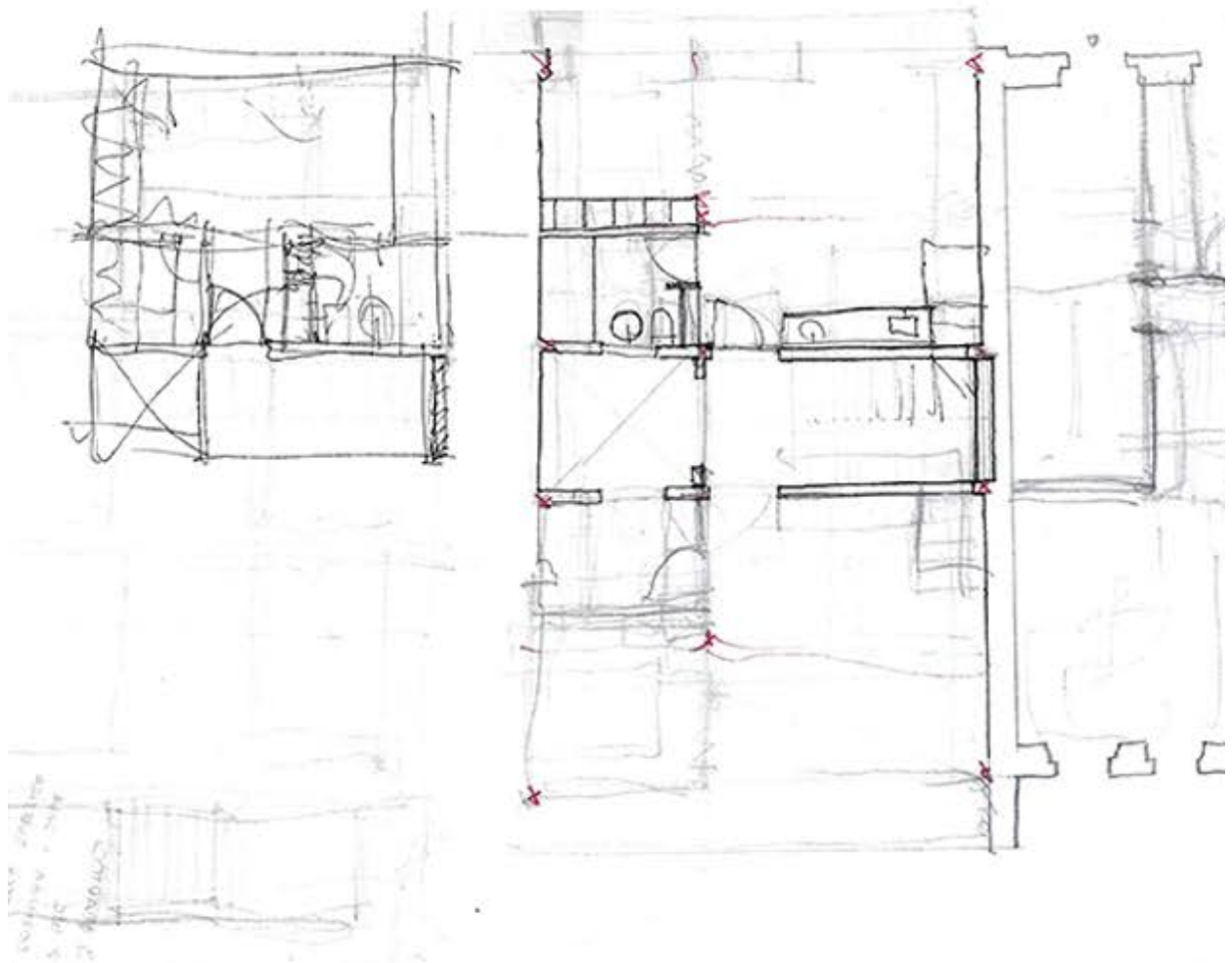
083 | estudo sobre o edifício na Rua das Madres 23-27, desenho da autora.



084 | exploração da habitação, desenho da autora.



085 | estudo sobre a atmosfera da sala e cozinha, desenho da autora.



086 | estudo sobre a casa estúdio e o saguão no edifício da passagem, desenho da autora.

06. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O bairro da Madragoa é um dos mais antigos da cidade de Lisboa. Ao longo da sua história, a Madragoa assistiu e sobreviveu às mais variadas crises, que contribuíram para a degradação do edificado e progressiva desertificação do bairro. As pressões atuais, do turismo e da exiguidade das habitações face aos padrões em vigor colocam em risco a perda de valores de vizinhança e socioculturais.

O PFM propõe uma reflexão sobre os modos de vida presentes num bairro histórico e tem como objetivo a reabilitação e requalificação das tipologias habitacionais do bairro da Madragoa, procurando compreender a forma do homem habitar e se relacionar com este espaço e desta forma elaborar estratégias de intervenção e reabilitação das habitações, adequando-as às necessidades de habitação atuais. Para além disso, pretendeu-se abordar e incorporar questões formais que influenciam a apropriação e sentimento do Homem perante o espaço, de modo a qualificar e integrar de espaços urbanos vulneráveis.

Um dos principais objetivos do trabalho foi o incentivo à reflexão sobre estes lugares e problemas da cidade histórica, bem como ao aprofundamento do conhecimento sobre o bairro da Madragoa, do qual se conhece pouco. Numa primeira perspetiva procedeu-se à investigação das habitações e tipos arquitetónicos presentes, contudo e após maior reflexão e aprofundamento do trabalho, concluímos que a arquitetura nestes lugares não reside apenas no desenho das suas habitações. O que difere a Madragoa de outros bairros na cidade são as relações interpessoais e apropriações espaciais que os habitantes lá estabeleceram. Se por um lado é verdade que inicialmente estas apropriações terão sido algo forçadas, dada as características das habitações, também o é que a densidade de relações que ainda lá existe se manteve por outros motivos.

Neste sentido, acreditamos que a reabilitação o bairro da Madragoa e a abordagem exploratória das relações de transição entre a casa e a rua podem resultar numa maior inclusão social e territorial, contribuindo assim para a afirmação dos valores patrimoniais, materiais e identitários, garantindo a reintegração funcional e a diversidade sociocultural nestes tecidos.

Ao longo do trabalho retomamos temas da Arquitetura multidisciplinares que ressalvam este modo de vida na cidade peculiar, fortalecendo as interconexões e sentimentos entre pessoas e espaços. A forma e modos de apropriação do espaço entre o público e o privado retoma temas e conceitos que apoiam as decisões de projeto, na medida em que revelaram fundamental o entendimento das relações entre a casa e os espaços confinantes, das ruas. Assim, através da leitura dos espaços e modos de transição e da forma como estes se traduzem em arquitetura conseguimos entender a verdadeira essência de habitar num bairro histórico.

Mais do que reabilitar habitações e dotá-las das condições condignas, que os moradores merecem, seria necessário intervir no pensamento do uso do espaço e da vivência do mesmo. Assim, repensou-se o uso das ruas e a forma como as habitações se podem abrir a estas e decidiu-se oferecer o espaço do logradouro aos moradores, através de um espaço verde e permeável onde podem conviver e utilizar. Embora a proposta não apresente uma intervenção à escala do bairro, considera-se que a diversidade de soluções que se apresentam são capazes de lançar pistas e lógicas de intervenção adaptáveis e complementares à restante envolvente e capazes de atrair uma diversidade de população, interesse e investimento futuro.

De modo geral, este PFM resulta do cruzamento de várias informações e pesquisas que nos levaram a pensar na reabilitação e intervenção em lugares como este, não só como um exercício de traço, mas acima de tudo com uma responsabilidade social para com os que lá vivem. O contacto com os moradores obrigou-nos a repensar a estratégia de intervenção e colocar como hipótese uma certa poesia que a arquitetura, no seu todo, poderia devolver ao lugar, desde o Homem ao espaço, do espaço à formalização e da formalização ao detalhe. Outras hipóteses seriam possíveis, mas acreditamos que o presente PFM cumpriu o seu objetivo: o de dotar aquelas habitações de condições de habitabilidade e o de reaver temas e pensamentos da arquitetura que vão ao encontro de uma sensibilidade humana.

Não deixemos morrer os bairros lisboetas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENÇA, Nuno (2012) *Vítor Figueiredo: Fragmentos de um discurso*. Lisboa, Circo de Ideias.

BUARQUE, Irene, e Nuno Teotónio Pereira (1995) *Prédios e Vilas de Lisboa*. Lisboa, Livros Horizonte.

CARITA, Helder (1994) *Bairro Alto, Tipologias e Modos Arquitectónicos*. Lisboa, CML 2ª edição.

CARVALHO, José Silva (1997) *Madragoa: Sons e Arquitecturas*. Lisboa, Livros Horizonte.

CARVALHO, J. et al. (1997) *Plano de Urbanização do Núcleo Histórico da Madragoa*. Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa.

CASTILHO, Júlio (1893) *A Ribeira de Lisboa* - livro VI. Lisboa, Imprensa Nacional. CML (1993) Reabilitação Urbana – Núcleos Históricos. Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa.

CML (2016) *Plano de Pormenor de Reabilitação Urbana da Madragoa*. Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa.

CML (2018) *Estudo Urbanístico do Turismo em Lisboa*. Disponível em: http://www.cm-lisboa.pt/fileadmin/Noticias/Estudo_Turismo_15102018.pdf?fbclid=IwAR1VPiYdA56x87ZlHamwRRT5iN31uRyKkMjn4Ys--RDLKf1J8Ropy8se2bk. Consultado a 16/02/2019.

COELHO, Carlos Dias et al. (2014) *Cadernos morfologia urbana – Livro 2: O tempo e a forma*. Lisboa, Argumentum.

CORDEIRO, Graça Índias (1997) *Um Lugar na Cidade: Quotidiano, memória e representação no bairro da Bica*. Lisboa, Dom Quixote.

CORDEIRO, Graça Índias (2003) *Uma certa ideia de cidade: popular, bairrista, pitoresca*. Revista do Departamento de Sociologia da FLUP, Vol. XIII, pp. 185-199.

CORDEIRO, G. (2008) *A Rua – espaço, tempo, sociabilidade*. Lisboa, Livros Horizonte.

COSTA, António Firmino da (1999) *Sociedade de Bairro: Dinâmicas Sociais Da Identidade Cultural*. Lisboa, Celta Editora.

COSTA, Pilar Cabral Cardoso da (2017) *A casa: do espaço construído ao espaço vivido*. Dissertação de mestrado, FA: Universidade de Lisboa.

CULLEN, Gordon (1983) *Paisagem Urbana*. Lisboa, Edições 70.

DOVEY, Kim (1985) *Home Environments. Human Behavior and Environment: Advances in Theory and Research*. Nova Iorque, Plenum Press.

EYCK, Aldo Van (1963) *Doorstep*. Revista Team 10 Primer, vol.15, nº91, Editora Alison Smithson, pp.349-360.

EYCK, Aldo Van (2008) *The child, the city and the artist: an essay on architecture: the in-between realm*. Amsterdão, Sun.

GEHL, Jan (2006) *La Humanización del Espacio Urbano*. Barcelona, Editorial Reverté.

HEIDEGGER, Martin (1958) *Batir, Habitar, Penser*, in: *Essais et conférences*. Paris, Éditions Gallimard.

HERTZBERGER, Herman (1991) *Lessons for Architecture Students*. Rotterdam, 010 Publishers.

HERTZBERGER, Herman (1999) *Lições de Arquitectura*. São Paulo, Martins Fontes.

KAHN, Louis (1973) Louis I. Kahn – *Silence and Light* in A+U, disponível em: <https://www.japlusu.com/news/room-street-and-human-agreement>. Consultado em 11/03/2019.

LYNCH, K. (2008). *A Imagem da Cidade*. Lisboa, Edições 70.

MATOSO, Joana Parracho (2013) *A habitação corrente da época pré-industrial em Lisboa: o caso do Bairro da Madragoa* - volume 1. Dissertação de mestrado, Instituto Superior Técnico de Lisboa.

MENEZES, Marluce (1996) *Espaço, cultura e recuperação do património urbano. Estudo de caso: O Bairro da Madragoa*. III Congresso Português de Sociologia: Práticas e Processos de Mudança Social, Lisboa, Celta Editora.

MIRANDA, A. (1997) *Plano de Urbanização do Núcleo Histórico da Madragoa*, volume 5. Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa.

MONTEYS, Xavier et al. (2012) *Rehabitar en nueve episodios*. Barcelona, Habitar Grupo de Investigación.

PAVEL, F. (2016) *Turistificação: Ganhar e/ou perder?* in Revista Critical Cities, Lisboa, Plano de Lisboa, pp. 9-12.

SOL -MORALES, M. (1992) *Public and Collective Space: The Urbanisation of the Private Domain as a New Challenge*, In La Vanguardia, Barcelona.

STRAUVEN, Francis (1998) *Aldo Van Eyck: The shape of relativity*. Amsterdão, Architecture & Natura.

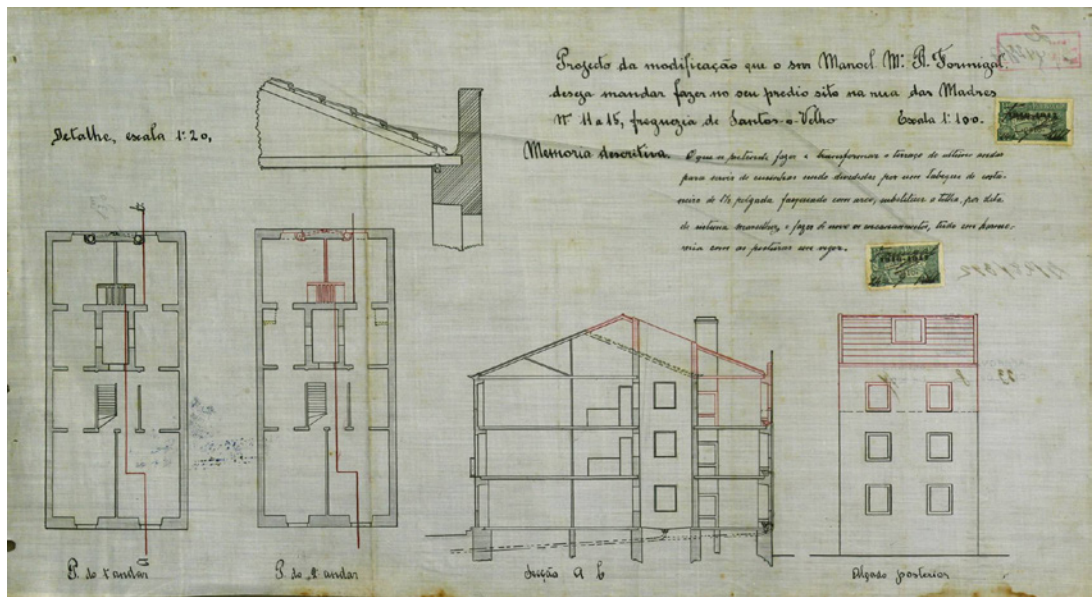
TÁVORA, Fernando (2013) *Minha Casa. Fascículo 1 – Seleção, Organização, Porto*, Coordenação editorial: Manuel Mendes – Fundação Marques da Silva e Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto.

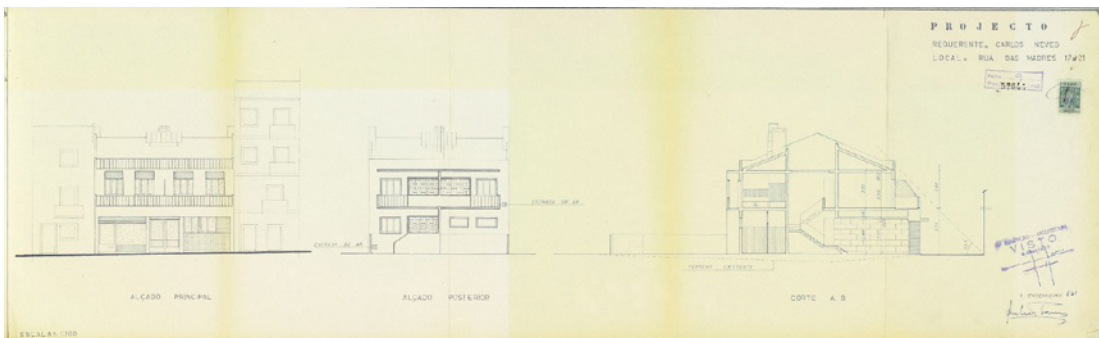
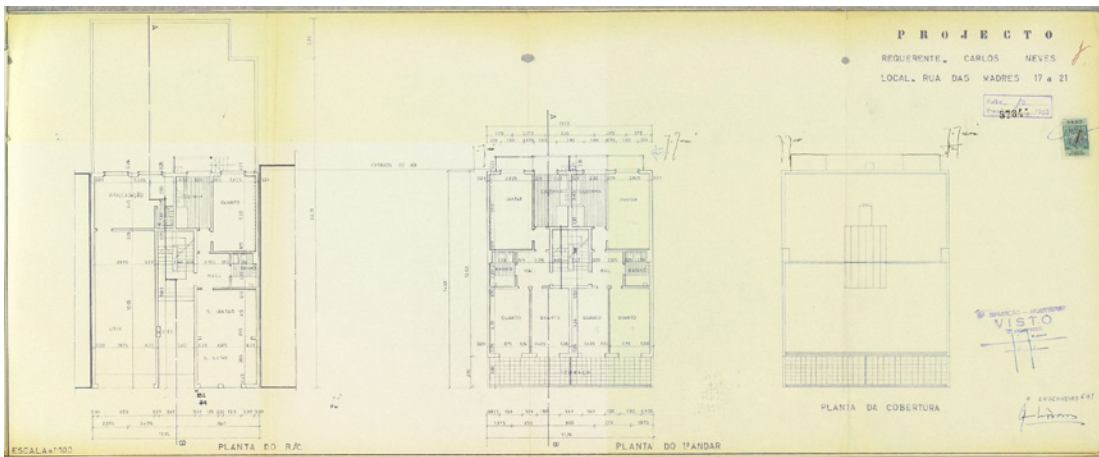
TÁVORA, Fernando (2004) *Da Organização do Espaço*. Porto, Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto.

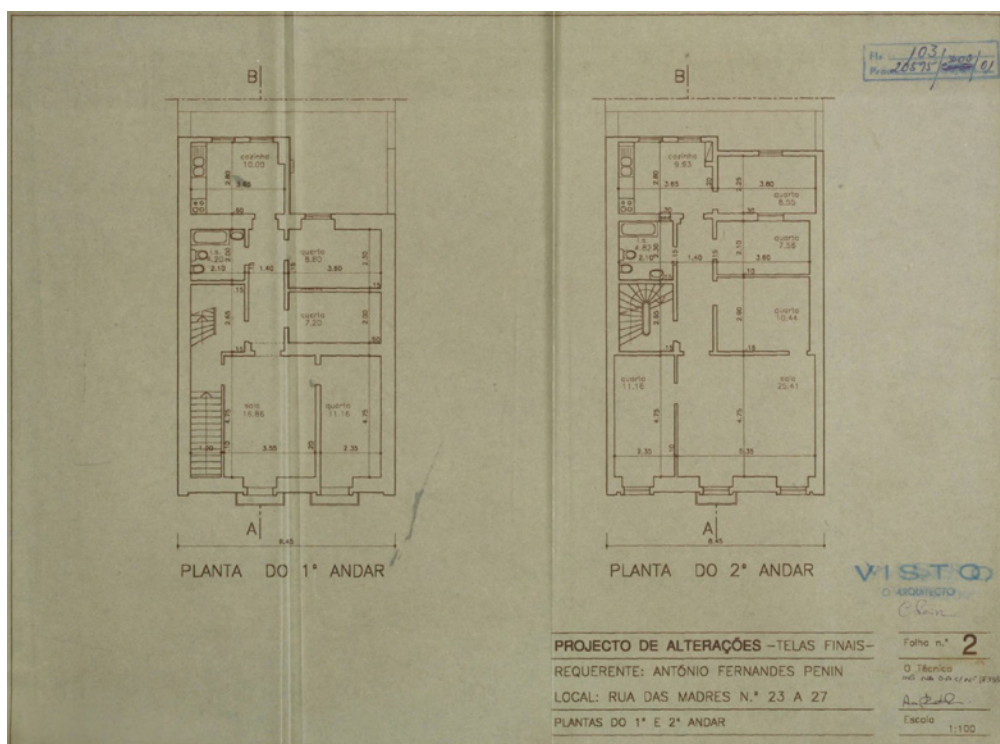
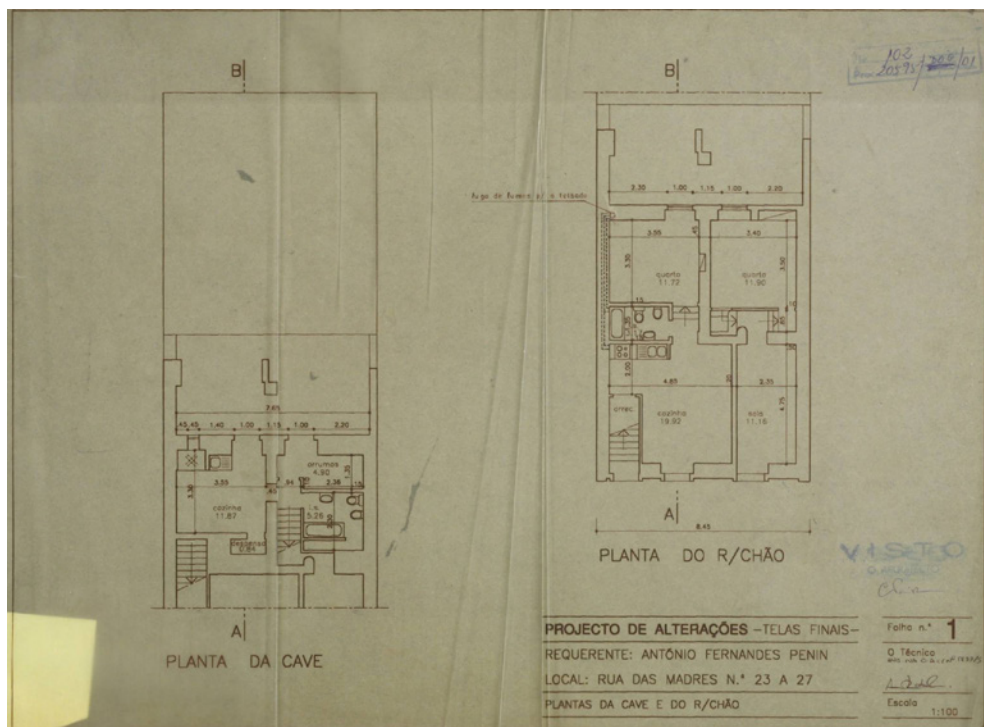
ZUMTHOR, Peter (2006) *Atmosferas*. Barcelona, Editorial Gustavo Gili.

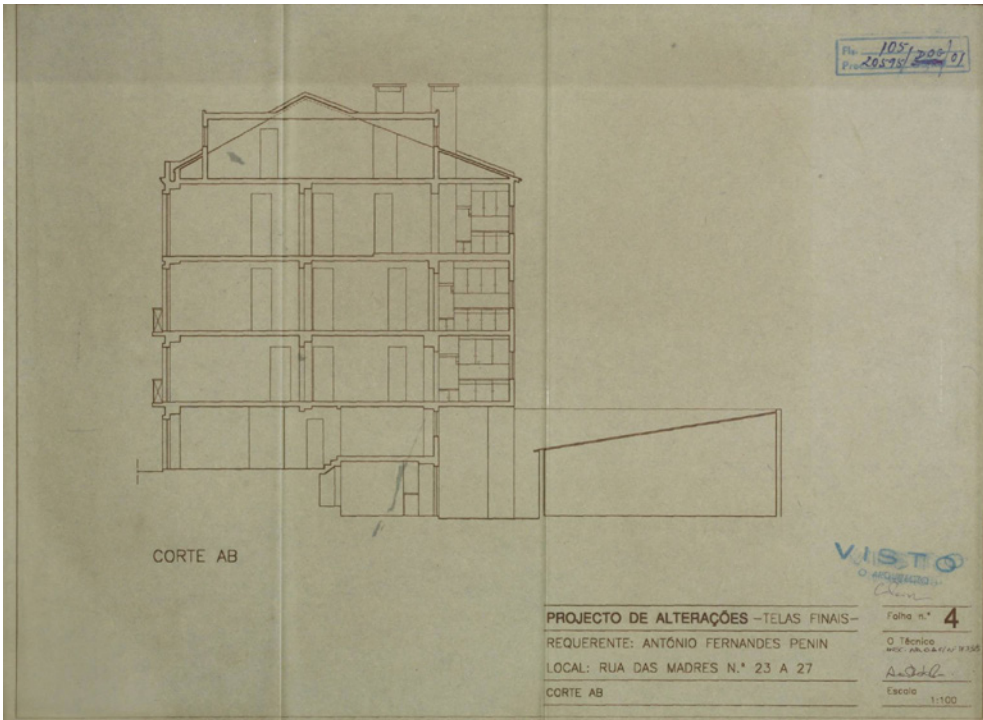
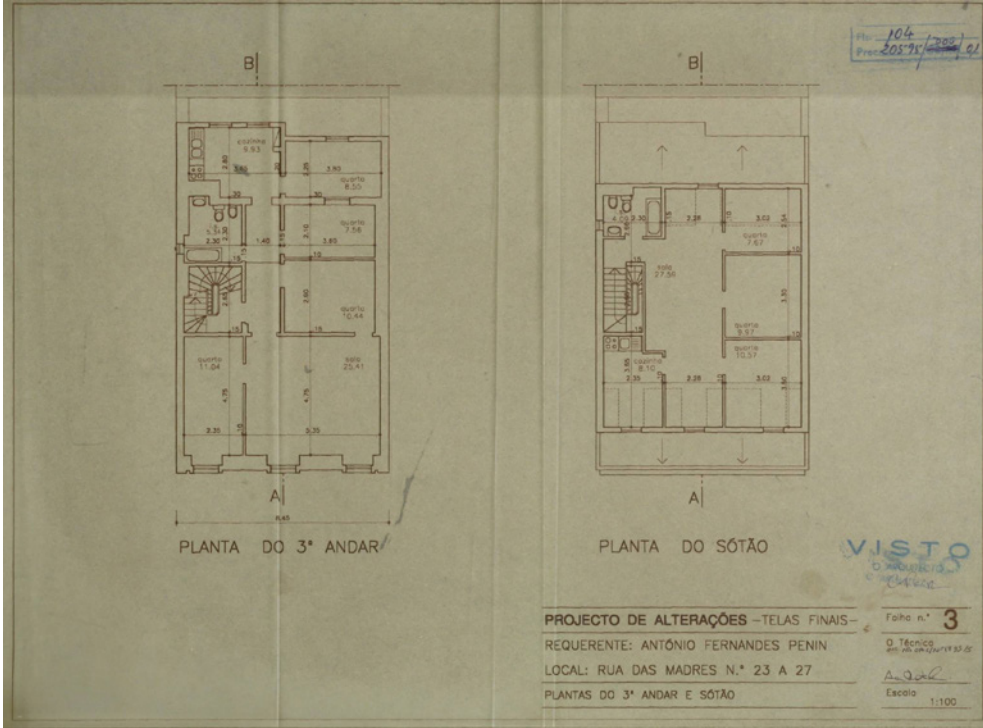
ANEXOS

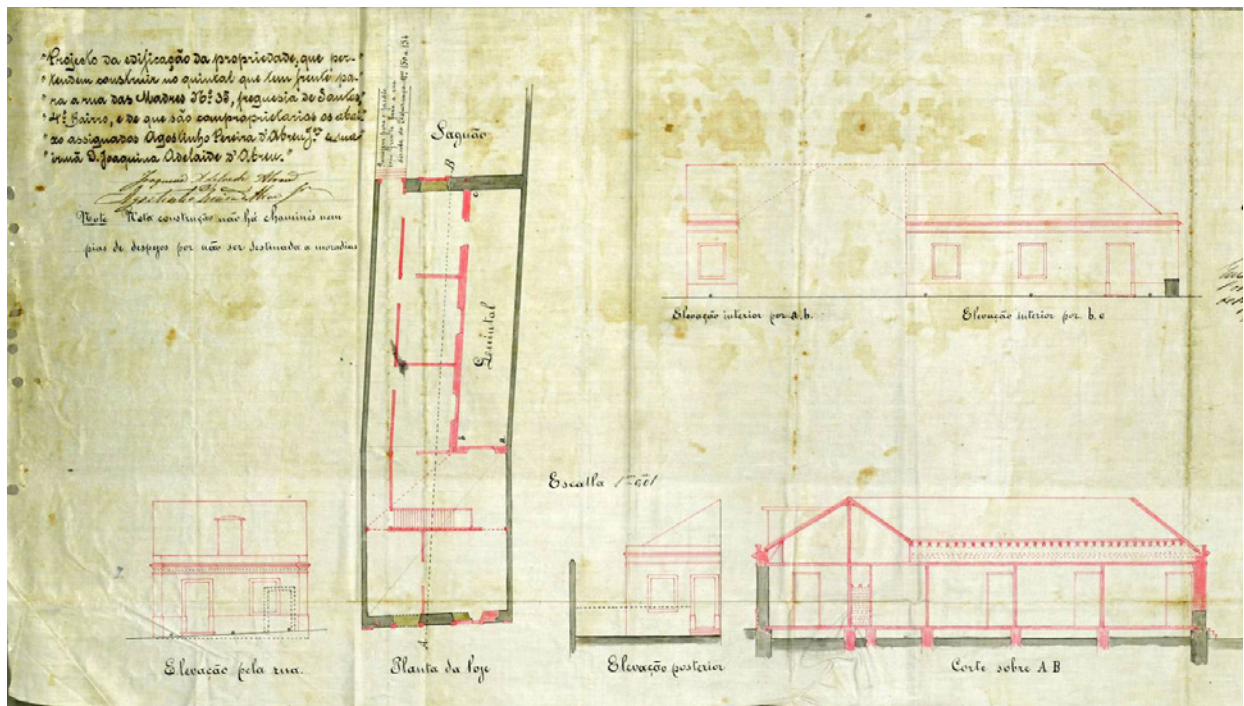
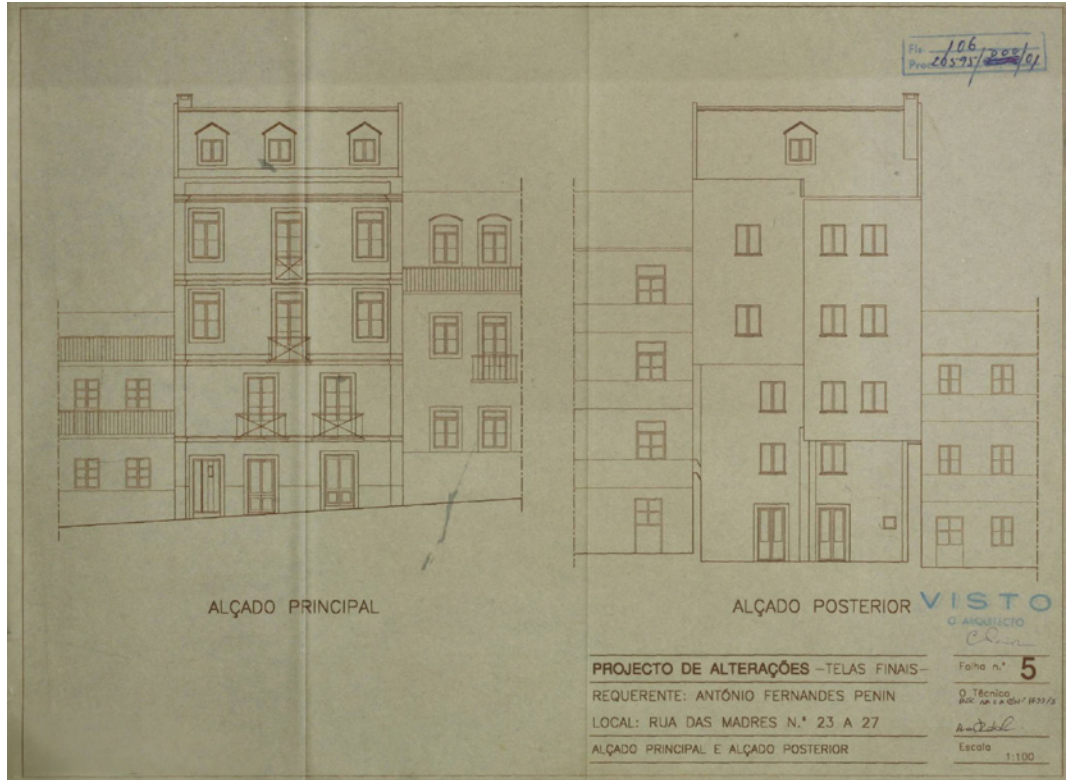
levantamento

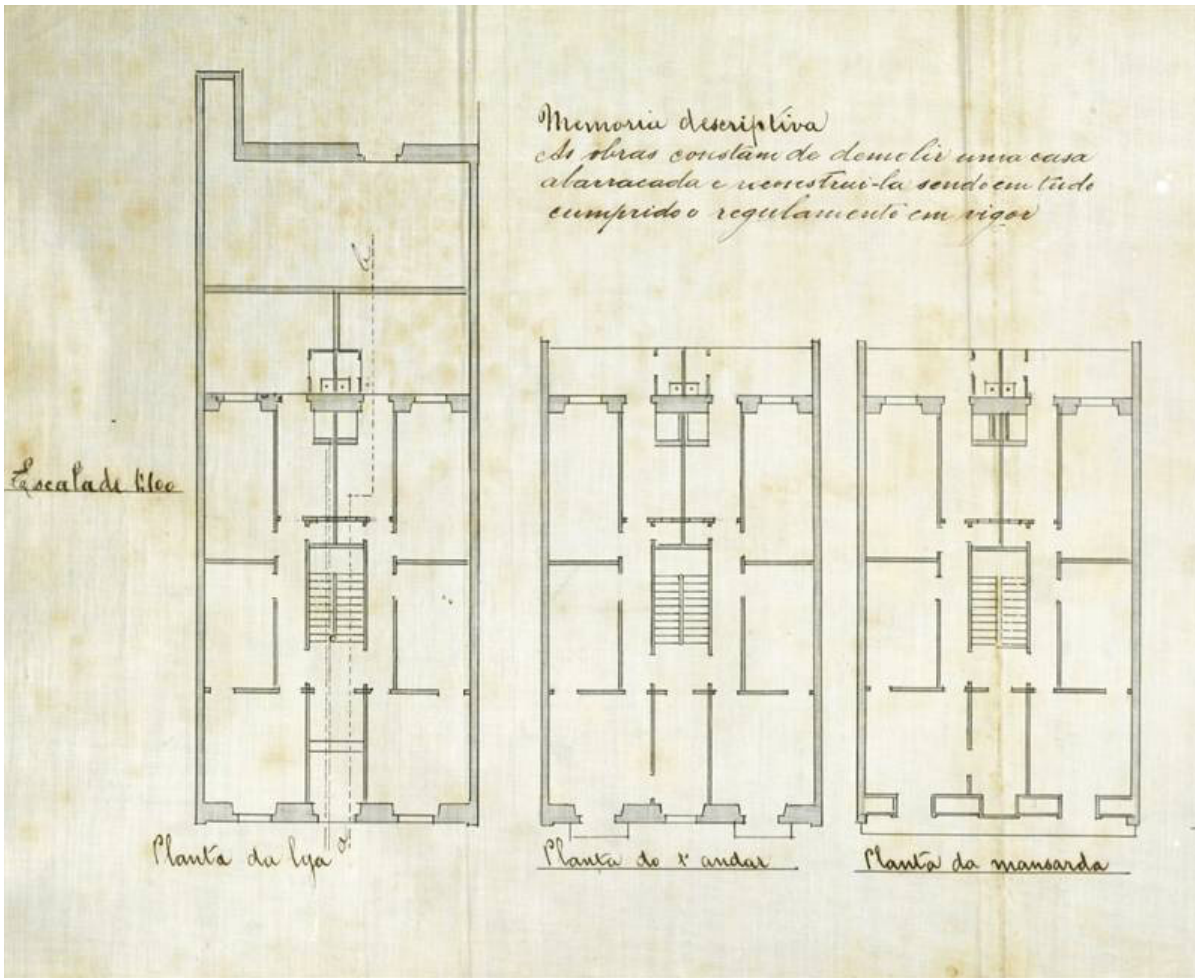










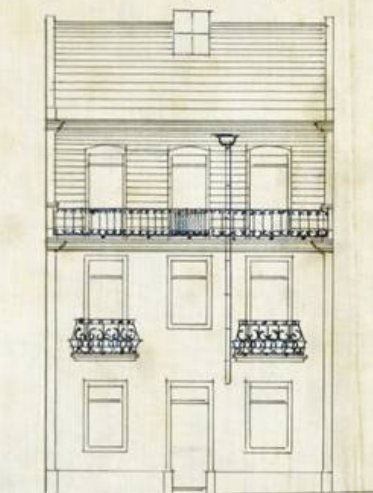


Projecto para construcção de prédio que architecto
Maria Regateiro pretende mandar fazer no seu
terreno da Rua das Madras nº 29 e 37
Freguesia de Santos

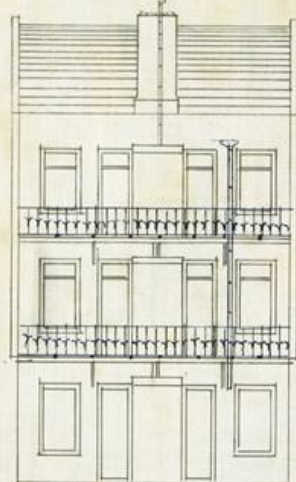
Antonio Regateiro



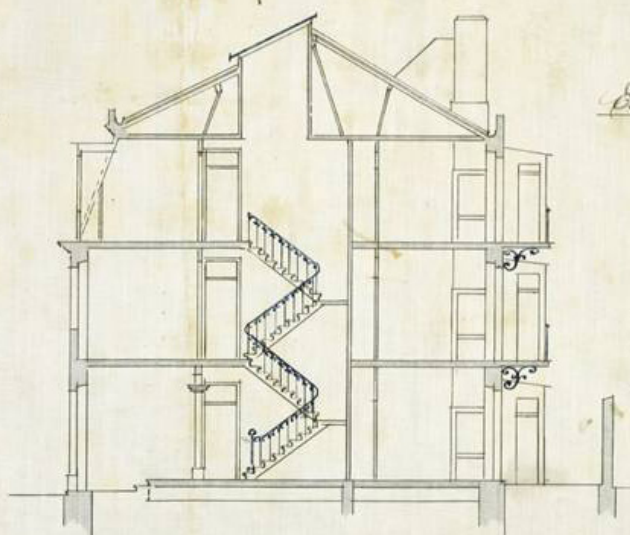
Fronte principal



Fronte posterior



Corte por a b



Ed

peças desenhadas



Rua da Esperança

Travessa do Pastelero

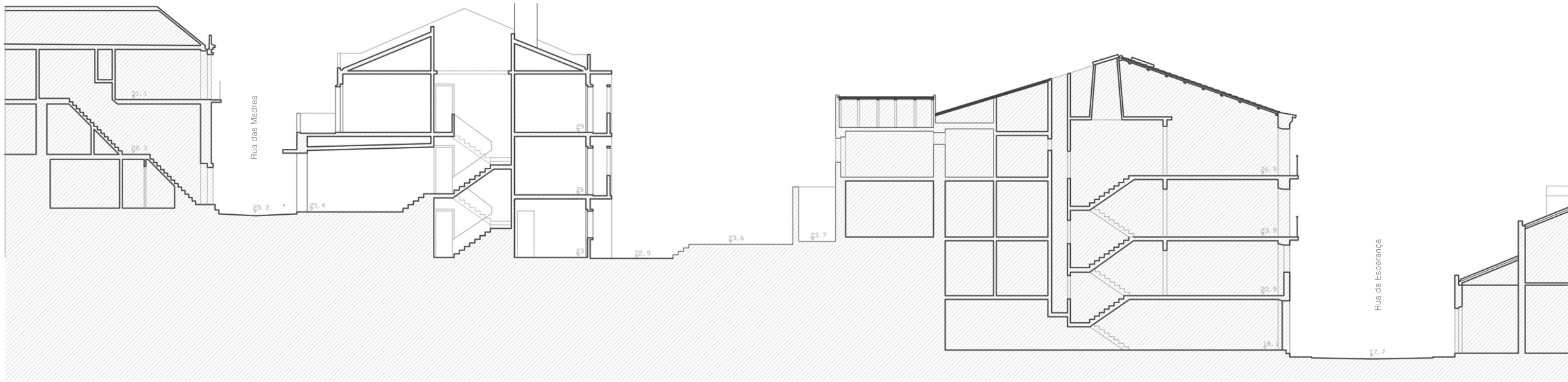




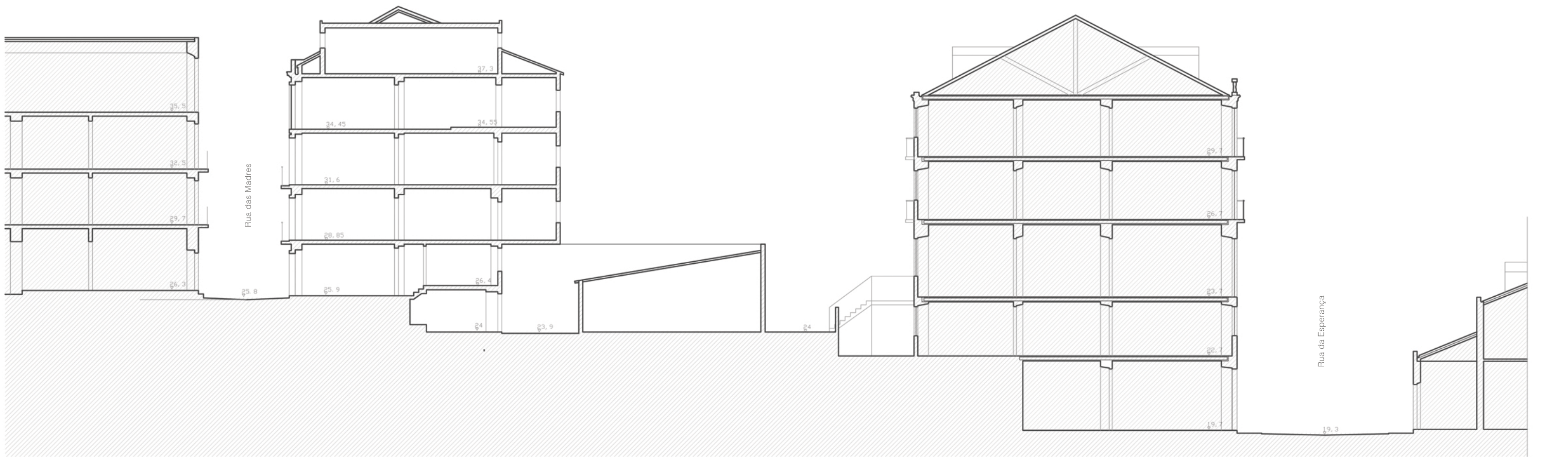








corte aa'

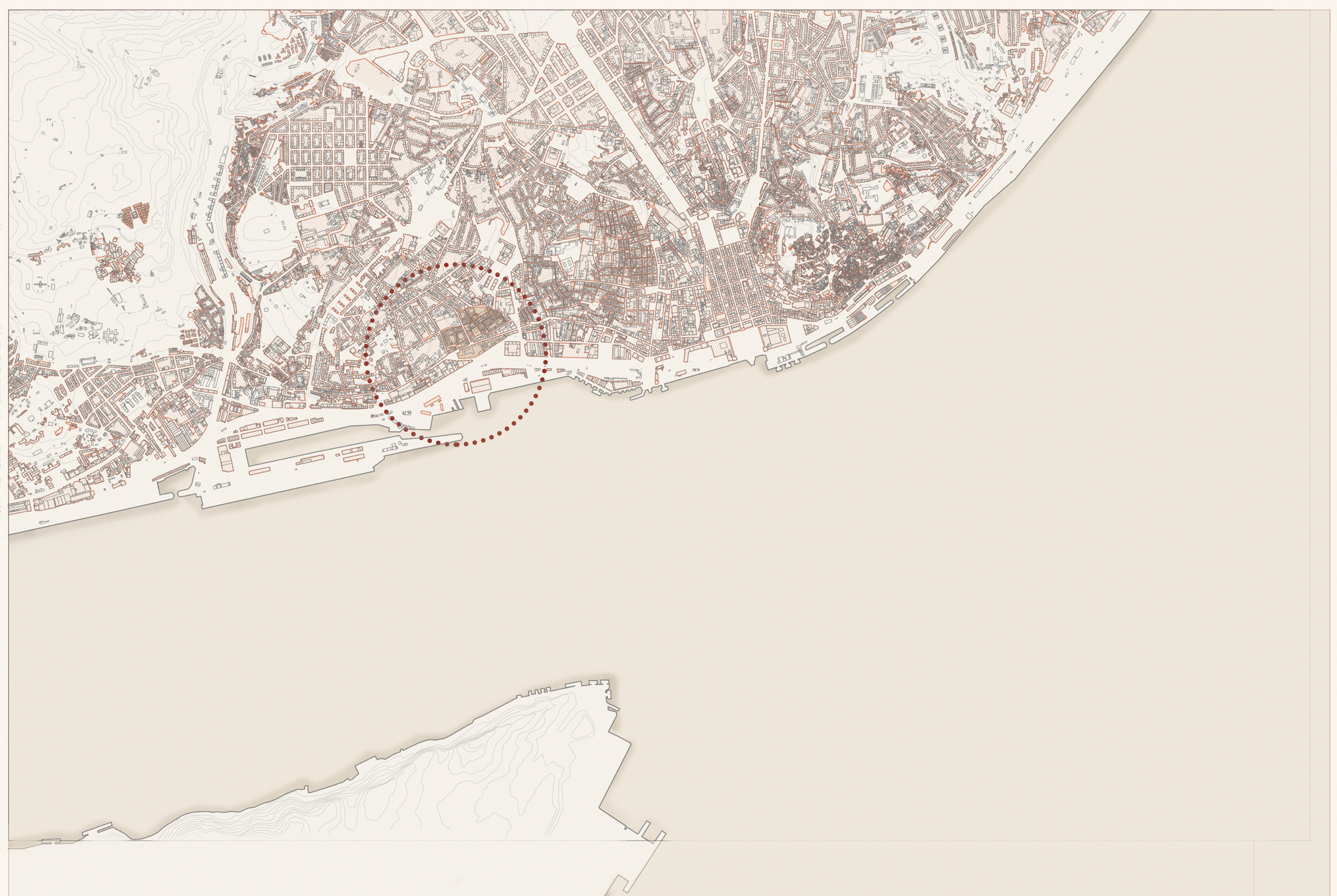


corte bb'







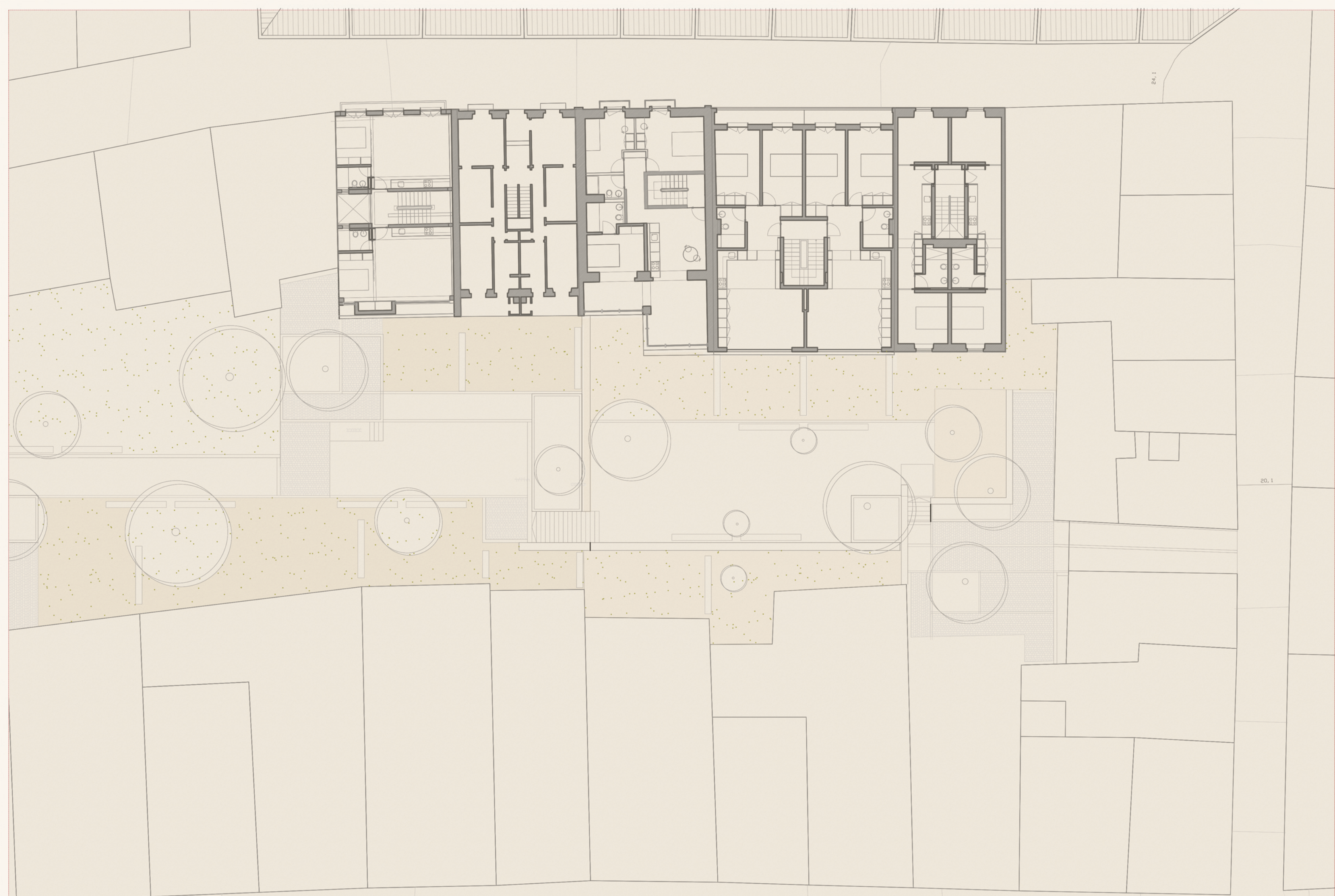






24.1

20.1



1, 2

20, 1



24,1

20,1

